

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ SILON FERREIRA

MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NAS COMUNIDADES DA ZONA NORTE
DE SÃO LEOPOLDO:
PRÁTICAS PASTORAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS DESENVOLVIDAS POR
SUJEITOS SOCIAIS EM TORNO DA AÇÃO DO PE. ORESTES STRAGLIOTTO

SÃO LEOPOLDO

2014

José Silon Ferreira

MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NAS COMUNIDADES DA ZONA NORTE
DE SÃO LEOPOLDO:

Práticas pastorais, sociais e políticas desenvolvidas por sujeitos sociais em torno da
ação do Pe. Orestes Stragliotto

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação *de Ciências Sociais* da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea

São Leopoldo

2014

José Silon Ferreira

MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NAS COMUNIDADES DA ZONA NORTE
DE SÃO LEOPOLDO:

Práticas pastorais, sociais e políticas desenvolvidas por sujeitos sociais em torno da
ação do Pe. Orestes Stragliotto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *de Ciências Sociais* da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos A. Gadea – UNISINOS

Prof. Dr. Ivo Follmann – UNISINOS

Prof. Dr. Sandra A. Cerveira – UNIFAL-MG

AGRADECIMENTOS

*Em primeiro lugar, agradeço à minha esposa Simone, que partilhou comigo as alegrias e as angústias pelas quais passei durante a elaboração deste trabalho, me ofertando sempre seu apoio incansável e incentivador. “**Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção**” (Saint-Exupéry).*

Aos meus pais já falecidos por terem me amado e ensinado que a vida é bela quando temos muitas pessoas que nos amam.

Aos meus filhos, José Eduardo e Ana Carolina, aos quais dedico todo meu amor, agradeço a compreensão pelas minhas longas horas de ausência em suas vidas. Saibam que procurei neste tempo dar qualidade aos momentos que passamos juntos. Desculpe se não consegui.

Aos meus primos Alexandre, Leandro e Sandro, quero dizer que são fonte de inspiração intelectual e que contribuíram muito para o meu aprendizado e busca do conhecimento.

*A todos os meus **amigos**, os quais nem sempre pude desfrutar da companhia, mas que estão efetivamente presentes no meu coração.*

Ao meu orientador e amigo, o Prof. Dr. Carlos Gadea, pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade. Agradeço, principalmente, pela confiança depositada no meu trabalho de dissertação.

Ao Padre Hilário Dick, agradeço em nome da minha família, pelo carinho, atenção, pelas tardes de domingo, pelos cafés e pelas laranjas doces e feias. Acompanhar é cuidar, amar. Obrigado pelo cuidado.

À Fraternidade Apostólica da Boa Nova que disponibilizou seu acervo para minha pesquisa, em especial ao Pe. Edson Thomassim pela confiança e disponibilidade.

Aos amigos, professores do PPGCS que estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando em todos os momentos. Abraços aos colegas Jean, Tiago, Admilson, Lígia, Beti, Aline, Sabrina.

Endereço ainda meus agradecimentos a todos que colaboraram com suas memórias para formulação desta dissertação: Fábio Bernardes, Ary Vanazzi, José Fagundes, Vigilio Pinamonti, Rosete, Ireneo Massoco, Neusa, Pe. Flavio e muitos outros que não terei espaço para citar. Muito Obrigado.

*O nosso inimigo é a falta de evangelização,
nossa ignorância, o espírito do mundo,
a politicagem que se alimenta da miséria
e da fome do povo.*
(Pe. Orestes Stragliotto)

LISTA DE GRÁFICOS, MAPAS, IMAGENS E FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Crescimento populacional de São Leopoldo, de 1970 a 1990, cf. os dados da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul..... | 13 |
| Mapa 1 – Expansão Urbana do Mun. de São Leopoldo (Pref. Mun. de SL)..... | 14 |
| Mapa 2 – Limites geográficos da Paróquia Santo Inácio (FABN)..... | 35 |
| Imagem 1 – Jornal VS – Transferência dom Sinésio | 40 |
| Imagem 2 – Encontro dos PACs | 41 |
| Imagem 3 – Pe. Orestes em visita a famílias | 100 |
| Imagem 4 – Foto do Arquivo PMMP(2000) | 106 |
| Figura 1 – Primeira Assembleia Paroquial – 30 de Junho de 1985..... | 17 |
| Figura 2 – Cartaz da 7º Romaria da Terra, em Canoas | 32 |
| Figura 3 – Foto da Igreja Santo Inácio com a água já na altura das janelas (1984).. | 33 |
| Figura 4 – Resultado da Primeira Assembleia Paroquial das Comunidades (1985) . | 37 |
| Figura 5 – Circular emitida por Dom Sinésio em Apoio aos Colonos | 39 |
| Figura 6 – Cartaz de divulgação da Caminhada | 43 |
| Figura 7 – Carta convite para manifestação Pró-Dique..... | 43 |
| Figura 8 – Mapa feito a mão delimitando o local das comunidades | 46 |
| Figura 9 – Organograma da Caritas..... | 48 |
| Figura 10 – Jornal ZH 15 /11/99 Reportagem sobre acusações ao Orestes..... | 50 |
| Figura 11 – Reportagem Jornal VS 26 /03/2001 – Prêmio sobre os DH..... | 51 |
| Figura 12 – Jornal Vale dos Sinos, 30 de Abril de 1986 – Comitê Pró-Dique e Pastores e Padres..... | 94 |
| Figura 13 – Convocação para reunião | 96 |
| Figura 14 – Estudantes da EST com instrumentos musicais e, atrás, os cartazes da catequese..... | 98 |
| Figura 15 – Inauguração do Projeto Barracão – Jornal VS 02/04/1987 | 102 |
| Figura 16 – Organograma do CECAM | 105 |
| Figura 17 – Cópia de recibo encontrado nos arquivos | 108 |
| Figura 18 – Jornal VS 02/09/1986 – Fornos Comunitários..... | 110 |
| Figura 19 – Jornal VS 02/11/1986 – Experiências dos Fornos Comunitários..... | 113 |
| Figura 20 – Texto de opinião publicado no VS 11/06/2002..... | 126 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| CEBI | Centro de Estudos Bíblicos |
| CEBs | Comunidades Eclesiais de Base |
| CECA | Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria |
| COM | Centro de Orientação Missionária |
| CNBB | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| CPT | Comissão Pastoral da Terra |
| FABN | Fraternidade Apostólica da Boa Nova |
| Vat. II | Concílio Vaticano II |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IHU | Instituto Humanitas Unisinos |
| LG | Lumen Gentium |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| MOM | Movimento de Moradia |
| MS | Movimento Social |
| NMS | Novos Movimentos Sociais |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| PACs | Projetos Alternativos Comunitários |
| TdL | Teologia da Libertação |

RESUMO

A presente pesquisa investiga a influência da Teologia da Libertação e das experiências vividas nas Comunidades Eclesiais de Base por conhecidos atores sociais da Zona Norte de São Leopoldo, entre eles, o Pe. Orestes Stragliotto, fonte principal da pesquisa em razão dos escritos deixados por ele e de entrevistas com alguns atores envolvidos nas mobilizações, os quais permeiam a análise acerca dos objetivos e hipóteses levantadas. Poucos discordam de que a Teologia da Libertação teve importância significativa dentro – e fora – da estrutura católica na história recente do Brasil. No entanto, estudos de casos de ações efetivas resultantes das práticas teológicas da libertação não são encontrados em profusão na Ciência Sociais. Esta pesquisa apresenta alguns resultados práticos de um estudo de caso da Teologia da Libertação a partir da *práxis* social do Pe. Orestes João Stragliotto e de atores sociais envolvidos pelo método sugerido pela Teologia da Libertação, qual seja, Ver, Julgar e Agir. Como resultado, vê-se que esta prática social resultou na formação de Movimentos Sociais e mobilizações populares na Zona Norte de São Leopoldo. Percebe-se que ela se deu nas décadas de 1980 e 1990 nas Comunidades Eclesiais de Base da Paróquia Santo Inácio, que influenciaram no modo de compreender a relação entre Igreja, política e vida, uma vez que estas práticas transformaram a realidade local e a vivacidade destes atores na institucionalidade política da cidade.

Palavras-chave: Teologia da Libertação. Novos Movimentos Sociais. Comunidades Eclesiais de Base. Atores Sociais.

ABSTRACT

This thesis seeks to investigate the influence of Theology of Liberation and experiences of life that took place in some Basic Ecclesial Communities by social actors in the northern region of Sao Leopoldo city, including Fr Orestes Joao Stragliotto, who is our major source for the research conducted due to his writings and interviews from some social actors that participated in social mobilizations. These writings and interviews permeate our analysis around our objectives and hypothesis raised. Few people would disagree that Theology of Liberation has been important in – and outside – the Catholic structure in the recent history of Brazil. However, we do not find many case studies in the Social Sciences regarding effective actions as results from theological liberation practices. This research presents some practical results of a case study of Theology of Liberation from the social praxis of Fr Orestes Joao Stragliotto and of social actors by means of the method suggested in this theology, that is, See, Judge and Act. As a result, we see that the social practice has resulted the formation of social movements and popular mobilizations in the northern region of Sao Leopoldo. We also see that this practice took place in the 1980s and 1990s in the Parish Santo Inacio's Basic Ecclesial Communities, which has affected the way people understood the relationship between the church, politics and life, once these practices have changed the local reality of the social actor and their vividness in the political institutionality.

Keywords: Theology of Liberation. New Social Movements. Basic Ecclesial Communities. Social Actors.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 SACERDOTE DA ORDEM OU PROFETA DA ESPERANÇA? | 22 |
| 2.1 ALGUNS RECORTES BIOGRÁFICOS | 23 |
| 2.2 ORESTES EM SÃO LEOPOLDO | 27 |
| 2.3 DADOS DE 1982 A 1984 – COMEÇOS | 29 |
| 2.4 ANOS DUROS DE 1985 A 1986 | 34 |
| 2.5 ENFOQUES DE 1987 E 1988 | 41 |
| 2.6 A VIDA POLÍTICA DA PARÓQUIA EM REDE DE COMUNIDADES | 46 |
| 3 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A PRAXIS DO PE. ORESTES | 54 |
| 3.1 PADRE ORESTES, TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E ZONA NORTE DE SÃO LEOPOLDO | 64 |
| 4 COMO A SOCIOLOGIA TRATA OS MOVIMENTOS SOCIAIS/POPULARES? ... | 77 |
| 4.1 ENTRE A ÁGUA PARA MATAR A SEDE (MS PRÓ-DIQUE) AO PÃO PARA MATAR A FOME (FORNOS COMUNITÁRIOS) | 87 |
| 4.2 O MOVIMENTO SOCIAL PRÓ-DIQUE | 87 |
| 4.3 PROJETO BARRACÃO, CECAM E PROJETO MENINOS E MENINAS DA VILA PROGRESSO | 99 |
| 4.4 PROJETO BARRACÃO | 101 |
| 4.5 CENTRO COOPERATIVO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR – CECAM | 103 |
| 4.6 PROGRAMA DE PREVENÇÃO MENINOS E MENINAS DE PROGRESSO – PPMMP | 105 |
| 4.7 FORNOS COMUNITÁRIOS | 109 |
| 5 A VEZ E A VOZ DE LIDERANÇAS | 115 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 127 |
| REFERÊNCIAS | 131 |
| ANEXOS | 134 |
| ANEXO I – Notícia veiculada no jornal VS, abril de 1984 falando sobre a miséria em São Leopoldo | 135 |
| ANEXO II – Fotos de 1954 dos seminaristas Josefinos entre eles Stragliotto | 136 |
| ANEXO III – Ordenação Pe. Orestes | 137 |

| | |
|---|------------|
| ANEXO IV – Missionários e missionárias do COM, CECREI e CECA | 138 |
| ANEXO V – Fraternidade do Evangelho | 139 |
| ANEXO VI – Enchentes de 1983 | 140 |
| ANEXO VII – Comunidades vila Elza, Bom Fim e Novo Sinos..... | 141 |
| ANEXO IX – Cartaz convidando as comunidades em apoio ao MST | 145 |
| ANEXO X – Grupo de teólogos latino-americanos | 146 |
| ANEXO XI – Projeto Pavilhão | 147 |
| ANEXO XII – Carta de apoio a greve dos professores | 148 |
| ANEXO XIII – Documento que relata os lembretes para a 2 Assembleia das comunidades | 149 |
| ANEXO XIV – Informativo bairro Novo Sinos de agosto de 1986..... | 150 |
| ANEXO XV – Recorte do jornal Vale dos Sinos de 30 de julho de 1987 | 151 |
| ANEXO XVI – História do Projeto Pavoniano na comunidade São Jorge | 152 |
| ANEXO XVII – Planta baixa da comunidade Cristo Operário desenhada a mão pelo Pe. Orestes | 153 |
| ANEXO XVIII – Projeto de ajuda financeira para amigos italianos..... | 154 |
| ANEXO XVIII – Continuação | 155 |
| ANEXO XVIII – Continuação | 156 |
| ANEXO XVIII – Continuação | 157 |
| ANEXO XVIII – Continuação | 158 |
| ANEXO XVIII – Continuação | 159 |
| ANEXO XIX – Fotos do acervo pesquisado | 160 |
| ANEXO XX – Organização da II Assembleia da paróquia Santo Inácio | 161 |

1 INTRODUÇÃO

*Para a Teologia da Libertação,
toda a história humana deve ser encarada
a partir dos interesses e das aspirações dos oprimidos.
(Frei Betto)*

No final de 2011 concluí o curso de Ciências Sociais na Universidade do Vale Rio dos Sinos (Unisinos). Meu trabalho de conclusão de curso foi orientado pelo professor Dr. Carlos Gadea, tendo como abordagem empírica uma manifestação popular em favor da construção de um dique às margens do Rio dos Sinos. Tal manifestação ocorreu na década de 1980 na região norte do município de São Leopoldo. Este Movimento Social denominado, na pesquisa, de “Pró-Dique”, surgiu da necessidade de construção de um dique na parte norte da cidade, a qual sofria com as enchentes no período de cheias do Rio dos Sinos. As fontes que embasaram a pesquisa foram deixadas pelo Pe. Orestes Stragliotto – pároco da Paróquia Santo Inácio do Rio dos Sinos, localizada na área atingida pelas águas.

A partir destas fontes foram encontradas outras informações que serviram como ponto de partida para a presente dissertação de Mestrado. Estas novas informações levaram aos seguintes questionamentos: A metodologia, baseada na Teologia da Libertação (TdL) e nas Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), pregadas e assumidas por Stragliotto, poderiam ter influenciado os atores sociais inseridos em outros contextos de mobilizações sociais ocorridas no período investigado? De que forma e em que sentido esses atores foram influenciados? Poderíamos afirmar que a metodologia aplicada nas CEBs da Paróquia Santo Inácio, pelo Pe. Orestes, teve influência na formação de organizações sociais e de sujeitos que atuavam na política institucional na cidade de São Leopoldo?

O cenário que serve como papel de parede no desenvolvimento desta pesquisa é o da Paróquia Santo Inácio, no bairro Rio dos Sinos, São Leopoldo. O período analisado vai de 1982 a 2002.

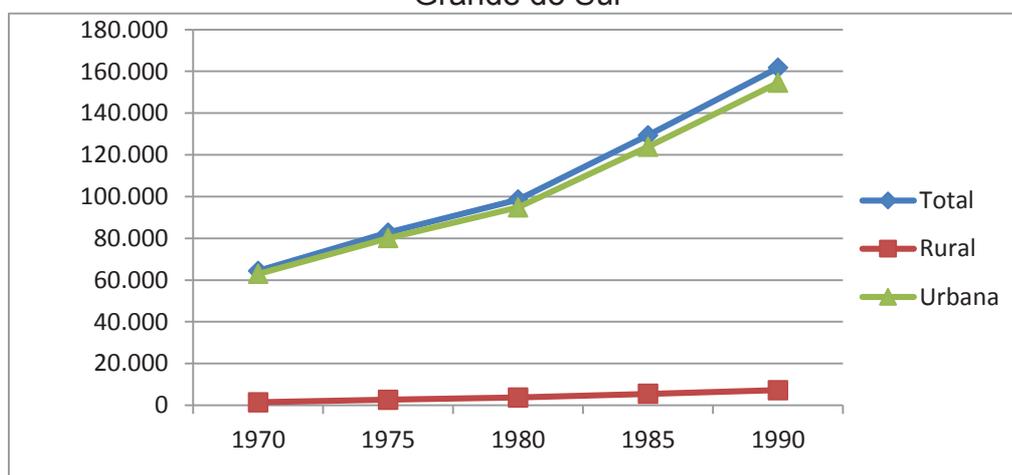
Hoje, São Leopoldo é um município quase totalmente urbano, segundo o censo de 2010, com cerca de 215 mil habitantes (IBGE, 2011), composto por várias etnias e diferentes credos religiosos, inserido na região metropolitana de Porto Alegre. A cidade é conhecida como o berço da imigração alemã no Sul do país. É banhado pelo Rio dos Sinos que divide a cidade, caracterizando-a em duas grandes áreas: ao norte, os bairros Rio dos Sinos, Campina e Scharlau; ao sul, compo o centro da cidade

e os bairros Feitoria, Vicentina, São José entre outros. Percebe-se que as pesquisas históricas sobre a cidade de São Leopoldo consideram somente na direção sul. Com isto, a Zona Norte ou não faz parte da construção da cidade, ou por ser uma região de trabalhadores, não faz parte da construção desta história. A presente pesquisa, apesar de não ser este o seu objetivo central, quer relatar a importância da Zona Norte e de seus moradores na construção da história desta cidade.

A região do Vale do Rio dos Sinos nas décadas de 1980 e 1990 experimentou um crescimento demográfico considerável, em função do desenvolvimento do setor industrial calçadista, impulsionado pela cidade de Novo Hamburgo, aliado às indústrias do setor metal-mecânico, que chegaram à cidade de São Leopoldo por volta de 1970. Neste contexto, a cidade vivenciou um forte crescimento populacional e urbano.

É possível avaliar os índices de crescimento populacional de São Leopoldo conforme a ilustração abaixo (gráfico 1), visualizando o crescimento da população urbana, em detrimento da rural:

Gráfico 1 – Crescimento populacional de São Leopoldo, de 1970 a 1990, conforme os dados da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul



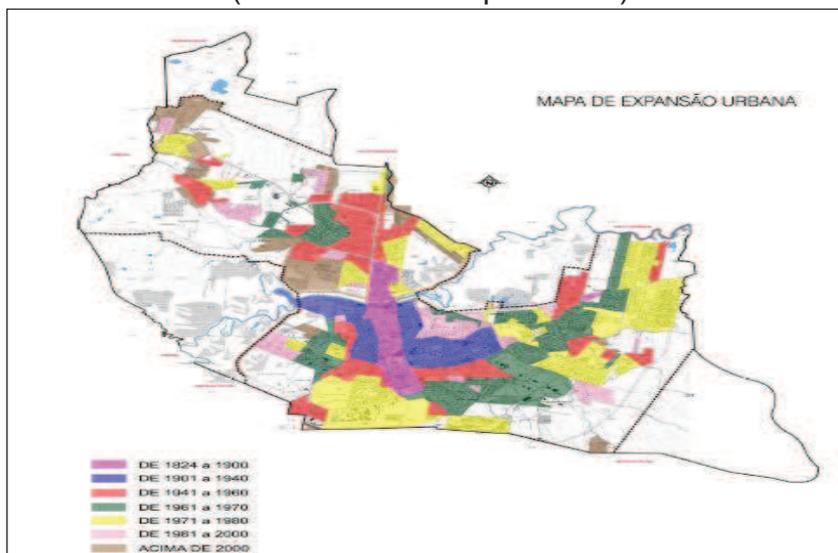
Fonte: IGBE.

Segundo Lucas (2008), a cidade cresce e urbaniza-se, mas este crescimento representa efetivamente o inchaço de moradores, ou seja, milhares de pessoas sendo atraídas diariamente para as periferias, em busca de uma oportunidade de trabalho junto às indústrias que se instalaram na região entre 1970 e 1990. Ou, então, atraídas pelos subempregos da cadeia de produção calçadista.

A margem norte do Rio dos Sinos é compreendida pelos bairros Brás, Santos Dumont, dos Tocos, Rio dos Sinos, Leite, Campina e Arroio da Manteiga além do bairro Scharlau, considerado de classe média pela localização privilegiada e por ser habitado por famílias *tradicionais*. Na época, tais regiões eram os lugares mais procurados pelas famílias que chegavam ao município, porque os lotes eram vendidos por preços muito baixos e, em alguns casos, era comum a ocupação de terrenos próximos às áreas verdes ou próximas aos banhados.

A prefeitura de São Leopoldo disponibilizou em seu site, no ano de 2006, um estudo socioeconômico que mapeou o perfil do município e apresentou seu mapa de expansão urbana (cf. Mapa 1). O mapa a seguir revela como se deu a expansão demográfica do município, com a área central e histórica, sendo a primeira região a ser urbanizada. Ele revela que a periferia da cidade estava em franca expansão nas décadas de 1980 e 1990, em função do fenômeno do aquecimento econômico apresentado anteriormente.

Mapa 1 – Expansão Urbana do Município de São Leopoldo
(Prefeitura Municipal de SL)



Fonte: Arquivo da Câmara municipal de São Leopoldo.

Para entender o que estava ocorrendo em São Leopoldo no período em que nasceram os Novos Movimentos Sociais que desejamos analisar, é necessário conhecer o contexto político das décadas de 1980 e 1990.

Em São Leopoldo, o contexto político não era muito diferente do contexto brasileiro e estadual. A década de 1980 foi governada pela Arena, na pessoa do

prefeito Henrique Prieto, que perdeu o governo da cidade para o PMDB (1984) com o prefeito Waldir Schmidt, que ficou no poder por 12 anos.

Diante deste contexto é que, em 1982, o Pe. Orestes João Stragliotto fixa residência em São Leopoldo, na Paróquia Santo Inácio, situada na periferia de São Leopoldo, no bairro Rio dos Sinos, Zona Norte, com uma área territorial de 12 quilômetros de extensão ao longo do Rio dos Sinos.

Nos documentos¹ encontramos um relato do Pe. Orestes contextualizando os habitantes desta localidade:

Os habitantes são mais de 30 mil, a maioria pobre e miserável. Aumentam a cada ano que passa e se refugiam nas invasões e nas favelas. Eles vêm do interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O “lumpem” (os lascados, ou os trapos humanos), vivem uma situação sub-humana. [...] É muito difícil para quem não conhece esta realidade, compreender o que isto significa. [...] O trabalho com essas pessoas começa com um grande esforço psicopedagógico que os ajude a recuperar a dignidade e a sua humanidade.²

Conhecer a trajetória do Pe. Orestes Stragliotto e entender sua *práxis* pastoral e social a partir dos documentos, escritos e entrevistas ajudará a conhecer e analisar os objetivos desta dissertação.

Na coleta de dados, analisamos a forma como foi aplicada a metodologia que o Pe. Orestes carregava em sua bagagem, no contato com os atores sociais em cena. Buscamos ver se as práticas pastorais e sociais aplicadas pelo Pe. Orestes na Zona Norte tiveram alguma influência sobre as práticas sociais destes atores. Por isso ao buscar recursos para comprovar tais afirmações, nos apoiamos em pressupostos teóricos sobre mobilizações sociais e Novos Movimentos Sociais (NMS). Os teóricos que desenvolvem e escrevem sobre o tema são Maria da Glória Gohn, Ana Maria Doimo, Eduardo Viola e Scott Mainwaring, Carlos Gadea, entre outros. A revisão bibliográfica conduziu esta pesquisa à constatação do marco teórico sobre mobilizações e Movimentos Sociais (MS), investigando os princípios norteadores das ações/intervenções nos autores que estudam a Teologia da Libertação (TdL), confrontando estas posturas com a *práxis* do Pe. Orestes.

Na nossa investigação encontramos muitas mobilizações sociais em torno da prática pastoral e social do Pe. Orestes, porém nos dedicaremos a analisar e

¹ Ver Anexo I – Notícia veiculada no jornal Vale do Sinos, abril de 1984 falando sobre a miséria em São Leopoldo.

² Carta do arquivo da Paróquia Santo Inácio enviada para ENTRAIDE ET FRATERNITE, Bélgica em 27 de janeiro de 1984.

descrever os “projetos alternativos comunitários” que, segundo Stragliotto, “devem ser vistos dentro da ligação fé-vida e exigem criatividade”. Eles se caracterizam pela criatividade, procurando superar o individualismo pela ação comunitária participativa e atendendo às necessidades básicas (alimentação, roupa, saúde, educação, etc.). Nos projetos alternativos que surgirão nas assembleias, priorizamos na investigação os Fornos Comunitários, as creches Barracões, Pavilhões e o Projeto Meninos e Meninas de Progresso.

A forma de organização, de decisão e de prioridades das Comunidades Eclesiais de Bases era definida em assembleia, fruto da vontade coletiva. Para isso, faziam-se reuniões entre os agentes comunitários e entre as comunidades. Foi neste contexto que o Comitê Pró-Dique surgiu em assembleia paroquial no dia 22 de setembro de 1985,³ em razão da prioridade número 1, assumida por todas as comunidades: organizar um movimento social que se posicionasse frente às autoridades, municipais, estaduais e federais, com o objetivo de reivindicar a construção de um dique, necessidade da população da Zona Norte que sofria com as grandes enchentes.

Podemos perceber, no registro abaixo que, a partir desta assembleia, outras prioridades e outras mobilizações sociais irão surgir e que serão as fontes analíticas desta pesquisa:

1ª ASSEMBLEIA PAROQUIAL DAS COMUNIDADES: Realizou-se no Domingo 22/09/85, no salão da Igreja São Jorge, da Campina: Início 8:30h e término às 17:30h. A proposta era de 10 participantes por comunidade. Algumas mandaram menos representantes, outras mais. O número de pessoas oscilou o dia todo entre 100 e 110! [...]

Depois disso partiu-se para trabalho longo em grupos. – 6 grupos de 15 a 18 pessoas para responder a estas 2 questões: 1) Diante dos problemas apresentados escolher 4 problemas mais importantes para serem enfrentados pela paróquia em conjunto. 2) Indicar 3 “coisas” importantes sobre as quais a “Igreja” (os cristãos) devem caprichar mais no próximo ano... No plenário, depois dos relatórios dos grupos, sobraram as seguintes PRIORIDADES:

• Para melhorar a vida do Povo.

1. DIQUE – Comitê – 6 grupos. –

2. CRECHES e posto de saúde – 5 grupos. –

3. CONSTITUÍNTE e REFORMA AGRÁRIA – conscientização – 4 grupos.

4. REVINDICAÇÕES: Água/esgoto/iluminação/telefone/ônibus/calçamento, etc. 2 grupos.

• Para melhorar a vida das comunidades.

1. Dar mais AUTONOMIA às comunidades e descentralização dos trabalhos – tarefas diferentes para pessoas diferentes. Fazer catequese nas

³ Esta assembleia foi fruto de uma convocação feita a todas as comunidades pelo Pe. Orestes Stragliotto em 30 de junho de 1985. Livro Tombo, p. 34.

comunidades. – Consultar mais o povo, preparar as lideranças, fazer intercâmbio dentro e fora das comunidades – 6 grupos.

2. Formação integral, escolas do Evangelho, formação de lideranças jovens, grupo de catequistas, Educação Política. – 5 grupos

3. Jovens e Pastoral da Mulher Pobre – 3 grupos.

Os debates foram intensos depois dos relatórios em vista de clarear as prioridades! Houve ampla liberdade de discussão. [...] Encerrou-se o dia com uma Eucaristia celebrada na Igreja São Jorge. Esta Assembleia representou um marco importante e a 1º reunião geral de todas as comunidades da paróquia: Campestre, Mauá, Elza, Auxiliadora, Brasília, Campina, Vila Leite, Novo Sinos, Rio dos Sinos, Bonfim e Vila Brás. – Foi um momento de muita partilha e muita alegria. Um novo pentecostes para a paróquia Rio dos Sinos. (LIVRO TOMBO, 1985, p. 45-46).

Sendo assim, era através da Assembleia das Comunidades que se estabeleciam as prioridades da população. Doimo (1997, p. 127), ao analisar os movimentos populares, afirma que uma “Assembleia permite discutir melhor o encaminhamento da luta, leva à participação ativa do povo, viabiliza a reflexão conjunta, fortalece a luta e permite, enfim, a participação popular nas decisões”.

Figura 1 – Primeira Assembleia Paroquial – 30 de Junho de 1985



Fonte: Arquivo FABN.

O projeto Entre-Ajudas surge a partir desta Assembleia como uma mobilização para reivindicar demandas ligadas ao saneamento básico, água, esgoto, energia

elétrica para as comunidades. Em um dos relatos escritos encontramos esta mobilização, cobrando da prefeitura a instalação de rede de água para a Vila Brás.

Outra prioridade que aparece na assembleia dá origem a um grupo chamado de Promotoras Populares de Justiça, iniciando a Pastoral da Mulher Pobres que surge entre as comunidades como força feminina. Nos relatos, este grupo aparece, por vezes, como Comitê de Mulheres. Entre algumas ações elaboradas pelas Promotoras Populares de Justiça destaca-se a recepção dos colonos da Fazenda ANONNI,⁴ em junho de 1986. Eles chegaram no dia 19 de junho, em São Leopoldo, vindos de Ronda Alta, em caminhada. Nas palavras de Stragliotto (LIVRO TOMBO, p. 35): “Sacudiu a consciência do Rio Grande”. Foi fundamental a organização da logística do Comitê das Mulheres para receber os 250 colonos e suprir as necessidades do grupo, como: comida, água e lugar para descanso.

Doimo (1997), ao concluir o capítulo sobre a evolução dos movimentos reivindicativos, considera que o objetivo deles bem como as conexões ativas que entre eles se tecem é precisamente o estabelecimento de condições de continuidade entre movimentos virtualmente localizados, diversos e fragmentados. Com isto, ela afirma a importância da influência da Igreja Católica na articulação e no protagonismo de seus membros em tais movimentos, quando diz:

E, neste sentido, a Igreja Católica se sobressai por contar com uma estrutura de dimensão nacional, ramificada capilarmente por todo o tecido social. Seriasurpreendente, se não soubéssemos que a lógica consensual-solidarística que ela preza é precisamente a mesma que rege os movimentos de ação-direta: participação entre iguais, consenso e solidariedade, afastando mediadores que, regidos pela lógica racional-competitiva, costumam dividir a comunidade de iguais. (DOIMO, 1997, p. 119).

Outro autor que ajuda a analisar tais mobilizações é Melucci (1999). Este analisa as ações coletivas, diferentemente das abordagens clássicas do marxismo e da sociologia norte-americana de viés funcionalista, nos quais os Movimentos Sociais são concebidos de três formas diferentes: como um efeito de crises estruturais, como contradições, ou uma expressão de crenças e de orientações compartilhadas. Melucci

⁴ A ocupação da Fazenda Annoni é considerada um marco na história da luta pela terra e do próprio MST. A ocupação foi a primeira realizada por famílias já organizadas no MST, que foi criado em 1984, durante um congresso na cidade gaúcha de Erval Seco. Além disso, também foi uma grande conquista para os agricultores que estavam acampados desde o final da década de 1970 na beira de estradas. Expulsos de suas terras, que haviam sido demarcadas como indígenas e, sem receber indenização do governo federal, os camponeses não tinham para onde ir. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

(1999, p. 38) afirma que “os Movimentos Sociais são construções sociais [...] sistemas de ação no sentido de que suas estruturas são construídas por objetivos, crenças, decisões e intercâmbios, todos eles operando em um campo sistêmico.”

Em sua análise, a ação coletiva contemporânea, representada pelos Movimentos Sociais, assume formas subjacentes na vida cotidiana. Tais movimentos enaltecem os indivíduos neles inseridos que vão elaborando um novo discurso, novos códigos e experimentando novas formas de poder, através de práticas descentralizadas e democráticas que, por sua vez, expostos na cena pública, mostram aos representantes institucionais que outra relação de sociedade e forma de vida são possíveis.

Seguindo por esse viés, a pergunta-base desta pesquisa é: Qual influência da prática sociopolítica da Teologia da Libertação e da *práxis* pastoral e social do Pe. Orestes Stragliotto na Zona Norte de São Leopoldo? Afirmamos, por isso, que o objetivo geral será identificar as diversas práticas pastorais, políticas e sociais desenvolvidas, no período em que o Pe. Orestes Stragliotto permaneceu na Zona Norte, relacionando-as com a metodologia da Teologia da Libertação e Mobilizações Sociais.

Na construção desta pesquisa, utilizamos diversas fontes deixadas pelo Pe. Orestes Stragliotto, encontradas e guardadas entre os amigos e companheiros de caminhada, seja em forma de acervo, como em material disponível na Fraternidade Apostólica da Boa Nova (FABN), seja em forma de recortes na história de outras instituições, como o caso das instituições elencadas neste projeto. Temos como fonte primária: 70 diários escritos a punho por Stragliotto, três livros Tombo,⁵ um acervo de cartas e 1200 fotos deixadas em arquivos, que nos ajudarão a conhecer e analisar este estudo, bem como os depoimentos dos atores sociais envolvidos neste processo.

Entre os muitos atores sociais citados nas fontes, optamos por entrevistar alguns envolvidos com os projetos citados: Ary Vannazzi (vereador, deputado estadual e prefeito municipal nas gestões 2004-2012); Fábio Bernardes (coordenador pedagógico da Associação dos Meninos e Meninas de Progresso (AMMEP)); Ireneo Massoco (presidente da AMMEP); Pe. Flávio Correa (pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo); José Fagundes (coordenador da Juventude do

⁵ Código do Direito Canônico 535, § 1. “Em cada paróquia, haja os livros paroquiais, isto é, o livro de batizados, de casamento, de óbitos, tomo, e outros; cuide o pároco que esses livros sejam cuidadosamente escritos e diligentemente guardados”.

Governo do Estado do RS, Departamento ligado à Secretária dos Direitos Humanos) e Viggilio Pinamonti (colaborador italiano dos projetos sociais).

Nossa pesquisa teve os seguintes passos: um levantamento dos dados existentes nestes materiais e que apresentamos no decorrer dos capítulos; a elaboração de entrevistas com a ideia de deixar os entrevistados falarem livremente (entrevistas pouco dirigidas). Depois de algumas perguntas de identificação, eram feitas duas perguntas mais amplas, do tipo: Qual a sua relação em torno das práticas pastorais, políticas e sociais do Pe. Orestes Stragliotto e qual a influência dele em sua formação (vida). Além disso, foi feito uso de uma leitura aprofundada dos referenciais teóricos citados na bibliografia desta dissertação.

Utilizando os diários, anotações, publicações e imagens de forma sistematizada, buscamos contribuir para a revalorização do indivíduo na história e, por isso, a uma revalorização da lógica de suas ações pautadas em intenções que são escolhas em um campo de possibilidades que tem limites, mas oferecem alternativas.

A história cultural está no centro dessa metodologia, em conjunto com a *nova* história política e a *nova* história social, cujas fronteiras são fluidas e móveis, o que é próprio da vanguarda.

A história oral como opção metodológica de pesquisa complementa o material oferecido pelas fontes primárias ao permitir conhecer e aprofundar conhecimentos específicos sobre determinada realidade apresentada nos escritos e imagens, além de incluir, no rol de fontes, os relatos de elementos sociais que não deixam registro de sua história, possibilitando, desse modo, que quem não conta sua história tenha sua história contada: a história das minorias.

No relato do indivíduo, conforme Lang (1996, p. 45), estão os elementos sociais que constroem seu momento histórico:

O relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais.

Para vislumbrar estas fronteiras, contamos com a mão amiga dos companheiros de fé e de vida de Pe. Orestes, que gentilmente dispuseram todo seu acervo particular citado nesta dissertação.

Também as imagens são utilizadas como apoio na pesquisa, devido ao acervo de fotos mantido pelo religioso. Nesse sentido, é fundamental salientar seu papel metodológico de apoio, como sugere Lissovsky (1983, p. 118):

O sujeito, quando olha a fotografia, estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. Como a distribuição dos objetos no espaço não é gratuita, tudo se posiciona no espaço, devendo ser levadas em consideração as relações entre os objetos. A orientação dos corpos também não é gratuita, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, de disciplina [...]. A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida.

A presente dissertação está dividida em seis capítulos. O primeiro contempla a introdução e o sexto algumas considerações finais. No segundo capítulo apresentamos um recorte da biografia do Pe. Orestes Stragliotto, privilegiando o período de 1982 e 2002, período durante o qual viveu e atuou nas comunidades católicas da Zona Norte de São Leopoldo. Neste mesmo capítulo, achamos oportuno apresentar um breve histórico da Teologia da Libertação no Brasil.

No terceiro capítulo, vemos como a *práxis* social e pastoral do Pe. Orestes se encontra com a da Teologia da Libertação, sua trajetória, o lugar e as mudanças no contexto social. Vemos também que a Teologia da Libertação e os Novos Movimentos Sociais são o eixo do movimento, mas sua dinâmica é dada por Stragliotto e por figuras encontradas ao longo da pesquisa.

No quarto capítulo, fazemos uma abordagem de como a sociologia trata os Movimentos Sociais Populares, diferenciando os Velhos Movimentos Sociais dos Novos Movimentos Sociais. O capítulo privilegia um aprofundamento maior no Movimento Social Pró-Dique e a formação de mobilizações sociais que surgiram a partir das necessidades da população.

No quinto capítulo damos voz aos sujeitos sociais envolvidos neste processo. Aqui deixamos os entrevistados falar sobre a figura do Pe. Orestes e quais as suas relações com os movimentos descritos neste trabalho.

2 SACERDOTE DA ORDEM OU PROFETA DA ESPERANÇA?

Escolher a vida de alguém como propósito para estudo seria um meio de fazer memória de experiências vividas e que, provavelmente, sejam lembradas na medida em que os fatos vão sendo vasculhados, confrontados pelos mais diversos ângulos e opiniões e, por fim, apresentados como se aquela história de vida estivesse acontecendo no presente de quem as reescreve ou relembra. O motivo da escolha surge geralmente devido a uma identificação, consciente ou não, com o caso averiguado. Pode também partir de uma mera curiosidade acerca do modo de vida da pessoa ou, simplesmente, porque vale a pena construir ou reconstruir a conexão entre a sociedade e a pessoa que por ela passou.

O que justifica a opção que fizemos? Percebemos que há, na atualidade, uma tendência projetada pelos meios de comunicação de massa identificando a perda de interesse dos estudiosos, em especial da área de Ciências Sociais, pela temática “teologia da libertação” no Brasil. A realidade sociopolítica, econômica, cultural e religiosa da sociedade brasileira sofreu intensas modificações nas últimas décadas, o que obviamente influenciou, também, nas transformações do catolicismo. Entretanto, consideramos que diversos aspectos dessa manifestação do catolicismo influenciaram e foram influenciados por análises sociológicas, antropológicas e históricas e, até mesmo, desenvolvendo uma teologia com características próprias da modernidade e da vinculação das análises teológicas com as análises sociais, denominada Teologia da Libertação. É o que desejamos estudar neste estudo dos novos Movimentos Sociais em São Leopoldo.

Vimos, ainda, que os aspectos da subjetividade moldados a partir da concordância ou não com os projetos assumidos por Pe. Orestes Stragliotto podem fazer sobressair o entendimento do poder de atração ou mesmo de repulsão de elementos da Teologia da Libertação nos fiéis católicos ou naqueles que com ela tiveram contatos diretos ou indiretos. Dessa forma, o aprofundamento pode nos proporcionar uma maior compreensão da eficácia simbólica dos projetos desse tipo de catolicismo no campo brasileiro, ao menos no que diz respeito aos limites da Paróquia Santo Inácio do Rio dos Sinos, entendendo não somente os aspectos físicos desses limites, mas a abrangência projetada de tais elementos simbólicos para ações religiosas e sociais mais amplas em outros espaços.

Objetivamos, por isso, identificar os principais elementos da personalidade subjetiva do Pe. Orestes Stragliotto, externados em suas experiências individuais e coletivas, assim como em sua história de vida, propulsores de um elo entre ele e os que mantiveram contato com sua prática e atuação na Zona Norte de São Leopoldo. Nesse processo de averiguação da pessoa de Pe. Orestes Stragliotto e seus atrativos, buscamos entender a repercussão dessa identidade hoje dos que com ele tiveram algum contato. Até que ponto suas vidas foram pautadas com base em algum princípio indicado pela fala ou ação de Stragliotto? Teria a personalidade subjetiva, o heroísmo mítico, a santidade, o martírio e o sacrifício imputados a esse religioso, alguma consonância com a mensagem por ele proposta aos fiéis? Para fundamentarmos nossa argumentação, faz-se necessária uma breve identificação de pontos fundamentais de sua vida.

2.1 ALGUNS RECORTES BIOGRÁFICOS

Não pretendemos aqui fazer uma biografia. Conforme Bourdieu (1996), há uma ilusão retórica no esforço biográfico. Esse impõe a necessidade de constituição de uma experiência de vida repleta de sentido como se a vida apresentasse uma trajetória linear. Acautelados por essa proposição do autor, entendemos que os fatos apresentados aqui contêm a intenção clara de construir alguns significados para compreendermos a inserção de Stragliotto na Zona Norte de São Leopoldo como agente social. Portanto, os fatos identificados servem para conduzir “à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. (BOURDIEU, 1996, p. 189).

Neste contexto, fatos destacados da vida de Stragliotto estão em relação direta com o contexto social já identificado, ou seja, a idealização de sua presença em uma região considerada como carente de serviços públicos essenciais e de sua pertença a uma proposta religiosa e sociopolítica que destacava as reivindicações e conquistas sociais. Os pontos biográficos que queremos destacar se referem à sua procedência, sua formação acadêmica e sua trajetória religiosa.

Um homem da Igreja comprometido com a vida do povo: João Orestes Stragliotto nasceu no dia 10 de dezembro de 1928, membro de uma grande família de descendentes de italianos, do Distrito de Galópolis, de Caxias do Sul-RS. Seus pais

eram José Stragliotto e Ighes Baschera. Tiveram 12 filhos. O pai era cultivador de vinha e oleiro. Também foi pedreiro, tendo sido o construtor da Igreja de Galópolis. Sua mãe foi uma das personalidades mais influentes na trajetória de vida do Pe. Orestes.

Em 1947, Orestes Stragliotto faz os primeiros votos na Congregação dos Josefinos de Murialdo. Iniciou os estudos teológicos em Roma no ano de 1954.⁶ Estudou teologia intensamente, alegando que não teria conseguido estudar filosofia satisfatoriamente, em razão das responsabilidades que tinha com as obras sociais da Congregação. Empenhou-se, de modo especial, no estudo de história da Igreja e da liturgia.

No dia 17 de maio de 1956, na Itália, Orestes recebe as Ordens Sacras menores – que significam um começo de caminhada para o sacerdócio. Depois de concluir o curso de Teologia em 22 de março de 1958, na cidade de Viterbo, na Itália, Orestes é ordenado sacerdote.⁷ Retornando ao Brasil no mesmo ano, foi trabalhar na obra social da Congregação dos Josefinos de Murialdo, no bairro Partenon, em Porto Alegre, atuando também na paróquia São José do Murialdo, no período em que nascia a famosa procissão do Morro da Cruz, nas sextas-feiras santas.

Stragliotto vive o contexto do Concílio Vaticano II⁸ (1962-1965), desde seu anúncio pelo Papa João XXIII, a 25 de janeiro de 1959. O Concílio Vaticano II é a Assembleia Máxima da Igreja Católica no mundo. Esta é, também, a porta de entrada para uma maior abertura da Igreja junto ao mundo contemporâneo. Orestes sofre muito com as mudanças do Concílio e, até mesmo, conforme suas anotações, entra em crise de fé, mas, com o tempo, vai compreendendo o sopro renovador que Deus inspirou na Igreja.

Do pré concílio passei ao post-concílio! Foi uma experiência difícil, mais porque eu pouco entendia do verdadeiro significado que o próprio Concílio representava! Eu estava na CNBB, como secretário, no tempo de Dom Vicente, que sempre admirei, mas o espírito que foi me moldando foi o de Dom Helder Câmara, com o qual trabalhei saudosamente na CNBB do Rio!! (STRAGLIOTTO, 2002, p. 1).

⁶ Ver Anexo II.

⁷ Ver Anexo III.

⁸ O Concílio Vaticano II foi um momento de graça para a Igreja quando, respondendo à convocação do Papa João XXIII, os bispos de todo o mundo se colocaram em oração e procuraram, à luz da fé, descortinar caminhos para responder aos apelos de um mundo em acelerado processo de mudanças sociais e culturais. Na América latina os desafios que se colocavam para a Igreja provinham da situação de pobreza da maioria da população oprimida pela miséria e pela fome. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

No início da década de 1960 o Pe. Orestes torna-se assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no Rio Grande do Sul (seção denominada “Sul 3”). Foi o segundo secretário da CNBB no Rio Grande do Sul, sob a presidência do cardeal Vicente Scherer. Fortemente influenciado pelos ideais de Dom Helder Câmara, vai assimilando o espírito reformador e de abertura do Concílio e se aproxima, também, da Teologia da Libertação. Trabalhou intensamente com o Irmão Antônio Cechin,⁹ colaborando com o surgimento da Romaria da Terra, das Comunidades Eclesiais de Base e do próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Em 1968, Pe. Orestes percebeu a grande mudança em sua vida pastoral. Isto ocorreu durante a 2ª Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, em Medellín, na Colômbia, optando pelos pobres e cuja opção foi reforçada mais decididamente em Puebla, em 1979. Ele próprio deixou registrado em seu Memorandum¹⁰ esta passagem:

Em 1967, fazendo o curso de Catequese e Liturgia nos ISPAC e ISPAL do Rio, acho que completei a “VIRADA” que o Vaticano II precisava provocar na Igreja! Depois do Congresso de Catequese de Medellín e a Assembleia dos Bispos de Medellín, com Dom Helder e Dom Larrain, penetrei nas mudanças pastorais na BASE que o Concílio propunha! Foi nessa época que iniciei os cursos de PASTORAL de Caxias do Sul (C.F.P), em 1968, os cursos missionários do COM, 1970, e os cursos de Catequese e Pastoral Latino-Americano do CECA, 1974/1982. Eles me deram uma ESTRUTURA TEOLÓGICA E PEDAGÓGICA que é a que embasa meu trabalho, hoje! Lidando com sociólogos, antropólogos, teólogos (Pe. Juan Luis Segundo), Biblistas (Carlos Mesters), Espiritualistas (Frei Betto, Frei Mateus Rocha), Pedagogos (Antônio Cechin, Paulo Freire) e com Bispos do RS, do Brasil e América Latina (Dom Avelar, Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Waldir Calheiros, Dom Luiz Fernandes, Dom Paulo Evaristo, Dom Aloísio Lorscheider e Dom Samuel Ruiz), amigos de todo tipo (Pe. Arturo Paoli, Pe. Xavier Gorostiaga, Pe. Simian Jofre, Pe. José Marins, Pe. Alberto Maggi, Pe. E. Balducci, etc.) eu fui amadurecendo uma consciência profunda da Igreja, da própria Bíblia e do mistério de Cristo! É claro que tudo foi sendo questionado e re-questionado!! Ajudando os outros, eu aprendi! Estudando, fui crescendo e tentando uma nova experiência de Igreja aqui no Rio dos Sinos como queria Dom Sinésio, partindo do NADA... TENTEI CAMINHOS NOVOS, na perspectiva do Concílio. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 1).

⁹ Antônio Cechin é professor e religioso da Congregação dos Irmãos Maristas, de Porto Alegre. Nasceu em 17 de junho de 1927, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Atualmente, de idade bem avançada, desenvolve trabalhos com os catadores e recicladores de lixo da cidade de Guaíba, Rio Grande do Sul.

¹⁰ Este memorandum foi escrito por Stragliotto dois meses antes de sua morte e entregue ao bispo da Diocese de Novo Hamburgo, Dom Osvino. A intenção era explicar as práticas pastorais e sociais exercidas na Paróquia Santo Inácio.

Orestes teve no sociólogo e dominicano Frei Betto¹¹ um grande amigo, conforme este autor descreve em sua obra *o batismo de sangue* (1987).¹² Entre 1963 e 1967 é subsecretário da CNBB/Sul e coordenador arquidiocesano. Em 1970, cria o Centro de Orientação Missionária em Caxias do Sul (COM),¹³ com o apoio de Dom Benedito Zorzi, bispo daquela diocese. Trata-se de uma instituição que capacitou muitos religiosos/as, católicos/as e não católicos para as ações missionárias.¹⁴ Tal experiência resultou no seu reconhecimento como personalidade conhecida em todo país e na América Latina. Em 1973 cria, também em Caxias do Sul, o Centro de Evangelização e Catequese (CECA), um centro que passou por Porto Alegre em 1982 e 1983 e, em 1984 se estabeleceu em São Leopoldo, assumindo uma dimensão ecumênica.

Orestes reafirma a opção pelos pobres feita pela Igreja latino-americana em 1979, em Puebla (México), participando da 3ª conferência dos bispos da América Latina e do Caribe, com a presença do Papa João Paulo II. É um tempo de muitos conflitos nos países latino-americanos por causa das ditaduras militares. E também na Igreja muitos religiosos e sacerdotes, bem como leigos e, até bispos, são perseguidos e mortos por se colocarem contra as ditaduras. Neste mesmo ano, Stragliotto participa da criação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), com o objetivo de aprofundar e consolidar a leitura da Bíblia que defende e promove a vida, através da inserção em comunidades eclesiais, grupos populares e Movimentos Sociais.

Em 1982, Orestes deixa registrada, nas páginas do seu diário, a profunda tristeza pela morte de seu pai, aos 77 anos, no dia 2 de janeiro. Neste mesmo ano, em 3 de abril, Orestes recebe uma correspondência do provincial dos josefinos,

¹¹ Autor de 52 livros editados no Brasil e no exterior, Frei Betto nasceu em Belo Horizonte. Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Foi coordenador da ANAMPOS (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais), participou da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares). Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC (São Paulo), ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Foi também consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Disponível em: <<http://www.ube.org.br/biografias-detalle.asp?ID=1005>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

¹² Podemos ler neste livro: Meus conhecidos em Porto Alegre eram raros: O irmão marista Antônio Chechin, o ex-assistente da JEC gaúcha, e sua irmã Matilde, especialista, como ele em catequese, Bernardo Catão, ex-dominicano que apesar de residir em São Paulo passava a semana de trabalho no Sul; o Padre Manoel, que aos fins de semana me acolhia na sua casa paroquial o padre Cavalheira; e, em Caxias do Sul o padre Orestes Stragliotto, amigo desde os meus tempos de adolescência e com quem sempre partilhei o leite e o mel. (BETTO, 1987, p. 56).

¹³ Este centro foi fundado em 1970 pelo Padre Orestes Stragliotto, a partir da necessidade de articulação de teólogos, bispos e leigos e foi um dos principais vetores de difusão, articulação dos sujeitos, produção de material e formação de agentes de pastoral dentro de uma linha da Teologia da Libertação. (Ver COM, s.d., p. 1).

¹⁴ Ver Anexo IV.

comunicando que ele não pertencia mais à Congregação. Orestes, contudo, permaneceu como religioso e não como um padre diocesano, vinculado a um bispo, porém a uma comunidade de vida.

2.2 ORESTES EM SÃO LEOPOLDO

No dia 21 de agosto deste mesmo ano de 1982 Stragliotto assumiu o cargo de pároco da Paróquia Santo Inácio, do Rio dos Sinos, nomeado por Dom Sinésio Bohn, primeiro bispo da Diocese de Novo Hamburgo. Cinco dias após a sua posse, sofreu, com seu povo, a primeira enchente do Rio dos sinos. Esta situação se estendeu durante mais de 5 anos. É nesta ocasião que surgiu, por parte do Pe. Orestes, a necessidade de mobilizar o povo no movimento pró-dique, descrito mais detalhadamente na próxima seção. Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que foi um movimento que projetou o ex-prefeito de São Leopoldo: Ary José Vanazzi,¹⁵ jovem liderança que havia sido recebido pelo Pe. Orestes Stragliotto a pedido de Dom José Gomes, bispo de Chapecó, Santa Catarina, com quem tinha fortes relações de amizade e de compromisso pastoral. Padre Orestes escreve:

*Eu cheguei no Rio dos Sinos, em 21 de Agosto de 1982. Às 18 horas D. Sinésio me empossou como pároco, depois de um longo caminho de sofrimento do povo. O Pe. Roque BRAUN, da Sagrada Família, atendia mais a Unisinos e depois de 02 anos acabou casando. O Pe. Antônio Calsing era doente. Ficava mais na casa da mãe, as irmãs do **Sim** tomavam conta de Santo Inácio e Pe. Odelso (SJ) quando podia atendia a Igreja de São Jorge! Para a minha posse, Dom Sinésio teve que chamar alguns membros da Diretoria nas casas. Ninguém sabia que eu ia ser pároco. Naquela noite, morreu Madre Felicidade, das Irmãs do Sim. Eu fui a São Jorge na missa da manhã e Pe. Odelso, (23/08) me apresentou ao povo de 10/15 pessoas... Fui morar num rancho atrás da matriz, deixando o resto para as irmãs e candidatas. Comigo "tomou posse" o Pe. Ramiro, ainda leigo, preparando-se para ir a Roma para estudar no BÍBLICUM. Ele foi só em 03/09/83(um ano depois). Acompanhei-o nos estudos até assumir a Diocese com Dom Boaventura!*

¹⁵ Entrevista Ary Vanazzi (transcrição literal): E o Pe. Orestes sempre dizia o seguinte: cada vez que chovia. Aqui não morava ninguém. Aqui era mato, banhado. Cada vez que chovia e dava enchente. O Pe. Orestes dizia assim: tu tens que organizar um movimento aqui para nós resolver esse problema das enchentes. É uma vergonha. E me xingava. Era o jeito dele. Daí eu militava no PT numa tendência trotskistas e essa tendência era contra a igreja. Então eu vivia um conflito de militar no PT numa tendência trotskista que era a LIBELU – Liberdade e Luta – um grupo armado no Brasil. E militava na igreja. E aí tinha um conflito. Eu ia levando esse conflito. **Aí nós organizamos o movimento Pro-Dique dentro da cidade.** E eu comecei a coordenar com o Antoninho, com o Sandro, tudo isso era uma gurizada, com o Felício Borella, com o Valmir Vanzela, com o Osório e a família dele, o Nadir, o Jandir, então nós organizamos um grupo e começamos a construir o movimento Pró-Dique. E eu sempre tive uma participação muito forte na comunidade.

*Quando Dom Sinésio, dia 23 de Julho de 1982, me ofereceu a paróquia me disse: “**Eu tenho uma paróquia pobre, abandonada e que ninguém quer!**” Eu logo disse: “**Então eu quero!**” Pedi dispensa da Congregação por 3 anos e me mandei para São Leopoldo. Duas semanas depois veio a 1ª. grande enchente, depois da posse... Em 5 anos, foram 13 enchentes. Por isso, dia 31 de maio de 1987, fechamos a BR 116 por 3 horas, com grande repercussão na imprensa e no Governo do Estado e Federação.*

*A paróquia era uma **CALAMIDADE!** Mas, começando quase do Zero, pensei no desafio que era implantar uma paróquia no espírito do CONCÍLIO! Dom Sinésio me deu todas as faculdades para iniciar um tipo novo de Paróquia...1) **Centrar aos poucos, tudo em Jesus Cristo.**2) **Participação, ativa e decisória dos Leigos** e 3) **Descentralizar em pequenas comunidades.** Depois escrever sobre as experiências...*

Eu era formador de Agentes, tinha bagagem privilegiada. Depois de 06 meses de andanças anônimas pela área da paróquia, comecei a ver onde havia mais abandono e algumas pessoas com as quais eu podia contar! E aí começou a grande aventura desses 20 ANOS !!! (STRAGLIOTTO, 2002, p.3).

Junto com o início da atividade pastoral na Diocese de Novo Hamburgo nasceu a Fraternidade do Evangelho¹⁶ que, em 1993, dará lugar à Fraternidade Apostólica da Boa Nova (FABN), que hoje é a instituição que mantém organizada a vida religiosa e comunitária da fraternidade fundada por Orestes Stragliotto. Neste mesmo ano, Dom Sinésio acolheu um grupo de lideranças eclesiais para morar no território da paróquia Santo Inácio. Dentre eles, esteve o escritor e pregador italiano Pe. Arturo Paoli. Este sacerdote, da Congregação dos Irmãozinhos de Jesus, era um homem de reconhecido respeito e carinho por aqueles que buscavam uma espiritualidade comprometida com os pobres. Em 1985, este sacerdote foi morar no Parque Campestre, no Bairro Campina, em São Leopoldo, dando origem ao que hoje se chama Centro de Espiritualidade Padre Arturo (CEPA), última residência de Pe. Orestes.

Desde a sua chegada à paróquia Santo Inácio, Stragliotto começou a provocar o surgimento de novas comunidades na paróquia, chegando a 23 comunidades,¹⁷ denominadas de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As variadas pastorais, os diversos trabalhos sociais, os grupos de mulheres, os clubes de mães, as cooperativas de trabalho, as creches nas comunidades e o surgimento de instituições como a Associação dos Meninos e Meninas de Progresso (AMMEP), o Centro Cooperativo de Assistência ao Menor (CECAM), o Movimento de Meninos e Meninas

¹⁶ Ver Anexo V.

¹⁷ Orestes escreve no memorandum: Comecei a melhorar as celebrações, preparar catequistas e ministros novos! Visitei as vilas... Em 1985, inauguramos o 1º novo salão (Brás), 05/07/85- Depois Mauá (Arroio da Manteiga) em 17/08/85. – Logo São João do Campestre (29/09/85), Brasília/1986, Vila Elza/1986, Novo Sinos/1986, Gauchinho/1986, etc.” (STRAGLIOTTO, 2002, p. 6).

de Rua, o Projeto Guadalupe, entre outros, que contaram com o apoio de Stragliotto, tanto na implementação quanto na captação de recursos são tratadas a seguir na presente dissertação.

É no contexto de luta pelos direitos sociais dos pobres, contra a fragilidade de condições dignas de sobrevivência da população e dos constantes alagamentos causados pelas enchentes que atingiam as regiões pertencentes à sua paróquia, que Pe. Orestes Stragliotto, fiel aos métodos e à ideologia da Teologia da Libertação (TdL) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, contrapõe a teoria com a realidade e parte para a ação. Clodovis Boff e Leonardo Boff (1985) afirmam a experiência é a raiz da Teologia da Libertação, experiência trabalhada em dois níveis: sacramental e socioanalítico. Os dois teólogos ainda afirmam que, como sacramental,

compreende-se a percepção da miséria da realidade, a indignação ética religiosa face à miséria e a prática solidária de ajuda. Como articulação sócio analítica compreende-se a mediação que consiste em compreender a realidade para então agir eficazmente; a mediação hermenêutica, que é a técnica de interpretação desta realidade a partir da Palavra de Deus, e a mediação prático-pastoral que, na metodologia do Ver-Julgar-Agir, corresponde à ação, uma ação fundamentada na realidade, estudada e iluminada pela Palavra. (BOFF, C.; BOFF, L., 1985, p. 18).

2.3 DADOS DE 1982 A 1984 – COMEÇOS

No dia 10 de dezembro de 1982, o Pe. Orestes transfere o Centro de Evangelização e Catequese (CECA)¹⁸ de Caxias do Sul para rua São Pedro, 642 em São Leopoldo. Em 2 de abril de 1983, depois de oito meses atuando como pároco, Orestes se ausenta da paróquia por nove dias para participar, no Chile e na Argentina, do Encontro Ecumênico do Cone Sul – órgão do qual ele fez parte como secretário executivo. Em 11 de abril deste mesmo ano acontece a Assembleia do CECA para estabelecer os estatutos de entidade jurídica. O Pe. Orestes foi eleito, mais uma vez, presidente.

¹⁸ O CECA nasceu na década de 1970, como espaço de resistência à ditadura militar no Brasil e acolhimento de militantes emigrados da extinta Ação Católica Especializada e de agentes de pastoral das Comunidades Eclesiais Base em gestação no Brasil, além de publicar material de formação quando os órgãos oficiais de imprensa e editoras viviam sob a censura do regime. Apoiado na estrutura do Centro de Orientação Missionária (COM), de Caxias do Sul-RS, promoveu a articulação dos principais mentores da Teologia da Libertação no Brasil, através do Curso Latino-Americano de Teologia Pastoral e diversos espaços de formação de lideranças da pastoral popular, inclusive da América Latina, com os Encontros Ecumênicos de Teologia Pastoral do Cone Sul. A partir de Caxias do Sul, o CECA apoiou a organização da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Comissão da Pastoral Operária do RS e o Movimento de Justiça e Direitos Humanos.

Neste ano acontece um dos primeiros momentos históricos registrados pelo o Pe. Orestes: a criação da Sociedade do Evangelho. Segue excerto do texto original.

Durante o segundo semestre de 1982 as coisas foram se definindo e depois de muita reunião, dias de estudos e de oração, em quatro decidimos fazer o compromisso como fraternidade de consagrados como o nome de SOCIEDADE DO EVANGELHO: Pe. Orestes J. Stragliotto, Ramiro Mincato, Assis Lima e Ildo B. Gass. O grupo passou o dia 18/04/83 em reflexão e oração [...] (LIVRO TOMBO I, p. 62).

Outro fato relevante que marcou o ano de 1983 foi uma grande enchente¹⁹ que invadiu toda a Zona Norte de São Leopoldo. Segundo os registros do Livro Tombo I foram mais de 2.500 pessoas flageladas, sendo a maioria abrigada no prédio do Sindicato dos Metalúrgicos. Escreve o Pe. Orestes (LIVRO TOMBO, p. 66): “1º agosto, às 20 horas, devia começar a novena de Santo Inácio. Mas ao meio dia a água chegou ao bairro Rio dos Sinos, Vila Campina e Vila Glória”.

Em 3 de setembro de 1983 Ramiro Mincato²⁰ parte para Roma para se especializar em Bíblia no Instituto Bíblico de Roma. No dia 30 de setembro chega em Porto Alegre o Pe. Arturo Paoli vindo de Caracas, Venezuela. Padre Arturo era escritor conhecido, pregador famoso de retiros no Brasil desde 1976. Veio para potenciar a Sociedade do Evangelho e criar um centro de Espiritualidade da Teologia da Libertação.

No dia 24 de outubro de 1983, ocorre a primeira viagem do Pe. Orestes para a Europa em busca de auxílio financeiro. Foram 30 dias de contatos com grupos de parceiros Italianos. Esta viagem rendeu recursos financeiros para o CECA e para paróquia.

O ano de 1984 começou com muitas reuniões coordenadas sob as orientações de Stragliotto com agentes comunitários das pequenas comunidades. Esses cargos eram compostos por lideranças de diferentes faixas etárias, inclusive de jovens, os quais planejavam todas as atividades do ano. Dentre essas várias atividades, a prioridade era a criação de novas comunidades.

Em 27 de fevereiro de 1984 acontece, na paróquia Santo Inácio, a primeira reunião da Pastoral da Juventude (PJ). Nesta reunião foi implantado o Centro de

¹⁹ Ver Anexo VI.

²⁰ Companheiro desde o primeiro ano de paróquia foi secretário executivo e administrador no CECA dès 1977 e foi sócio fundador do CEBI nacional em Angra dos Reis-RJ. Hoje é sacerdote incardinado na Diocese de Novo Hamburgo e doutor em Bíblia. Não faz mais parte da Sociedade do Evangelho.

Espiritualidade para a Ação Comunitária (CETACO). Outra reunião ocorreu em março, na Comunidade São Jorge,²¹ onde algumas lideranças trouxeram resultados de visitas e contatos com vários setores e áreas populares da paróquia a fim de iniciar a formação de pequenas comunidades nas diversas áreas não atendidas na região.

Neste mesmo período, Pe. Orestes mobilizou as comunidades a participarem da 7ª Romaria da Terra que aconteceu na Vila Santo Operário, bairro Mathias Velho, em Canoas-RS, em 6 de março de 1984. O mundo urbano e sua incansável luta pela terra urbana e o trabalho foram os enfoques dados pela Romaria, com o lema: *Terra e trabalho para todos, para que todos tenham vida*, denunciando o desemprego e convocando os vileiros: unidos e solidários para uma aliança mais forte entre os pequenos. Participaram do evento 50 mil romeiros unidos pela solidariedade entre trabalhadores rurais e urbanos. As exigências básicas da Romaria foram as reformas agrária e urbana e eleições diretas. Esta Romaria foi um marco decisivo na conquista definitiva da terra pelos ocupantes do “Prado”. Foram ocupadas as vilas Santo Operário e União dos Operários. No que se referia ao aspecto eclesial, eras evidentes o entusiasmo em torno das CEBs e a inserção, por parte de religiosos e religiosas, nos meios populares. Neste contexto, crescia a discussão entre o modelo de Igreja tradicional e a Teologia da Libertação, havendo um confronto entre tendências (do Partido dos Trabalhadores) e entusiasmo pela opção pelos pobres efetivada nas Conclusões da Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Puebla.

²¹ Esta comunidade localiza-se na rua Herval, n. 83, no bairro Campina. Era a única comunidade que a Paróquia Rio dos Sinos atendia na Zona Norte. Hoje a Comunidade São Jorge é Paróquia e tem mais cinco comunidades.

Figura 2 – Cartaz da 7ª Romaria da Terra, em Canoas



Fonte: Livro Tombo II.

No dia 16 de março (1984) foram convocadas algumas pessoas da vila Brasília para a formalização de uma nova comunidade. Com uma inauguração e entronização do Santo Padroeiro São Judas Tadeu é implantada uma das primeiras comunidades da Paróquia Santo Inácio. Nos dias 25 a 28 de maio do decorrente ano, Pe. Orestes esteve em Teresópolis-RJ participando da reunião semestral de um grupo de teólogos que se reunia desde 1974.

A “*Grande Tribulação!*” O período de chuvas começou no mês de maio (1984) e alguns bairros começaram a sofrer com ela: vila Brás, vila Leite, Novo Sinos. No dia 22 de junho o jornal Vale dos Sinos publica a seguinte manchete: “Emergência – prefeitura decreta estado de emergência”. A prefeitura de São Leopoldo calculou que 8 mil pessoas tinham sido atingidas. Na edição do dia 27 de Junho de 85, o destaque

era: Andreazza²² e Jair Soares²³ sobrevoaram a zona alagada e prometem verbas para acelerar a construção do dique.

Figura 3 – Foto da Igreja Santo Inácio com a água já na altura das janelas (1984)



Fonte: Arquivo FABN.

Durante o segundo semestre de 1984 se acentuaram as reuniões das diretorias das comunidades. Uma vez por mês, ao menos, com o padre ou sem o padre, foram se reunindo grupos de pessoas de boa vontade, eleitos regularmente ou a caráter provisório. Essas diretorias (conselhos) funcionavam no bairro Rio dos Sinos, na vila Campina, no Novo Sinos, nas vilas Brás, Brasília e no Parque Mauá. As pessoas compareciam às reuniões cada vez em maior número. Foi assim que nasceu a Comunidade da Vila Elza e Parque Campestre. No Parque Mauá se firmaram as missas no último domingo do mês, às 17 horas, nas dependências Escola Municipal Álvaro Luis Nunes.

No mês de agosto de 1984, Pe. Orestes pensou junto com o clube das mães da comunidade São Jorge, a construção e a criação dos fornos comunitários.²⁴ Na reunião de setembro do decorrente ano estabeleceram-se as primeiras equipes do projeto – intitulado Fornos Comunitários. Isso aconteceu logo no início desta ação na

²² Coronel Mário Andreazza, ministro dos Transportes brasileiro em três governos da Ditadura Militar (1967 a 1974) e ocupou a pasta do Ministério do Interior no governo João Figueiredo de 1979 a 1985.

²³ Jair Soares foi o primeiro governador eleito pelo voto direto depois da redemocratização do país. Em 1982 aconteceram as primeiras eleições diretas para governador no Brasil, desde 1962. Durante o regime militar os governadores dos estados foram impostos pelo governo federal. Os candidatos eram: Pedro Simon pelo PMDB, Alceu Collares pelo PDT, Olívio Dutra pelo PT e Jair Soares pelo PDS, partido originário da ARENA, partido de apoio à ditadura militar. Dutra, Collares e Simon pertenciam a partidos originários da oposição.

²⁴ Sobre os fornos comunitários reservaremos um espaço maior no decorrer desta dissertação.

paróquia, tendo-se a esperança de estender a experiência para todas as comunidades.

Em 3 de outubro de 1984 Orestes viaja para a Europa para participar da ordenação do Pe. Ramiro Mincato, ordenado no dia 7 deste mesmo mês na Igreja matriz da cidade de Rosa, Itália, por Dom Lucas Moreira Neves. Nestes 40 dias de viagem pela Europa, Pe. Orestes faz contatos com diversos órgãos de ajuda a países da América Latina e África, entre eles: ADVENIAT,²⁵ MISEREOR,²⁶ BROT FUR DIE WELT,²⁷ ENTRAIDE ET FRATERNITÉ,²⁸ VASTENAKTIE.²⁹ Estes contatos renderam ajuda em dinheiro para várias atividades da paróquia.

2.4 ANOS DUROS DE 1985 A 1986

No dia 6 de janeiro de 1985 ocorreu a primeira reunião entre os párocos dos bairros Scharlau e Rio dos Sinos com o objetivo de encaminhar os critérios para a reformulação dos limites das paróquias. O bairro Arroio da Manteiga passa a ser atendido pela Paróquia Santo Inácio.

Em 31 de março de 1985 Dom Sinésio Bohn amplia o território da Paróquia,³⁰ passando a compreender, oficialmente, a região do Arroio da Manteiga, com as vilas Brasília, Berger, Elza, Mauá e Campestre. Conforme anotação constante no recorte (Mapa 2), o limite da Paróquia Santo Inácio foi ampliado especificamente para além dos trilhos da antiga estação férrea do Rio dos Sinos.

²⁵ A ADVENIAT tem sua sede na cidade de Essen, na Alemanha, e está diretamente ligada à conferência episcopal deste país.

²⁶ MISEREOR é uma Obra Episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento. Há mais de 50 anos MISEREOR está comprometida com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina.

²⁷ Pão para o Mundo é uma organização de bem-estar dos protestantes das igrejas estatais e igrejas livres na Alemanha.

²⁸ Brotherhood Mutual é um organismo de cooperação para o desenvolvimento. É uma ONG católica. Ela já existe há quase 150 anos na Bélgica e suas ações são para o desenvolvimento no terceiro mundo.

²⁹ A Fundação Episcopal Vastenaktie, da Holanda, foi fundada em 1961 por ordem dos bispos holandeses.

³⁰ Os Limites foram registrados no Regimento Geral da Diocese de Novo Hamburgo, Livro I, folhas 15/v, n. 35/85.

Mapa 2 – Limites geográficos da Paróquia Santo Inácio (FABN)



Fonte: Arquivo FABN.

As anotações realizadas pelo Pe. Orestes e a conservação do material revelam uma percepção da realidade na qual ele se vê inserido. O método de ação pastoral proposto nos espaços de formação é utilizado na prática pastoral cotidiana. A leitura das anotações de Stragliotto, no que tange à análise da realidade na qual está inserido, é uma evidência da metodologia proposta pela Teologia da Libertação.

Em meados de 1985 se concretiza a criação das comunidades Cristo Operário (na vila Braz), São Roque (no Parque Mauá) e São João Batista (no bairro Arroio da Manteiga). Neste mesmo ano ocorre a primeira Assembleia da Paróquia do Rio dos Sinos, na qual foram tomadas várias decisões pastorais e assumidos compromissos com as lutas sociais.

Depois das enchentes de 1984, Pe. Orestes escolheu um grupo de pessoas da Diretoria da Paróquia Santo Inácio que foi pedir a ajuda a Dom Sinésio. O Bispo fez, na hora, um pedido de emergência para a ADVENIAT. Em março de 1985 chegou pelo correio um cheque de 3.152,59 dólares. Outro pedido de ajuda foi enviado a MISEREOR, também da Alemanha para ajudar a área da Campina. Em final de março chegaram, pelo correio, dois cheques no valor total de 6.278,20 dólares. Este valor foi distribuído entre as comunidades da Campina.

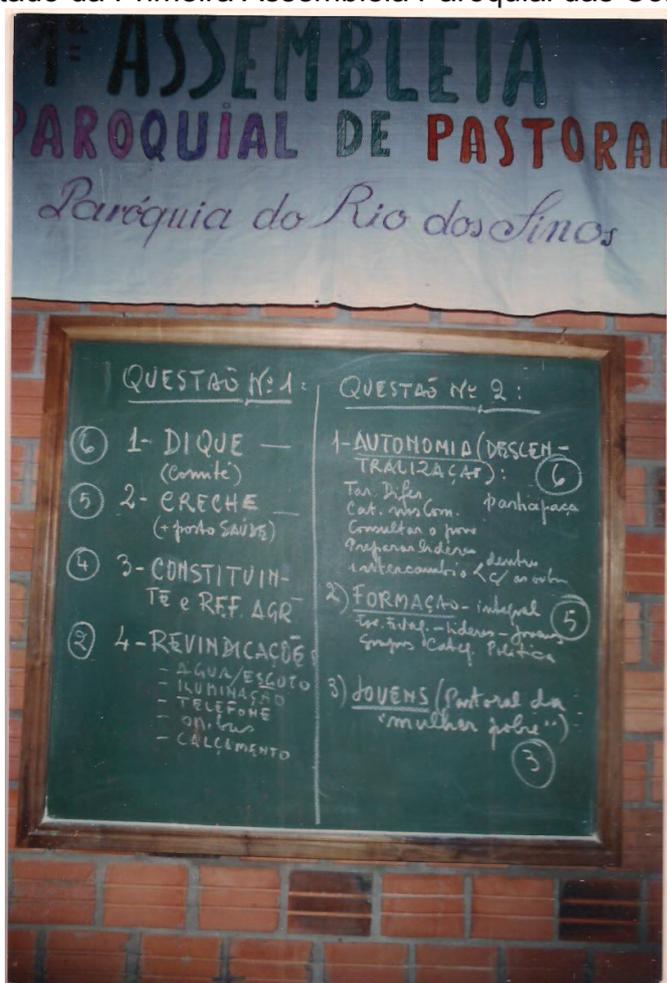
No dia 30 de junho de 1985 aconteceu o encontro de agentes pastorais atuantes na Paróquia Santo Inácio. Neste encontro o Pe. Orestes falou sobre a caminhada das comunidades e sugeriu a instalação de trabalhos populares dentro de cada comunidade. “Queremos descentralizar, formar a autonomia das comunidades”. (LIVRO TOMBO, 1985, p. 33). Neste período existiam nas comunidades Escolas do Evangelho, Escolas de Catequese, conselhos provisórios e definitivos, construções de centros, Escolas de Ministros, cursos de educação política e outros. Com este encontro se inicia uma nova etapa: passa-se da Assembleia de Agentes, para as Assembleias das Comunidades da Paróquia.

Em 13 de agosto (1985) mais uma enchente. Devido às fortes chuvas, o bairro Campina e arredores foram invadidos pelas águas do Rio dos Sinos. Foram “Dez mil flagelados”, segundo o jornal Vale dos Sinos. O nível do rio chegou a 5,70m acima do nível normal.

No dia 22 de setembro, com o objetivo de priorizar as necessidades mais urgentes das comunidades, aconteceu nas dependências da Comunidade São Jorge a primeira Assembleia Paroquial das comunidades. Participaram em torno de 100 pessoas representando as diversas comunidades. Cada comunidade elencou os diferentes problemas vivenciados.

Diante dos problemas apresentados, foram escolhidos quatro problemas mais emergentes para serem enfrentados pela paróquia em conjunto e foram indicados três assuntos importantes sobre os quais a igreja devia melhor para o ano seguinte. Depois do relatório dos grupos, foram escolhidas as seguintes prioridades: 1ª. Criar um comitê Pró-Dique; 2ª. Reivindicar creches e postos de saúde; 3ª. Apoiar e conscientizar o povo da importância da reforma agrária e da constituinte; 4ª. Reivindicar para as comunidades água, esgoto, iluminação, telefone, ônibus, calçamento, etc.

Figura 4 – Resultado da Primeira Assembleia Paroquial das Comunidades (1985)



Fonte: Arquivo FABN.

Neste ano, com o apoio das comunidades, foi criado o grupo Pró-Dique³¹ sob a coordenação de Ary Vanazzi.

O ano de 1986 iniciou-se com outra viagem do Pe. Orestes para a Europa. Esta viagem buscou estreitar as relações no projeto Entre-Ajuda, parceria estreitada pela paróquia nos últimos anos. Neste ano também foram fundadas as comunidades Nossa Senhora Aparecida (na vila Elza), São José Operário (no bairro Novo Sinos) e São Francisco (na vila Brás).³² Com a criação destas comunidades a paróquia já contava com 11 centros comunitários.

Em consonância com as prioridades da assembleia, em março de 1986 as comunidades da vila Brás se organizaram para reivindicar água para as ruas 9 e 10 e os fundos da rua grande, a principal estrada de acesso para os moradores. Como a

³¹ Sobre este movimento desenvolveremos um maior aprofundamento mais adiante.

³² Ver Anexo VII.

solicitação não foi atendida pela prefeitura, os próprios moradores, em mutirão, instalaram canos d'água, fato que gerou o primeiro conflito com as autoridades municipais. Ao final desta pesquisa encontra-se uma carta enviada pelo Pe. Orestes para a Secretária de Águas e Esgotos. (Cf. anexo VIII).

Em 30 de maio a polícia fecha uma clínica clandestina de aborto no bairro Scharlau. Diante deste fato polêmico o jornal VS³³ entrevista Pe. Orestes sobre o tema. Segue-se um excerto da entrevista:

A vida é um dom absoluto. Uma ação direta para tirar a vida de uma certa pessoa, é crime. Geralmente, em nossa sociedade machista, muitas vezes o aborto é a solução para o problema de filhos de classe média, para não comprometer o nome da família. (Jornal VS, 30/05/1986).

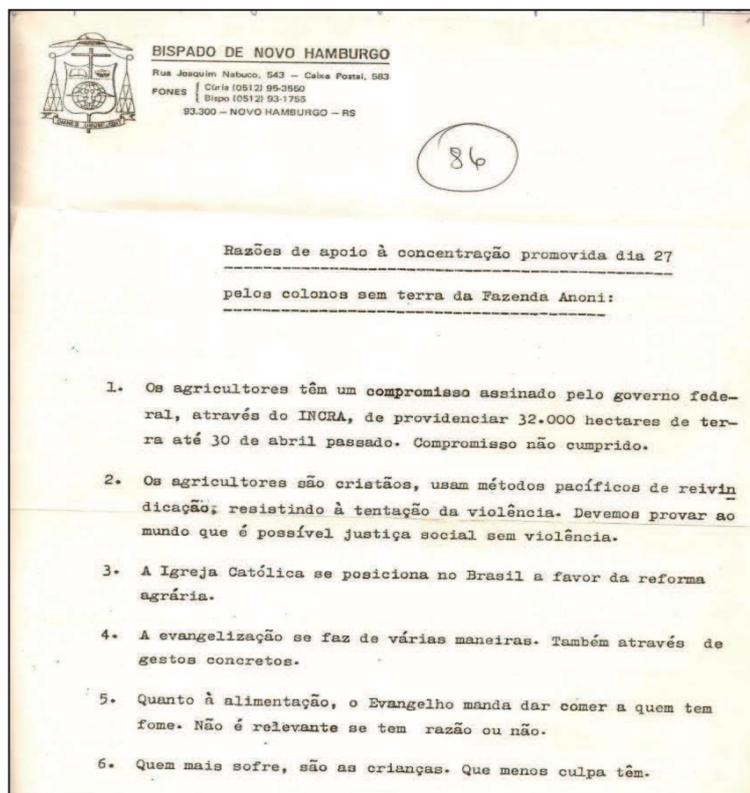
No dia 19 de junho de 1986 a Paróquia Santo Inácio acolhe a Romaria Conquistadora. Vindos do município de Ronda Alta Fazenda Anonni,³⁴ em torno de 250 colonos, em direção a Porto Alegre, para protestar contra a falta de terra e o atraso da reforma agrária.³⁵ Nesta ocasião, Dom Sinésio Bohn divulgou uma circular de apoio aos colonos sem-terra da Fazenda Anoni.

³³ Jornal Vale dos Sinos, edição de 30 de maio de 1986, cadernos da Mulher.

³⁴ Sobre esta manifestação existe uma rica documentação no Livro Tombo II p. 73-75.

³⁵ Ver Anexo IX.

Figura 5 – Circular emitida por Dom Sinésio em apoio aos colonos



Fonte: Livro Tombo II.

No mês de agosto de 1986 é criada, nas dependências do CEDOPE,³⁶ a Escola de Agentes Pastorais (ESAP), tendo a Paróquia Santo Inácio inscrito 15 alunos. Também em agosto chegam os primeiros italianos para estágio na paróquia vindos da Diocese de Trento. Eles permaneceram 22 dias e seguiram um programa rígido de contatos com a realidade das vilas pobres, estudos e reflexões, dando início ao projeto Entre-Ajudas³⁷ Brasil-Itália.

Em 14 de agosto de 1986 os jornais oficializam a transferência de Dom Sinésio Bohn para a cidade de Santa Cruz do Sul. João Paulo II anuncia Dom Boaventura Kloppenburg³⁸ como o novo bispo de Novo Hamburgo.

³⁶ Centro de Documentação e Pesquisa localizado na antiga sede da UNISINOS.

³⁷ Sobre este projeto dedicaremos um estudo mais aprofundado em outro momento.

³⁸ O significado político da substituição de Dom Sinésio Bohn, segundo Pe. Orestes, fica claro quando analisa o nome do sucessor. O novo bispo é o frei Boaventura Kloppenburg, que em 1984 ficou famoso por seus ataques à Teologia da Libertação numa violenta polêmica com frei Leonardo Boff. Exatamente por seus ataques à Teologia da Libertação, frei Boaventura atraiu a simpatia da hierarquia interessada em despolitizar a igreja católica. (LIVRO TOMBO, II, p. 78).

Imagem 1 – Jornal VS – Transferência dom Sinésio

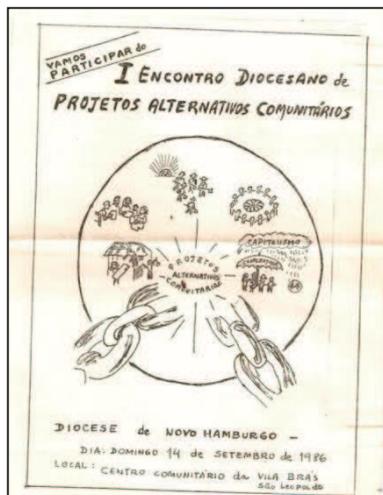


Fonte: Livro Tombo II.

Em 14 de setembro de 1986 a vila Brás é palco do encontro diocesano de Projetos Alternativos Comunitários (PACs). Este encontro procurou reunir, para uma formação pedagógica, grupos da paróquia, entre eles: fornos comunitários, clube de mães, creches. Os PACs são interpretados pela Caritas³⁹ como instrumentos pedagógicos para uma ação social de novo tipo, supostamente não paternalista nem assistencialista. Eles seriam uma espécie de “escola” de cidadania, geradora de uma formação tanto profissional quanto política.

³⁹ A Caritas é um organismo da Igreja Católica presente em duzentos países e territórios, na forma de uma rede com nome de Caritas Internationalis, com sede no Vaticano e nascida em 1897. Esta rede está subdividida em sete regiões: América Latina e Caribe, África, Europa, Oceania, Ásia, América do Norte e a chamada MONA (Oriente Médio e Norte da África). A Caritas Brasileira foi fundada em doze de novembro de 1956 e é reconhecida como entidade de utilidade pública federal, o que lhe permite fazer convênios com instâncias de governo. Disponível em: <<http://sites.poli.usp.br/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

Imagem 2 – Encontro dos PACs



Fonte: Livro Tombo II.

Iniciava-se no dia 25 de setembro (1986) a greve dos trabalhadores da borracha, com a sede do sindicato próxima da Paróquia Santo Inácio. O Pe. Orestes apoia a greve publicamente enviando uma carta para todas comunidades distribuírem nas celebrações dos finais de semana. Segue-se excerto da carta:

“Aos Trabalhadores das Indústrias da Borracha” – sabendo, desde ontem cedo, que vocês deflagraram uma greve por melhores salários e melhores condições de vida, venho agora solidarizar-me decididamente com o movimento de vocês. Na situação atual de exagero de desequilíbrio entre o capital e o trabalho, a Igreja não pode tomar outra atitude senão colocar-se ao lado da Justiça. E a justiça agora significa melhores salários, melhores condições de trabalho, menos carga horária, mais descanso, mais saúde, mais segurança, para vocês e suas famílias. (LIVRO TOMBO II, p. 83).

No dia 8 de dezembro de 1986 foi inaugurada a Cooperativa Leopoldense de Artesanato (CLAR) com sede nas dependências do salão da Comunidade Auxiliadora da vila Berger.

2.5 ENFOQUES DE 1987 E 1988

Em 25 de março de 1987 surge a discussão sobre a emancipação da vila Scharlau, da zona norte de São Leopoldo. O movimento emancipatório era composto por um grupo que questionava a inclusão das zonas alagadas no mesmo território a

ser emancipado, às quais pertenciam a paróquia do Rio dos Sinos. Em entrevista ao jornal Vale dos Sinos o Pe. Orestes se posiciona contra a emancipação.⁴⁰

No dia 14 de março de 1987 houve uma reunião especial da Pastoral da Mulher Pobre, uma das prioridades da paróquia. Esta pastoral tinha uma atividade incipiente ou em andamento nas comunidades. Entre as atividades estavam fornos comunitários, equipes de saúde, Projeto Barracão e artesanatos diversos. O objetivo desta pastoral era incentivar as mulheres a se organizarem para formar lideranças, conscientizando-se do valor que tinham, assim, libertando-se da violência provocada pelos homens.

A inauguração do projeto Creche Barracão da vila Brás ocorreu em 31 de março de 1987 com a presença do prefeito Waldir Schmidt, do Pe. Orestes e de representantes de diversas entidades. Conforme publicação feita pela revista Rua Grande, o Projeto Barracão foi desenvolvido pelas comunidades da vila Brás para atender crianças na idade de creche.

Em 25 de maio de 1987, aconteceu uma manifestação de moradores das vilas da Zona Norte e de Novo Hamburgo. Esta manifestação exigia da prefeitura doações de terra para os trabalhadores da indústria do calçado que vieram de outras cidades e não tinham condições de comprar lotes. Por isso, ocupavam lotes ao longo dos valões e trilhos da região. A paróquia apoiou e divulgou esta demanda desde o início. Segue abaixo cartaz emblemático que divulgava a manifestação.

⁴⁰ No Livro Tombo (II, p. 113) há recortes de jornais da época abordando este assunto.

Figura 6 – Cartaz de divulgação da Caminhada



Fonte: Livro Tombo II.

Em 31 de maio aconteceu a grande mobilização histórica.⁴¹ Moradores mobilizados pelo Movimento Social Pró-Dique ocupam a BR 116 entre os bairros Campina e Rio dos Sinos e reivindicam a construção do dique para conter as cheias do Rio dos Sinos.

Figura 7 – Carta convite para manifestação Pró-Dique



Fonte: Livro Tombo II.

Inspiradas pelo Projeto Barracão, em abril de 1987 as comunidades Berger, Brasília e Elza se mobilizam e criam um outro que foi denominado de Projeto Pavilhão,

⁴¹ Sobre esta mobilização falarei no Movimento Social Pró-Dique.

para atender crianças com idade de creche. O projeto foi inaugurado em 20 de junho do mesmo ano.⁴²

Outro importante enfoque está relacionado ao Sindicato da Borracha. A paróquia Santo Inácio se coloca na campanha para eleger Nestor Schwertner e sua chapa na disputa do Sindicato da Borracha de São Leopoldo.⁴³ A eleição aconteceu em 17 de junho de 1987 e, depois de muitos conflitos, a chapa *A Prensa* vence, terminando com uma presidência de 20 anos de Djalma. O Pe. Orestes deixa registrado: “O Apoio ao Sr. Nestor é uma questão de verdade e honestidade, uma questão de Evangelho”. (LIVRO TOMBO, p. 135).

Nesse período, ocorre a maior greve do magistério estadual gaúcho, tendo durado 96 dias. A participação chegou a 40 mil pessoas representativas dos mais diversos setores da sociedade gaúcha que se integraram à manifestação do magistério. Nesta ocasião, a Paróquia Santo Inácio enviou uma carta a todas as comunidades apoiando e esclarecendo os motivos da greve. Segue excerto da carta:

Sabemos que os professores não estão pedindo aumento salarial, mas apenas o cumprimento da lei 8026, já assinada, e que o governador Pedro Simon prometeu respeitá-la em campanha eleitoral, mas que agora não quer cumpri-la. (Ver anexo XII)

Com a greve⁴⁴ de 1987 a categoria conquistou a garantia do Plano de Carreira, a não discriminação aos aposentados e a garantia de emprego aos contratados até a promulgação da Constituição Federal da República, que previa estabilidade para esses servidores.

Outro destaque neste ano foi a instituição do Programa Nacional do Leite (tickets do leite) para Crianças Carentes (PNLCC), cujo objetivo era fornecer leite à população infantil pobre de até 7 anos pertencente a famílias com renda de até dois salários mínimos. Sobre este tema o Pe. Orestes deixou registrado duas páginas (p. 150-151) do Livro Tombo, narrando e explicando a dificuldade de se inserir neste projeto e a objeção contra ele. Segue parte da transcrição:

⁴² Ver anexo XI.

⁴³ Sobre esta eleição tem um rico material nas p. 134-136 do Livro Tombo II da Paróquia do Rio dos Sinos.

⁴⁴ Ver em *A história do CPERS/sindicato e a construção da sua presença no debate das políticas educacionais*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/J/Joao%20jorge%20correa.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Outra grande batalha da paróquia – Decreto do presidente Sarney, através da Secretaria de Ação Comunitária – SEAC. Na Paróquia apesar da repugnância de entrar neste projeto imoral decidimos ajudar as comunidades a organizarem essa entrega dos tickets do leite. Isso exigiu muita documentação oficial de cada comunidade [...]. O brasileiro não poderá ficar sempre de mão estendida esperando que alguém se digne de soltar esmola. Nossa esperança é de poder um dia reverter esse processo e acabar com tanta humilhação, injustiça e imoralidade contra o pobre. (LIVRO TOMBO II, p. 151).

Em agosto de 1987 as comunidades da paróquia Santo Inácio começaram a preparar a 2ª Assembleia das Comunidades. Segundo o Livro Tombo II, esta assembleia foi preparada através de sucessivos encontros de equipes e miniassembleias entre comunidades mais próximas. Constam no anexo XIII as diretrizes enviadas para estes momentos de preparação. A assembleia aconteceu no dia 11 de outubro de 1987 nas dependências da Comunidade São Jorge, do bairro Campina. Participaram dela 150 pessoas das diversas comunidades criadas a partir da chegada do Pe. Orestes.⁴⁵ Nesta assembleia a proposta foi avaliar o que se conseguiu avançar a partir das propostas da primeira assembleia, ocorrida em 22 de setembro de 1985.⁴⁶

Em final de outubro o Pe. Orestes solicita ao bispo diocesano, Dom Boaventura, o pedido de um Ano Sabático.⁴⁷ O pedido foi aceito conforme regimento geral n. 79-87, linha 1, folha 23, da Diocese de Novo Hamburgo. O Pe. Ramiro Mincato assumiu como administrador paroquial durante os 12 meses que se seguiram.

Em 1988, o Pe. Orestes viaja para Europa, permanecendo todo o seu período Sabático fazendo contatos com instituições europeias que têm convênios de ajuda na paróquia e adquirindo livros para a construção da biblioteca popular. Hoje, esta

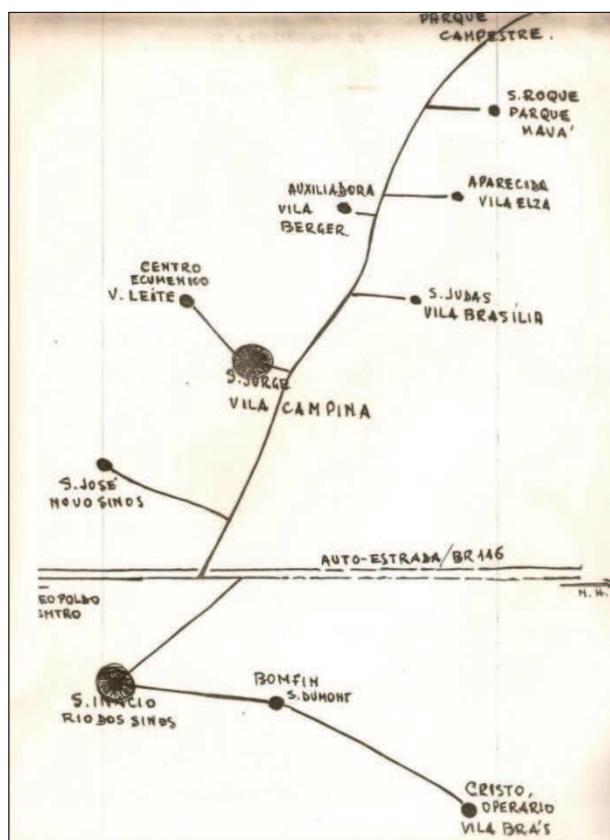
⁴⁵ Quando Pe. Orestes chegou à Paróquia Santo Inácio, em 21 de agosto de 1982, ela era composta pela Matriz na Rua da Estação, no bairro Rio dos Sinos, e pela Comunidade São Jorge, no bairro Campina. Após 5 anos, em 11 de outubro de 1987, a paróquia tinha 2 centros (Santo Inácio e São Jorge) e 19 comunidades, atingindo quatro bairros: Santos Dumont, Rios dos Sinos, Campina e Arroio da Manteiga.

⁴⁶ Sobre o resultado desta assembleia, ver anexo XIV.

⁴⁷ O objetivo que se quer atingir é o de proporcionar aos presbíteros um tempo significativo de reflexão, oração, partilha de experiências, vida comunitária, descanso, etc... que lhes dê oportunidade de poderem ressituar-se diante da vida e buscar novas motivações para a continuidade do ministério presbiteral. No Brasil não se oferece, a presbíteros diocesanos, oportunidade mais prolongada de uma parada de avaliação, descanso, estudos, oração, vida comunitária. As opções são muito individualizadas. Há mais tempo existe uma solicitação de muitas partes, pedindo que a CNBB ofereça esta chance. O “ano sabático” visa um encontro consigo mesmo, com os colegas, em vida comunitária, e a busca de uma espiritualidade mais condizente com o todo da vida do presbítero (Ano sabático para presbíteros diocesanos [Nº PD 1.20] in 12º Plano de Pastoral dos Organismos Sociais 1993-1994 CNBB). Disponível em: <<http://paroquiadapiedade.com.br/formacao/canonica/o-ano-sabatico>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

biblioteca, com mais de três mil volumes, é usada por estudantes da FABN e pela comunidade. O retorno do Pe. Orestes aconteceu em novembro de 1988.⁴⁸ No dia 2 de novembro reassume como pároco a Paróquia Santo Inácio. Neste período, a paróquia era composta de 11 comunidades e outros centros em construção, atingindo toda a área periférica pobre da Zona Norte de São Leopoldo. A partir deste campo estabelecido Pe. Orestes desenvolve sua *práxis* social e pastoral. Para visualizar este local segue abaixo um mapa feito a mão pelo próprio Pe. Orestes identificando as comunidades.

Figura 8 – Mapa feito a mão delimitando o local das comunidades



Fonte: Livro Tombo II.

2.6 A VIDA POLÍTICA DA PARÓQUIA EM REDE DE COMUNIDADES

Para esta dissertação optamos em narrar mais detalhadamente os acontecimentos até o ano de 1988, período que teve uma ação mais direta e individual

⁴⁸ Esta viagem com os contatos realizados na Europa está registrada nos diários 37 e 38 deixados pelo Pe. Orestes.

do Pe. Orestes na formação das comunidades e na captação de lideranças. Este esforço o levou a um estado de depressão, fazendo com que se afastasse da paróquia pelo período mencionado. Com este afastamento as comunidades e lideranças continuaram o processo desenvolvendo muitas atividades sociais e pastorais, agora como rede de comunidades. Contudo, para termos algumas informações do restante da biografia de Pe. Orestes, apresentamos ainda, de forma mais sintética, alguns dados.

➤ Organização da paróquia entre 1999 e 2002

Segundo fontes do IBGE,⁴⁹ a cidade de São Leopoldo tinha 1989 uma população de 155.175 habitantes. No ano de 2000 a cidade já tinha uma população de 193.547 habitantes. Nas fontes escritas encontramos um relato do Pe. Orestes descrevendo que entre 1995 e 1997 estariam se instalando na área da paróquia 3.450 famílias vindas do êxodo rural. Estas famílias que chegavam a São Leopoldo vinham em busca de empregos nas fábricas de calçados e acabavam se instalando em zonas irregulares da Zona Norte de São Leopoldo.

Neste período a paróquia se organizou em 23 comunidades, 19 delas situadas em área de periferia, com falta de infraestrutura básica (água, luz, ruas e esgotos regulares), e foi geograficamente dividida em 4 áreas:

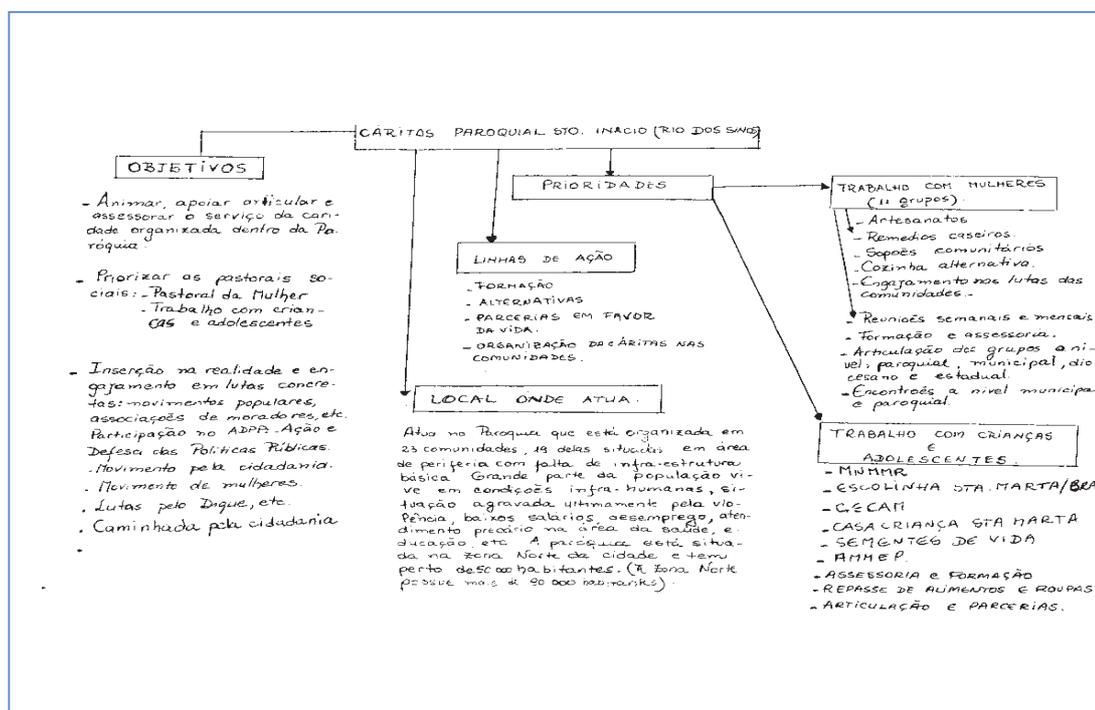
1. Bairro Santos Dumont: Comunidade Bom Fim; Comunidade Gauchinho; Comunidade Santos Reis; Comunidade Cristo Operário; Comunidade Sagrada Família; Comunidade Nsa. Dos Navegantes.
2. Bairro Rio dos Sinos: Comunidade Santo Inácio; Comunidade Mãe de Deus; Comunidade Dique.
3. Bairro Campina: Comunidade São Jorge; Comunidade Santa Terezinha; Comunidade São José Operário; Comunidade Nsa. Auxiliadora; Comunidade São Judas Tadeu; Comunidade Nsa. Aparecida.
4. Bairro Arroio da Manteiga: Comunidade Mauá; Comunidade Nsa. De Nazaré; Comunidade São João Batista; Comunidade Santa Marta; Comunidade Eucaliptos; Comunidade Divino Espírito Santo; Comunidade Santa Ana; Comunidade Cristo Libertador.

⁴⁹ Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?ibge/cnv/popRS>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

Estes 13 anos constituíram um período de muitas as atividades pastorais e sociais desenvolvidas entre as redes de comunidades que formavam a Paróquia Santo Inácio.

A pastoral social era conduzida pela Caritas, com 3 pessoas liberadas⁵⁰ que acompanhavam a Pastoral da Mulher, a assistência direta aos mais carentes. Segue a baixo o esquema de organização da Caritas neste período.

Figura 9 – Organograma da Caritas



Fonte: Livro Tombo II.

Os projetos com crianças e adolescente se consolidaram em torno do Projeto Meninos e Meninas do Progresso com três centros distribuídos na área do Rio dos Sinos e o Centro de Atendimento ao Menor (CECAM) com dois centros na área do Arroio da Manteiga e vila Mauá.

A paróquia apoiou a candidatura para vereador de duas lideranças: de Ary Vanazzi (em 1988 e em 1992) e de Paulo Borba (em 1996). Os dois foram eleitos com o apoio público e financeiro dado pelo Pe. Orestes. Segue excerto da entrevista cedida pelo Ary Vanazzi:

⁵⁰ Vínculo de empregados pelas leis trabalhistas com a paróquia.

E, em 88 o Pe. Orestes pediu para mim ser candidato a vereador. Disse que ia me eleger a vereador. Eu nunca tinha entrado na Câmara de Vereadores e nem sabia o que era isso. [...] Fiz três panfletos ou dois, um grupo pequeno. O Pe. Orestes praticamente bancou o material, me ajudou pagando. Todo mundo me chamava de filhote do Pe. Orestes. (Entrevista Ary Vanazzi)

Nestes períodos encontramos nas fontes pesquisadas o relato de 10 viagens para Europa.⁵¹ Todas elas aconteceram entre o mês de janeiro e fevereiro. Houve também viagens para Petrópolis-RJ, local onde acontecia o encontro de um grupo de teólogos da TdL.

Relatemos aqui igualmente os inúmeros projetos encontrados no arquivo da Paróquia Santo Inácio para obter recursos financeiros enviados a entidades de fomento internacional.

Entre outras atividades pastorais e sociais destes anos, destacamos as ordenações sacerdotais de Ireneo Massoco e Hilário Gonçalves, a formação de promotoras legais, as candidaturas de conselheiros tutelares e as formações permanentes de muitas lideranças. Outra atividade significativa foi a organização de um movimento popular para exigir a construção de uma passarela⁵² sob a BR 116 entre os bairros Campina e Rio dos Sinos.

Dois fatos que não podemos deixar de registrar e que marcaram a vida do Pe. Orestes neste período são: em 1999 ele é acusado pelo Ministério Público de traficar mulheres para a Europa; e a acasião em que foi vítima de um dos secretários da Paróquia Santo Inácio, que usou a sua conta bancária para fazer transações financeiras. A imprensa o expõe em rede nacional. Aqui ele recebe apoio das comunidades e lideranças de movimentos sociais que não se intimidaram com as acusações e promoveram o grande ato de solidariedade. O processo foi arquivado em uma semana por falta de provas.

⁵¹ A última viagem foi no ano de 2002. Nesta viagem tive a oportunidade de estar junto com ele. Seu estado de saúde estava precário, porém ele não deixou de assumir nenhum dos compromissos agendados.

⁵² Esta passarela foi inaugurada com o nome do Pe. Orestes Stragliotto.

Figura 10 – Jornal ZH 15 /11/99. Reportagem sobre acusações ao Orestes

—32— PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1999

GERAL

GENTE

Acusações contra padre comovem São Leopoldo

Missa se tornou ato de apoio a sacerdote indiciado pela polícia

MIRÓ DE SOUZA - ESPECIAL/ZH



Desabafo: o padre Orestes Stragliotto se emocionou com os fiéis que lotaram ontem a Igreja Santo Inácio

GÉSSICA TRINDADE
Casa Zero Hora/Vale do Sinos

Em vez de missa, as centenas de fiéis que estiveram ontem de manhã na Paróquia Santo Inácio, em São Leopoldo, testemunharam um levante em repúdio às acusações contra o padre Orestes Stragliotto por tráfico de mulheres.

Aos 71 anos, o religioso foi indiciado pela Polícia Federal por participação no esquema de aliciamento, que provocou na semana passada as prisões de seu secretário, Délcio Gomes, e do suposto comparsa, Paulo Sérgio Mello.

Na primeira missa do sacerdote depois do indiciamento, o altar foi tomado por representantes de movimentos de proteção a crianças abandonadas e a mulheres vítimas de exploração e de violência. Acolhido com palmas e assovios, o religioso ouviu em silêncio depoimentos revoltados de fiéis sobre as investigações policiais.

Os federais rastrearam na conta do padre 130 mil pesetas (equivalentes a R\$ 1,5 mil). O dinheiro teria sido enviado há dois meses por Mello, de Madri (Espanha), como pagamento pelo aliciamento de dançarinas. O padre afirmou que estava viajando em missão religiosa na Europa e que desconhecia o uso da conta bancária pelo secretário.

— Mal acreditamos ver alguém que trabalhou tanto contra a discriminação das mulheres, que foi o primeiro padre a nos procurar nas vilas mais perigosas e esquecidas dessa cidade, agora ser tão ofendido — desabafou, chorando, Rosete Beatriz Paiva, 43 anos, coordenadora de um movimento que reúne cerca de 200 paroquianas.

Eram tantos fiéis apertados, entre cartazes de apelo por justiça, que dezenas de pessoas acompanharam a missa na escadaria de acesso ao prédio. Entre elas, estava o secretário especial de Habitação do Estado, Ary Vanazzi. Comovido com a manifestação, o padre Stragliotto sequer comentou as acusações entre os seus fiéis. Baixou a cabeça e chorou.

Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo fato foi a homenagem que Pe. Orestes recebeu em 2001 da Câmara de Vereadores: o prêmio João Carlos Sobrinho de Direitos Humanos. O Pe. Orestes dedicou o prêmio ao então secretário estadual de Habitação, Ary Vanazzi.

Figura 11 – Reportagem Jornal VS 26 /03/2001 – prêmio sobre os Direitos Humanos

O JORNAL VS ■ SEGUNDA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 2001 ■ Geral

HOMENAGEM Movimento Leopoldense de Justiça e Direitos Humanos ofereceu Prêmio João Carlos Haas Sobrinho em sessão especial da Câmara para cinco pessoas

Reverência do Direitos Humanos

Luiz Favarini

A oitava edição do Prêmio João Carlos Haas Sobrinho, do Movimento Leopoldense de Justiça e Direitos Humanos, foi o tema de uma sessão especial da Câmara na última sexta-feira. Neste ano, os homenageados foram a deputada estadual Maria do Rosário (PT), o empresário Régis Feldmann, o padre João Orestes Stragliotto, a Associação Leopoldense de Deficientes Físicos (Aldef), representada pelo seu presidente, José Nestor de Moraes, e a Casa de Saúde Mental de Novo Hamburgo, representada pela coordenadora Andréia Mileski.

Segundo o presidente do movimento, Jackson Buonocore, o prêmio foi criado em 1992 para destacar o trabalho de pessoas ou entidades na defesa dos princípios constantes da Declaração Universal dos Direitos Humanos, presentes também na Constituição Federal. A homenagem recebeu o nome de João Carlos Haas Sobrinho, médico natural de São Leopoldo que foi morto no Araguaia, em setembro de 1972, em um combate com os militares. "Ele foi um guerreiro da paz e morreu por isso", lembrou Buonocore.

A jornalista Sônia Haas, irmã de João Carlos, participou da cerimônia como representante da família. O vereador Nestor Schwertner (PT), autor da proposta de sessão especial para a entrega do prêmio, sugeriu ao presidente da Câmara, João Alfredo Miorim (PMDB), que substituiu Jorge da Silva (PMDB) na sessão de sexta-fei-

ra, que o Legislativo envie uma moção de apoio ao governo federal para que sejam abertos os arquivos existentes sobre a guerrilha do Araguaia.

Além da entrega do prêmio, também houve uma homenagem póstuma ao maestro José Pedro Boéssio, morto em um acidente de carro no início do ano. O quarteto de cordas da Orquestra Unissinos, fundada por Boéssio, interpretou peças de Vivaldi e Mozart na abertura da sessão especial. A artista plástica Ana Boéssio, viúva do maestro, recebeu uma placa preparada para a cerimônia pelos organizadores da entrega do prêmio de direitos humanos.

SESSÃO SOLENE Prêmio reconhece quem se destacou pela Declaração Universal dos Direitos Humanos

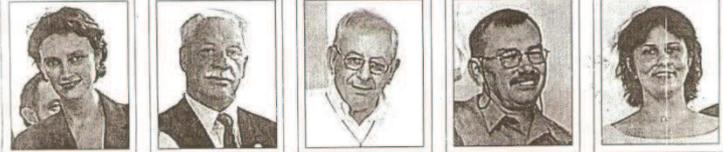
Deputada estadual Maria do Rosário
Deputada estadual pelo PT, presidiu a Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Em sua atividade parlamentar, como deputada e, antes, como vereadora em Porto Alegre, apresentou projetos na área de defesa dos direitos de mulheres, crianças e adolescentes. Em fevereiro, lançou um caderno sobre o seu trabalho junto ao movimento feminista no Estado. Ocupa atualmente a 2ª vice-presidência da Assembleia.

Comerciante Régis Feldmann
Empresário, destacou-se ao defender os interesses das pequenas e das médias empresas de São Leopoldo, sua cidade natal. Também foi dirigente de entidades representativas de abrangência municipal e estadual, além do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) no Rio Grande do Sul. Atuou como mediador para resolver conflitos entre empresários e funcionários do comércio. Preside hoje o Sindicato do Comércio Varejista local (Sindilojas).

Padre Orestes Stragliotto
Considerado um dos líderes comunitários mais influentes da zona Norte, vive em São Leopoldo desde 1982. Adepto da Teologia da Libertação e do ecumenismo, envolveu-se com a luta pela construção dos diques do Rio dos Sinos, tão logo chegou à cidade; na época, participou da organização das comunidades carentes da região. Dedicou o prêmio ao secretário estadual de Habitação, Ary Vanazzi, com quem conviveu durante seus primeiros anos no município.

Assoc. Leopoldense de Defic. Físicos
Fundada há 15 anos, foi homenageada recentemente pela Câmara, por sugestão do vereador Nestor Schwertner (PT) e pela Assembleia Legislativa do Estado, por sugestão do deputado Ronaldo Zülke (PT). A Aldef foi uma das primeiras entidades criadas para defender os direitos dos portadores de deficiência física; desde então, tem lutado pela adaptação dos espaços públicos ao deslocamento dessas pessoas. O atual presidente é José Nestor de Moraes.

Casa de Saúde Mental de NH
Foi criada em setembro de 1989, com o objetivo de atender de uma forma mais adequada as pessoas que sofrem de doenças mentais. Ao longo de seus 11 anos de existência, conseguiu reduzir significativamente o número de internações psiquiátricas no Vale do Sinos, contribuindo para garantir um atendimento mais qualificado do que o dos manicômios para pacientes do Sistema Único de Saúde.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Aos 73 anos de idade, Stragliotto falece no dia 5 de junho de 2002 de um câncer generalizado. As anotações⁵³ deixadas por ele, no que tange à análise da realidade na qual estava inserido, é uma evidência da metodologia proposta pela TdL e pelas CEBs que parte da realidade e do sofrimento que oprime o pobre. Seus escritos são referências no campo da formação de agentes de pastoral popular, uma vez que as metodologias de trabalho de CEBs e da TdL possuem a leitura popular da Bíblia,

⁵³ Diários pessoais de Orestes João Stragliotto, de 1982 a 1987. Acervo da Fraternidade Apostólica da Boa Nova, São Leopoldo.

gerando uma reflexão analítica do contexto da vida, remetendo a uma prática, isto é, à ação dos atores sociais inseridos nestes movimentos.

O Pe. Orestes faz um relato das realizações das ações pautadas pela Teologia da Libertação – sob sua liderança – entre os anos de 1982 e 2002, ano de sua morte. As afirmações feitas no *Memorandum* enviado pelo pároco da Santo Inácio a Dom Osvino Both⁵⁴ foram todas investigadas e confirmadas.

A partir disso, pode-se dizer que “ele foi um grande místico que soube equacionar, não sem conflitos interiores, a experiência mais profunda de Deus com a realidade concreta do povo.”⁵⁵ Acreditamos que, apesar do forte apelo político do trabalho de Orestes, a dimensão espiritual, religiosa, esteve sempre presente. Talvez pudéssemos dizer que a segunda e a primeira eram indissociáveis. Sobre isso ele informa:

Comecei a melhorar as celebrações, preparar catequistas e ministros novos! Visitei as vilas... Em 1985, inauguramos o 1º novo salão (Brás), 05/07/85 - Depois Mauá (Arroio da Manteiga) em 17/08/85. - Logo São João do Campestre (29/09/85), Brasília/1986, Vila Elza/1986, Novo Sinos/1986, Gauchinho/1986, etc. Primeiros Ministros da Palavra! Cursos de Bíblia e de Catequese nas comunidades e não na Matriz (longe), uma diretoria em cada comunidade. Pe. Arturo vem em 1985 morar conosco (ficou 3 anos). Ampliação da Paróquia até Portão, incluindo Arroio da Manteiga. Pe. Armando fez os limites entre Scharlau e Rio dos Sinos. Isso foi em 1985.⁵⁶ (...) Eu vinha das experiências de CEB's, do COM, do CEBI e do CECA. Estava imbuído do Concílio, de Medellín, de Puebla, etc... Um dos projetos era fazer da paróquia, uma REDE DE COMUNIDADES. Portanto, DESCENTRALIZAR o máximo!!! Tanto mais que a nossa Matriz está totalmente deslocada do centro da Paróquia! O povo estava longe e tinha dificuldades de ACESSO!!! Por isso, foram nascendo nas Vilas, os “Centros Comunitários”, para manter unidos os Católicos e dinamizar a prática católica, etc. Hoje são apenas 23 centros, mas já precisaríamos de mais 8 centros, pois as vilas incharam e surgiram novas.⁵⁷

Em primeiro lugar, Orestes Stragliotto foi filho de imigrantes italianos em terra de migrantes, o que pode não dizer muita coisa, mas quanto à estruturação mental desse forasteiro ou *estrangeiro*, as palavras de Simmel (1983, p. 182), nos possibilitam entender que “sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo”. Portanto, comporta-se socialmente a partir de um duplo pertencimento, uma vez que

⁵⁴ Bispo da Diocese de Novo Hamburgo no período de 1995 à 2005.

⁵⁵ FABN, em 10/12/2011, p. 2.

⁵⁶ STRAGLIOTTO, 2002, p. 4.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 16.

é considerado, por um lado, membro do próprio grupo (Igreja libertadora) e, por outro, alguém que está fora dele (Igreja conservadora) e confronta os dois.

Desenvolvemos esta visão de Simmel (1983) a partir da exemplificação do comerciante. O autor esclarece que, por meio da história da economia, podemos perceber que o estrangeiro aparece em toda parte como comerciante ou, pelo menos, que todo comerciante é estrangeiro. Sua mobilidade facilita a troca econômica, ou seja, o fato de pertencer a dois mundos possibilita-lhe um trânsito maior para trazer ao grupo as mercadorias que eles não poderiam adquirir de outra forma, devido à sua fixação espacial mais limitada.

Outro aspecto relevante é a maior objetividade do estrangeiro com relação ao contexto social a que passa a pertencer. O estrangeiro pode considerar aquela realidade, em determinados momentos e aspectos, como distanciada da sua formação simbólica, intelectual, cultural, ideológica, original. A objetividade não ganha contornos de um distanciamento não participativo. No entanto, permite ao estrangeiro uma maior liberdade quanto ao que lhe é apresentado, de forma a poder observar a realidade sem tantas amarras mentais para com aquele contexto.

Tal perspectiva apresentada por Simmel (1983) possibilita compreender a projeção de elementos biográficos que constroem o ideal católico libertário na pessoa do Pe. Orestes. Características como erudição e envolvimento popular, por exemplo, moldam um imaginário de aproximação do intelectual para com os Movimentos Sociais. Esse imaginário é fundamental para compor a militância religiosa pelo viés de uma perspectiva do catolicismo vivido na Diocese de Novo Hamburgo com a qual passou a se vincular a partir sua criação, em 1980, com a nomeação do bispo diocesano Dom Sinésio Bohn.⁵⁸ É o intelectual orgânico proposto por Gramsci e defendido por diversos teólogos católicos contemporâneos como Leonardo Boff, expoente da Teologia da Libertação no Brasil.

⁵⁸ Conhecido como idealista, Dom Sinésio é afeito a novidades. Em 13 de fevereiro de 1980 foi nomeado pelo Papa João Paulo II como o primeiro bispo da Diocese de Novo Hamburgo, função que exerceu até 1986. Na Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB foi o bispo responsável pelos setores do Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso e da Pastoral da Juventude, durante os anos de 1983 a 1990. De 1992 a 1995 foi presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). Disponível em: <http://www.mitrasc.com.br/dom_sinesio.php>. Acesso em: 30 abril 2014.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A PRAXIS DO PE. ORESTES

Para a compreensão dos objetivos de nossa pesquisa faz-se necessária uma breve síntese da Teologia da Libertação na América Latina.⁵⁹ Para refletirmos sobre os acontecimentos que fermentaram o surgimento desta teologia, é preciso voltar o pensamento para as décadas de 1950 e 1960. A América Latina saíra de sua situação de colônia ibero-hispânica e passara pelas guerras de independência com vistas à constituição dos Estados nacionais de matriz liberal. Na década de 1930 viu-se surgir o início da industrialização, segundo o modelo de substituição das importações de produtos manufaturados pela exportação de matérias-primas. Cresceu a consciência da situação de dependência e de exploração da região pelas novas formas de dominação, que se denominaram de neocolonialismo ou imperialismo, particularmente por parte dos Estados Unidos. Isso foi analisado na obra *De la Sociedad a la Teología*, de Segundo (1970, p. 118), que assim escreve:

No es la primera ni será la última vez que se hace ver, con autores de la categoría de TOYNBEE, cómo esos países (lo desarrollados) han estructurado un imperio económico, una de cuyas condiciones es, precisamente, que los países poseedores de materias primas no sean competidores en el mercado industrial. Así como la proletarianización del obrero apareció en el capitalismo clásico como un condicionante necesario para el desarrollo del capital, la "proletarianización" de países periféricos latinoamericanos aparece como el factor más poderoso de la prosperidad del gran mercado de productos manufacturados que es hoy, por ejemplo, Estados Unidos.

Em 1959, a Revolução Cubana tornou-se um marco histórico na busca de um projeto histórico fundamentado nos interesses populares. Houve uma efervescência de movimentos sociais. O socialismo surgiu como proposta concreta de Boa Notícia para as maiorias marginalizadas dos direitos à igualdade e liberdade propugnadas pelas democracias liberais. O fracasso do modelo desenvolvimentista era acompanhado de uma tomada de consciência das verdadeiras causas do subdesenvolvimento. O conceito de libertação começou a surgir como independência econômica e política dessa relação de dominação segundo o modelo de acumulação capitalista. A teoria da dependência vai expressar essa relação de dominação

⁵⁹ Ver OLIVEROS, 1980. As principais informações desse capítulo foram extraídas desta obra. Ver também LIBÂNIO, 1987, p. 49-102.

denunciando a ilusão desenvolvimentista. Reivindicavam-se mudanças estruturais mais radicais da realidade. Crescia a insatisfação popular diante da pauperização do continente.

A violência institucionalizada da miséria era respondida pelo surgimento de manifestações populares e de movimentos guerrilheiros. O acirramento das contradições e a implantação de ditaduras militares em vários países, com apoio e intervenção militar dos Estados Unidos, serão o chão social e político do surgimento de uma nova maneira de conceber a fé e o testemunho dos cristãos na América Latina. Libânio (1987, p. 49), em sua análise do contexto sociopolítico e social do nascimento da TdL, afirma: “Toda teologia é situada. Ela é o momento teórico da prática pastoral de uma Igreja concreta. Se há um TdL, significa que uma Igreja determinada se comprometeu numa prática pastoral libertadora”.

No início da década de 1960, viu-se o florescimento dos grupos da Ação Católica – especialmente os que envolviam a juventude, como a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), e a Juventude Agrária Católica (JAC) – que, segundo o método Ver-Julgar-Agir, propunham uma ação pastoral de transformação da realidade, atuando nas diversas instâncias da sociedade civil: movimento popular, movimento estudantil, movimento sindical, partidos políticos e outros.

Numa leitura mais crítica, à distância temporal, pode-se observar que esses grupos representavam uma vanguarda política do meio eclesial da época que nunca teve hegemonia na forma de pensar e agir das estruturas e hierarquia da Igreja Católica. Tanto é que, com os regimes ditatoriais, a Ação Católica foi perseguida e, por simples decretos da hierarquia, extinta no país e em outros lugares, caindo seus membros na clandestinidade e militância nos proscritos partidos de esquerda. A realização do Concílio Vaticano II⁶⁰ veio corroborar os anseios dos cristãos na América Latina por uma atuação da Igreja mais comprometida e envolvida com a transformação das estruturas sociais de injustiça, o que foi denominado de *pecado estrutural*. Todavia, no Brasil a conjuntura eclesial estava marcada por muitas tensões neste período de transição, como relata Cechin (apud STOFFEL, 2006, p. 264):

⁶⁰ A constituição pastoral *Gaudium et Spes, sobre a Igreja no Mundo de Hoje* foi o marco eclesial que influenciou definitivamente as opções pastorais da Igreja na América Latina que, em seu próêmio, afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, **sobretudo dos pobres** [o destaque é meu] e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, § 1).

Dom Cândido PADIM foi nomeado, pelo Papa, a pedido da CNBB, para segurar a Ação Católica, onde todo mundo estava "virando comunista". Pegaram um beneditino diretor da Universidade Católica de São Paulo, contemplativo, que não tinha nenhuma Diocese. Era Bispo para "endireitar" a Ação Católica que era a "menina dos olhos" da Igreja. Dom Padim que era um camarada que escutava, escutava e sentava conosco. Por fim em vez de ele mudar a Ação Católica, os leigos mudaram a ele! Foi o grande assessor da Ação Católica. Aí defenestraram Dom Padim. Foi antes do Concílio. Um brasileiro, chamado Thomas BRUNEAU, escreveu um livro intitulado *A Igreja no Brasil em fase de Transição*⁶¹ onde afirma que os bispos do Brasil foram ao Concílio Vaticano II em Roma e fizeram em Roma o anti-Concílio. Foi muito difícil esse processo de transição para uma igreja povo de Deus e mais colegiada.

Em março de 1964, na cidade de Petrópolis-RJ, realizou-se o primeiro encontro de teólogos latino-americanos, do qual decorreram outros em busca de uma reflexão teológica a partir da realidade da América Latina. Participaram assiduamente desses encontros teólogos como Gustavo Gutiérrez, José Comblin, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo e outros. Vale notar, por sua importância, que Orestes Stragliotto foi participante desses encontros de teólogos latino-americanos⁶² em Petrópolis, até mesmo articulando recursos através das agências de cooperação internacional para a sua viabilização.⁶³

Vale dizer também que antes do golpe de 1964 houve ampla movimentação popular em torno da Reforma Agrária com as Ligas Camponesas, com o Movimento dos Sem Terra, com a intensa atividade dos sindicatos nas lutas coordenadas pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), criado à margem da legislação trabalhista brasileira.

Em 1968, realizou-se a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín. A realidade das massas empobrecidas do continente foi preocupação central e tema privilegiado. O amor aos irmãos, como justiça e paz, numa situação de pecado e de violência institucionalizada, foi o tema central nesta Conferência Episcopal de Medellín, onde a dimensão histórica da vida de fé e da ação política dos cristãos foi enfatizada. A Igreja latino-americana renovou sua aliança com o Cristo encarnado e pobre.⁶⁴

⁶¹ Cechin está se referindo a Bruneau, 1974.

⁶² Ver Anexo X, Fotos com grupo de teólogos.

⁶³ O Livro Tombo da Paróquia Santo Inácio registra várias viagens de Orestes Stragliotto para participar desses encontros.

⁶⁴ OLIVEROS, op. cit., p. 129.

Entre os teólogos latino-americanos, surge também uma espécie de mal-estar crítico diante da dependência da produção teológica europeia nos quatro séculos de cristianismo na América Latina. Consta-se uma dicotomia entre a realidade e a prática dos cristãos na região e o fazer teológico. A consciência da necessidade de um pensamento teológico originalmente latino-americano torna-se premente.

Nas CEBs, nas conferências episcopais, nos encontros de teólogos e encontros de agentes de pastoral de muitos tipos, desenvolveu-se um novo jeito de pensar a prática pastoral a partir de uma metodologia indutiva, que proporcionou o nascimento de um novo paradigma teológico. Eram os embriões da Teologia da Libertação.

Gibellini (2002, p. 171) descreve esta teologia como um complexo fenômeno teológico e eclesial e periodiza esta história em três etapas:

1. Fase de preparação (1962-1968) – do início do Concílio Vaticano II à Conferência de Medellín.
2. Fase de formulação (1968-1975) – com um período de formulação em sentido estrito (até 1972) e um período de “cativeiro” onde a euforia inicial é substituída por uma realidade de exílio e escravidão. É o tempo dos regimes de exceção na América Latina.
3. Fase de sistematização tendo como marco a constituição da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo – ASETT, fundada em 1976.

Em 1972 foi eleito como secretário geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) o bispo auxiliar de Bogotá, Dom Alfonso López Trujillo, reconhecido opositor da TdL. O Papa Paulo VI, no entanto, publicou em 1975 a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, onde apresentava o tema da libertação como conteúdo da evangelização. Apesar de todos os empecilhos, na IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, de Puebla, em 1979, o tema da libertação perpassou significativamente todo o texto oficial. É emblemática a página dos rostos latino-americanos apresentada pelos bispos como denúncia profética da situação de opressão do povo latino-americano.

A opção pelos pobres e os jovens marcou as conclusões de Puebla. Não obstante, a Congregação para a Doutrina da Fé, sob a direção do Cardeal Joseph Ratzinger, publicou em 1984 a *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*⁶⁵ com uma série de críticas condenatórias.

⁶⁵ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação*.

Não temos o objetivo de relatar toda a série de perseguições e condenações aos teólogos e teólogas da TdL. Todavia, é importante observar que esta teologia conseguiu introduzir muitas de suas ênfases no “corpo teológico” da Igreja (diga-se da Igreja Católica Apostólica Romana), mas sempre como uma teologia marginal e proscrita. O projeto de se impor como “a” teologia da Igreja na América Latina, por uma série de fatores históricos, não vingou.

Apresentam-se, aqui, sem pormenores, alguns conteúdos e características da TdL, exaustivamente definidos em várias obras do período de sua sistematização.

Segundo Gutiérrez (2000), a Teologia da Libertação é definida como reflexão crítica da *práxis* histórica à luz da Palavra. A TdL não é uma teologia do genitivo⁶⁶, mas propõe ser um novo jeito de fazer e compreender toda a teologia. Na esteira da família das teologias políticas, a TdL é a forma latino-americana de fazer teologia política, considerando que toda a teologia é política.

Neste novo método teológico temos uma grande contribuição dos irmãos Leonardo Boff e Clodovis Boff, dizendo que a teologia se apresenta como ato segundo. O compromisso de caridade e libertação é ato primeiro em relação ao falar sobre Deus. O ato de teologizar passa necessariamente por três mediações: 1) a mediação socioanalítica para a qual contribuem as ciências sociais e as contribuições do marxismo; 2) a mediação hermenêutica com o uso do método histórico-crítico de leitura da Palavra de Deus tendo os pobres como chave hermenêutica; e 3) a mediação prática com a experiência concreta dos cristãos e do próprio teólogo junto aos marginalizados e oprimidos. Segundo Boff, L. (2001, p. 231),

O lugar social de fazer teologia e do ser Igreja são os pobres. Os pobres são sujeitos históricos do seu processo de libertação e desse novo modo de fazer teologia. Trata-se de uma Cristologia fundamentada na prática do seguimento do Jesus histórico. Uma Eclesiologia que nasce a partir da experiência das comunidades eclesiais de base. Postula-se uma “Igreja Popular” ou “Igreja dos Pobres” como proposta de um novo jeito de ser Igreja.

A TdL tem a ver com a opressão dos pobres e com Deus. Nas palavras de Libâneo (1987, p. 86): “Ambos continuam tão reais como antes. Mais. Deus continua sendo o mesmo que enviou seu Filho a identificar-se com os oprimidos e marginalizados a fim de libertá-los”. Os teólogos da libertação só assumiram as

⁶⁶ Nas teologias do genitivo, o genitivo (objetivo) exprime o âmbito, o setor da realidade, o objeto, sobre o qual se aplica a reflexão teológica.

categorias marxistas tanto e enquanto elas iluminam, no sentido da racionalidade, a situação de miséria das massas latino-americanas.

E aponta pontos da herança marxista válidos, tais como seu realismo a respeito do homem nas suas conexões entre os níveis sociais, culturais e de consciência, a atenção às estruturas, sobretudo de propriedade e sua distribuição, a crítica ao capitalismo que permite, de modo insubstituível, compreender lucidamente suas as contradições.

A *práxis* do Pe. Orestes Stragliotto possui uma característica de comprometimento com a TdL, fruto de uma vivência de mudanças sociais e das consequências das transformações econômicas, sociais e políticas na realidade eclesial na qual estava inserido.

As conferências episcopais de Medellín e Puebla deixaram marcas muito fortes na opção metodológica de que ele usava. Para identificarmos estas marcas, é fundamental realizarmos uma retrospectiva dos passos que levam à consolidação da opção preferencial pelos pobres a partir a partir da realização do Vat. II (1962-1965).

O Concílio Vaticano II representou uma mudança de paradigmas na estrutura e metodologia de atuação da Igreja Católica Apostólica Romana. Propunha mudanças pastorais na base e a centralidade na Bíblia. Foram várias as decisões conciliares. A mudança mais prática e efetiva foi a mudança da língua a ser utilizada nas celebrações: do latim para os idiomas vernáculos.

A Igreja falar a língua do povo foi um propósito que ultrapassou a situação do culto. Também o olhar para a realidade de seus fiéis, ouvindo seus anseios e lutando por sua dignidade, foi um dos propósitos conciliares, provavelmente um dos que mais mexeram com as estruturas e paradigmas de toda a comunidade eclesial.

A prática pastoral é revista e engloba efetivamente o sentido de *práxis*, alicerçada na busca de dignidade igualitária de todos os fiéis, de forma coerente com os seus anseios e necessidades.

A tolerância com os não cristãos é cada vez mais uma realidade e a proposta de abrir as portas da instituição Igreja para o apostolado leigo é cada vez mais concreta, embora seja uma utopia que precisará ser construída lentamente, no convívio diário e na conquista de espaço e respeito.

Apesar do Concílio não proclamar nem alterar nenhum dogma em seu tempo de duração, foi de extrema importância na história da Igreja Católica, sem o qual é

impossível compreender os desafios vividos em cada uma de suas sedes, em qualquer um dos países nos quais influenciou seus fiéis.

Os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, “segundo a medida concedida por Cristo” (Ef. 4,7). (Lumen Gentium, § 33).

A principal contribuição do Concílio foi a abertura para o processo de ruptura com o modelo europeu de Igreja. Até então a América Latina apenas reproduzia a tradição europeia, fosse ela portuguesa ou espanhola.

A partir do Concílio foi possível construir uma identidade efetivamente latino-americana, com a articulação das lideranças religiosas do continente em função das problemáticas enfrentadas no contexto continental.

De resto, [...], o Vaticano II significou a “deseuropeização” da Igreja e sua abertura verdadeiramente “católica” – fato que só encontra, na história, paralelo com a ruptura da Igreja Primitiva em relação à matriz hebraica e sua partida para o mundo grego. Desse modo, a construção da identidade das Igrejas da Periferia possibilitada pelo Vaticano II deu nascimento à “Terceira Igreja” – a do “Terceiro Mundo” (se ainda é lícito usar essa expressão). (BOFF, C., [199-?]).

A opção preferencial pelos pobres teve sua oficialização a partir de duas conferências episcopais realizadas na América Latina: a conferência de Medellín, no ano de 1968, e a de Puebla, em 1979.

A conferência de Medellín é um marco na história da Igreja latino-americana, segundo Boff, C. ([199-?]):

A nosso ver, Medellín deu à nossa igreja os elementos essenciais, que, amadurecidos na década seguinte, até Puebla, configuraram as três instituições que se podem dizer próprias ou típicas da Igreja latino-americana, a saber: a Opção pelos Pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. Ora, basta enunciar essas três realidades para pensar imediatamente na Igreja da AL.

As três características fundamentais apresentadas por Boff, C. ([199-?]) representam o que há de novo na proposta de organização e metodologia pastoral proposta na Conferência de Medellín.

A metodologia aplicada em Medellín conduz a um comprometimento efetivo com a realidade social latino-americana. Aplica-se aí uma metodologia de análise baseada em dados reais e objetivos, específicos da realidade social e político latino-americana, consistindo de três passos distintos, utilizados em todas as construções de pauta e de documento.

Conforme Beozzo (1998), o ponto de partida para as reflexões de Medellín foi sempre a realidade econômica, social, política e eclesial da América Latina. O segundo passo dado consistia na análise desta realidade a partir da luz da Palavra de Deus. E o terceiro passo, seguindo a metodologia francesa do Ver, Julgar e Agir, era construir a proposta de pistas pastorais práticas que levassem a transformar a realidade que constituía o cenário de desigualdade social.

Essa mudança de metodologia foi fundamental na construção de uma nova proposta para a Igreja, que adquire no continente latino-americano o rosto de uma instituição voltada para sua realidade, efetivamente comprometida com os problemas históricos, sociais, políticos e econômicos de seus fiéis.

A Conferência de Puebla, por sua vez, legitima e reforça o papel das CEBs como protagonistas na construção deste novo modelo de sociedade:

As comunidades eclesiais de base que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com seus bispos e como o pedia Medellín, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento. (PUEBLA, § 96).

Com Medellín e Puebla cria-se um novo paradigma eclesial fundamentado nos três fatores acima trazidos: a opção preferencial pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. (BEOZZO, 1993).

No ano de 1968 o congresso de Medellín “sistematiza a versão latino-americana para a participação da Igreja no meio popular”. (GOHN, 1997, p. 107), convidando todos os cristãos a lutarem pela igualdade social, política e econômica.

Tanto o Concílio Vaticano II quanto as Conferências representavam a dimensão macro da estrutura institucional de Igreja Católica. Com as diretrizes lançadas por essa estrutura, as organizações locais orientam sua linha de atuação pastoral.

No Brasil as lideranças, representadas por seus bispos, organizam-se desde 1952 no que conhecemos como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),

que, inserida no contexto latino-americano, é o palco de articulação e formação do episcopado brasileiro.

A CNBB é fundada por iniciativa de Dom Hélder Câmara, então bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, em outubro de 1952, criada como associação civil católica.

O objetivo da CNBB era coordenar e subsidiar as atividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e assistência social da Igreja em todo o território nacional.

Esta Conferência motiva e articula espaços de formação nos diversos estados brasileiros, e a questão da justiça social tornou-se cada vez mais relevante nas declarações dos bispos, principalmente sob o papado de João XXIII, que teve início em 1958.

Em novembro de 1958 João XXIII dirigiu uma carta aos bispos da América Latina, enfatizando os problemas sociais da região e manifestando-se favorável a uma mudança daquela situação.

Neste contexto, em 1966, Stragliotto se insere na equipe da secretaria nacional da CNBB, sediada do Rio de Janeiro (então Distrito Federal), no campo da formação catequética e pastoral.

Durante o período da Ditadura Militar, a CNBB passou por uma reestruturação importantíssima. Já em 1965 ocorre a VII Assembleia Geral da CNBB, que desarticula a Ação Católica Brasileira, subordinando-a às dioceses, prestando conta de suas ações e organização à hierarquia presente da Igreja, que assim consegue manter a Ação Católica do Brasil sob controle.

Entretanto, no mesmo ano, para substituir o Plano de Emergência, foi aprovado o Plano Pastoral de Conjunto, que objetivou coordenar a Igreja Católica no Brasil, fomentando a criação dos meios e das condições para que a Igreja se ajustasse, o mais rápida e plenamente possível, à imagem da Igreja do Vaticano II.

Este Plano Pastoral orientava que a CNBB distribuísse sua ação em 13 regiões, divididas no território nacional. Orientava também a criação de um programa de pesquisa organizado através do Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (CERIS) para que fosse possível conhecer de forma científica os problemas sociais e religiosos do país.

O Pe. Orestes Stragliotto se insere neste contexto, compondo a equipe de formação da CNBB. Entre 1966 e 1968 realiza, em companhia do Irmão Antônio

Cechin uma série de cursos voltados para a formação catequética, no campo da educação popular. Cechin fala desta experiência em entrevista cedida a Stoffel (2002, p. 165):

Como eu trabalhava com alunos de colégio, jovens de JEC, com o Pe. Orestes, eu fiquei encarregado do setor de catequese na CNBB (RS), antes de existir qualquer Bispo nesta área. Uma viúva havia deixado em testamento três casas (Alberto Bins, Porto Alegre) para a Igreja de Porto Alegre. Uma era a casa dos assistentes da Ação Católica, uma era da CNBB e a outra não lembro para que era. A CNBB estava ao lado dos assistentes da Ação Católica e o Pe. Orestes conseguiu depois, pressionando meu provincial que eu fosse liberado para organizar com ele o departamento de catequese da CNBB. Tivemos encontros de catequese em Caxias do Sul, em Ana Rech e em diversas Dioceses. Por isso essa catequese libertadora que propomos através dessas fichas catequéticas que elaboramos aqui no Centro de Juventude e Cultura baseado nos Centros de Cultura de Paulo Freire. Isso foi organizado entre 1966 e 1967. Os acadêmicos que formavam esses Centros de Cultura que iam às bases em busca das palavras geradoras do Método Paulo Freire. Com o instrumental global de análise da realidade, inovamos porque não era mais a catequese doutrinária. Não era mais o ensino do catecismo, primeiro moral, depois os sacramentos, não... Agora nós fazíamos explodir a boa nova a partir do cotidiano, a partir da realidade, a partir da vivência das pessoas.

Segundo Stragliotto (2002), foi neste período pós-Concílio, articulando inúmeros cursos de formação pastoral e catequética, que o espírito do Concílio Vaticano II, com suas propostas e seus desafios, consolidou-se em sua história pessoal de vida.

Em maio de 1967, realiza-se a VIII Assembleia Geral da CNBB, com a presença de mais de 200 bispos. A assembleia se restringe a discutir questões de doutrina e administração da Igreja. A proposta de análise da nova encíclica papal sob um viés social, proposto por Dom Hélder Câmara, foi fracamente discutida e não obteve repercussão.

A Igreja, em seu âmbito nacional, fecha-se e recua em relação às questões sociais. Apesar da apreensão do clero em relação à situação vivida pelo país com a ditadura militar e os inúmeros atos de repressão e violência, a Igreja como instituição nacionalmente organizada evita se posicionar.

Neste cenário de resistência, com um viés social proposto pelo Concílio Vaticano II e especialmente pelas Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, abre-se um espaço para a vivência dessa proposta em âmbito local.

É nas décadas de 1960 e 1970, durante sua atuação na CNBB que Orestes Stragliotto constrói as redes de relações que vão garantir a continuidade do trabalho

iniciado no âmbito nacional durante o tempo em que se dedica às atividades de formação e articulação da Paróquia Santo Inácio, em São Leopoldo.

3.1 PADRE ORESTES, TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E ZONA NORTE DE SÃO LEOPOLDO

Para responder ao questionamento sobre qual foi a influência da prática sociopolítica da TdL e da *práxis* pastoral e social do Pe. Orestes Stragliotto na Zona Norte de São Leopoldo é necessário compreender o papel do Padre Orestes Stragliotto nas **Mobilizações Sociais nas Comunidades da Zona Norte de São Leopoldo** precisamos entrarmos em contato rápido no que significa “Teologia da Libertação”, uma realidade que o Padre Orestes viveu intensamente. Poucos discordam de que a Teologia da Libertação no Brasil tenha tido importância significativa dentro da estrutura católica, e fora dela, na história recente do Brasil. Entretanto, estudos de casos de ações efetivas resultantes das práticas teológicas e sociais da libertação, não são encontradas em profusão. Além disso, parece que, muitas vezes, a “Teologia da Libertação”, ou suas ações, são tratadas de maneira monolítica, considerando muito mais aquilo que os teóricos desta Teologia escrevem – ou dizem – do que as aplicações efetivas dos seus ensinamentos ou análises.

Para começar nossa proposta de estudo do caso da aplicação da dinâmica do que se entende por Teologia da Libertação nas comunidades da Zona Norte de São Leopoldo, gostaríamos, primeiramente, demonstrar que, apesar de haver um arcabouço comum que define aquilo que chamamos de “Teologia da Libertação”, Löwy (1991, p. 27-28) resumiu o significado desta forma de fazer Teologia, da seguinte forma:

Um implacável requisitório moral e social contra o capitalismo dependente, seja como sistema injusto, iníquo, seja como forma de pecado estrutural [...]; a utilização do instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas da luta de classes [...]; uma opção preferencial em favor dos pobres e da solidariedade com a sua luta pela autolibertação [...]; o desenvolvimento de comunidades cristãs de base entre os pobres, como uma nova forma da Igreja e como alternativa ao modo de vida individualista imposto pelo sistema capitalista [...]; uma nova leitura da Bíblia, voltada principalmente para as passagens como o Êxodo – paradigma da luta de libertação de um povo escravizado [...]; a luta contra a *idolatria* (e não o ateísmo) como inimigo principal da religião – isto é, contra os ídolos da morte, adorados pelos novos faraós, os novos Césares e os novos Herodes: Mamom, a Riqueza, o Poder, a Segurança Nacional, o Estado, a Força Militar, a “Civilização Ocidental” [...]; a libertação humana

histórica como antecipação da salvação final em Cristo, como Reino de Deus [...]; uma crítica da teologia dualista tradicional como produto da filosofia platônica grega e não da tradição bíblica – nas quais as histórias humana e divina são distintas, mas inseparáveis.

Acreditamos que existam diferenças importantes, pelo menos nos objetivos que os teólogos pretendiam atingir. Para Boff, L. (1986), por exemplo, um dos principais teólogos e teóricos da Teologia da Libertação, esta não era uma ferramenta de *reforma* da sociedade, mas de *transformação* radical. Para ele a libertação é “concretamente isso: acabar com o sistema de injustiça que é o capitalismo. É libertar-se dele para criar em seu lugar uma nova sociedade, uma sociedade socialista”. (BOFF, L., 1986, p. 70). Ou seja, a princípio, a proposta não é de reformar o sistema, já que “isto implicaria apenas em fazer um curativo na ferida sem perceber o foco gerador da enfermidade”. (Idem, ibidem, p. 16).

Contudo, a ação libertadora proposta por Boff, L. (1986) não é uma ação meramente político-revolucionária. “O interesse principal da Teologia da Libertação é criar uma ação da Igreja que ajude, efetivamente, os pobres. Tudo deve convergir para a prática do **amor**” (BOFF, L., 1986, p. 15). Ou seja, a proposta é a materialização do Reino de Deus, que seria, concretamente, o socialismo. Segundo Boff, L. (ibidem, p. 22), “o que propomos não é uma Teologia dentro do marxismo, mas um marxismo (materialismo histórico) dentro da Teologia”. Logo, “o método da Teologia da Libertação [...] é o método dialético” (Idem, ibidem, p. 22). Portanto, o que se depreende das obras de Leonardo Boff e Clodovis Boff é que a Teologia da Libertação é mais que uma opção pelos pobres; ela carrega em si a intenção da superação das estruturas injustas da sociedade.

Acreditamos que as diferentes abordagens teórico-metodológicas produziram, no campo prático, realidades diferentes. Até podemos afirmar que a abordagem contemplada por estes autores produziu um embate direto e duro contra o sistema vigente na época; um embate que, de alguma forma, esteve presente em alguns grupos de luta armada contra a ditadura no Brasil e em outros países da América Latina.⁶⁷

Libânio (1977), por sua vez, acredita que essa forma de pensar a Teologia da Libertação estava historicamente datada e que, já na década de 1970, sofria importantes mudanças. Para ele,

⁶⁷ Cf. DIAS, 2008.

a Teologia da Libertação da segunda metade da década de 70 será bem diferente, perdendo um cunho juvenil e arrojado, que teve nos seus inícios para “situar-se mais realisticamente num continente sob o domínio da Ideologia de Segurança Nacional vigilante e bem implantada”. (LIBÂNIO, 1977, p. 66).

Libânio propunha uma abordagem dual em seu artigo *Teologia no Brasil: Reflexões crítico-metodológicas*, resultado de sua explanação na IX Semana Filosófico-Teológica do Colégio Cristo Rei/UNISINOS, em 1977. Sua primeira proposição foi a de fazer uma análise crítica da Teologia no Brasil no final desta década. Para isso, contrapunha a teologia do Catecismo à Teologia da Libertação, que ainda estava em processo de construção. Além disso, propunha pensar uma teologia engajada e atuante, isto é uma Teologia da Libertação, como a melhor opção diante dos desafios de seu tempo. Seu texto, portanto, pode ser pensado não só em termos analíticos, mas também propositivos.

As anotações deixadas pelo Pe. Orestes Stragliotto⁶⁸ no que tange a análise da realidade na qual está inserido eram evidências da metodologia proposta pela Teologia da Libertação e pelas CEBs, partindo da realidade e do sofrimento que oprimiam o pobre. Seus escritos são referências no campo da formação dos agentes de pastoral popular, uma vez que a metodologia de trabalho empregada inclui a leitura popular da Bíblia, gerando uma reflexão analítica do contexto da vida, remetendo a uma prática, isto é, à ação dos atores sociais inseridos em práticas sociais e políticas.

À luz de algumas proposições de Libânio (1977), passamos a descrever e analisar – ainda que brevemente – a experiência da implantação das CEBs na zona norte de São Leopoldo e algumas ações realizadas ali durante as décadas de 1980 e 1990, o que é fundamental para compreendermos o significado da postura do Padre Orestes. Cabe enfatizar que esse processo só pode ser compreendido considerando o importante papel desempenhado pelo Pe. Orestes, que assumiu a Paróquia do Rio dos Sinos em 1982. Segundo ele,

quando Dom Sinésio, dia 23 de Julho de 1982, me ofereceu a paróquia me disse: **“Eu tenho uma paróquia pobre, abandonada e que ninguém quer!”** Eu logo disse: **“Então eu quero!”** Pedi dispensa da Congregação por 3 anos e me mandei para São Leopoldo.⁶⁹

⁶⁸ Diários pessoais de Orestes João Stragliotto, de 1982 a 1987. Acervo da Fraternidade Apostólica da Boa Nova, São Leopoldo.

⁶⁹ STRAGLIOTTO, 2002, p. 3.

Para entender a inserção do Padre Orestes Stragliotto na Teologia da Libertação e no movimento de CEBs, é adequado pensar em sua formação como homem (imane) e como sacerdote (transcendente).

Pe. Orestes Stragliotto que, até então, possuía uma formação sacerdotal do tipo catecismo,⁷⁰ passa por um processo de mudança porque o Concílio Vaticano II provocaria mudanças em sua forma de pensar e “ler” o mundo. Nas suas palavras:

Do pré concílio passei ao post-concílio! Foi uma experiência difícil, mais porque eu pouco entendia do verdadeiro significado que o próprio Concílio representava! Eu estava na CNBB, como secretário, no tempo de Dom Vicente, que sempre admirei, mas o espírito que foi me moldando foi o de Dom Helder Câmara, com o qual trabalhei saturadamente na CNBB do Rio!!⁷¹

Aqui parece ter iniciado para ele aquilo que Libânio (1977) chama de “Superação de Tal Lugar” (do lugar Tridentino). É importante considerar, nesse caso, o que Libânio (1977) afirma. Segundo ele, “superação não significa eliminação, mas ultrapassagem, procurando reter o construtivo no momento anterior e assumindo em síntese positiva novidades do atual momento”. (LIBÂNIO, 1977, p. 50).

A ideia dialética de síntese, presente na proposição de Libânio, parece, de fato, ter ocorrido na vida do Pe. Orestes Stragliotto.

Orestes, um jovem sacerdote, formado na experiência clerical-religiosa pré-conciliar, aceitou em sua vida as mudanças salutares do Concílio, passando por uma experiência profunda de crise pessoal, espiritual e de vocação, para ser um dos ícones da perseverança na fé libertadora. Apostando desde as realidades de base e transformando as realidades eclesiais, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Conferência dos Religiosos do Brasil, além de instâncias missionárias, ecumenismo entre outras. [...] sendo eu, um agraciado por degustar os escritos de Pe. Orestes, de modo especial, seus diários, posso afirmar: Ele foi um grande místico que soube equacionar, não sem conflitos interiores, a experiência mais profunda de Deus com a realidade concreta do povo.⁷²

No início da década de 1960, o Orestes se tornou assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no Rio Grande do Sul (regional Sul 3). Foi o segundo secretário da CNBB no Rio Grande do Sul, sob a presidência do cardeal Vicente Scherer. A CNBB vinha tendo forte influência dos ideais e do dinamismo de Dom

⁷⁰ Segundo o catecismo § 2686, os ministros ordenados também são responsáveis pela formação para a oração de seus irmãos e irmãs em Cristo. Servidores do bom Pastor que são, eles são ordenados para guiar o povo de Deus às fontes vivas da oração: a Palavra de Deus, a Liturgia, a vida teológica.

⁷¹ STRAGLIOTTO, 2002, p. 1.

⁷² FABN, 10/12/2011, p. 2.

Helder Câmara, figura que tinha assimilado profundamente o espírito do Concílio Vaticano II, aproximando-se da Teologia da Libertação. O Pe. Orestes trabalhou com o Irmão Antônio Cechin,⁷³ colaborando para o surgimento da Romaria da Terra,⁷⁴ das CEBs e do próprio MST no Rio Grande do Sul e no Brasil. Os anos de 1967 e 1968 foram decisivos na virada teórico-prática de Stragliotto (2002), o que fica explicitado num momento de autoanálise, onde ele escreve:

Em 1967, fazendo o curso de Catequese e Liturgia nos ISPAC e ISPAL do Rio, acho que completei a “VIRADA” que o Vaticano II precisava provocar na Igreja! Depois do Congresso de Catequese de Medellín e a Assembleia dos Bispos de Medellín, com Dom Helder e Dom Larain, penetrei as mudanças pastorais na BASE que o Concílio propunha! Foi nessa época que iniciei os cursos de PASTORAL de Caxias (C.F.P) em 1968, os cursos missionários do COM, 1970, e os cursos de Catequese e Pastoral Latino-Americano do CECA, 1974/1982. Eles me deram uma ESTRUTURA TEOLÓGICA E PEDAGÓGICA que é a que embasa meu trabalho, hoje! [...] eu fui amadurecendo uma consciência profunda da Igreja, da própria Bíblia e do mistério de Cristo! É claro que tudo foi sendo questionado e requestionado!! Ajudando os outros, eu aprendi! Estudando, fui crescendo e tentando uma nova experiência de Igreja aqui no Rio dos Sinos como queria Dom Sinésio, partindo do NADA... TENTEI CAMINHOS NOVOS, na perspectiva do Concílio. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 1).

1979 foi o ano da terceira Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, em Puebla, México, considerada pelos teóricos da Teologia da Libertação um marco da Igreja Católica no América Latina, na medida em que a Igreja afirmou como preferência pastoral a opção pelos pobres, iniciada em Medellín,⁷⁵ e pelos jovens.

⁷³ Irmão Cechin foi uma presença decisiva no movimento comunitário, fazendo surgir várias ocupações urbanas, a renovação do movimento operário e diversas mobilizações populares que provocaram mudanças na sociedade brasileira. Além de ser um grande catequista, foi um grande pastoralista.

⁷⁴ Afirma o Ir. Cechin: Veio essa ideia de eu e o Orestes: "pequenas comunidades, tudo bem, mas precisamos ter movimento de massa"! Se há um problema político no Brasil que temos que mudar, é a necessidade de criar movimento de massa. Nós dois que damos a ideia para todas as bases do RS da Romaria da Terra. A Romaria da Terra foi uma ideia do Orestes e eu, num carro, quando fomos a São Gabriel visitar os lugares dos Mártires Guaranis. Estamos agora parindo, na Assembleia Legislativa, nos 250 anos do martírio de Sepé Tiaraju, em 2006, um projeto de lei, pelo Sérgio Goergen, declarando Sepé Tiaraju como herói rio-grandense! Até agora isso foi negado pelo Instituto Histórico e Geográfico do RS. Por que fomos para São Gabriel? Exatamente para dar o que chamamos de "mística da luta". Nosso pessoal não tinha mística para segurar a militância. Nós tínhamos gente muito pobre, vinda do interior, fruto de um êxodo rural tremendo, na época da revolução. Tinha gente muito religiosa. Realizamos então, em São Gabriel, a 1ª Romaria da Terra, em 7 de fevereiro de 1978. (STOFFEL, 2006, p. 167).

⁷⁵ Libânio discorda desta análise da conferência de Puebla. Segundo ele, houve um enquadramento da Teologia da Libertação em Puebla, o que levou a que o termo não fosse usado nenhuma vez nos documentos finais da Conferência. O debate ficou bastante polarizado entre uma ala minoritária, que provinha das ideias de Medellín, e uma ala restauracionista, que propunha uma volta à vida da Igreja anterior ao Concílio Vaticano II. Essa polarização ficou marcada em vários aspectos, de acordo com as opções de Puebla. Libânio diz que houve, depois, uma espiritualização da opção pelos pobres em Puebla. Para ele, em Medellín, essa opção estava bastante clara, sem nenhum adjetivo: "opção pelos pobres". Já em Puebla, houve diversas tentativas para minimizar a força da

Stragliotto participou como fundador da criação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) no Rio de Janeiro. Hoje o CEBI tem sua sede nacional em São Leopoldo, no Jardim Viaduto, do Bairro Scharlau, em São Leopoldo.

Esta nova experiência de Igreja a que Stragliotto se refere aproxima-se das proposições feitas por Libânio (1977). O autor, em seu artigo citado acima intitulado *Teologia no Brasil: Reflexões crítico-metodológicas*, tem como foco o fazer teológico. no entanto, como sua proposta é de superação da teologia seminarística, clerical e academicista, parece plausível utilizarmos suas proposições em uma análise de caso, em que a Teologia da Libertação foi colocada em prática. O Pe. Orestes Stragliotto foi um exemplo de que “a melhor prática é uma boa teoria. Entretanto, a melhor das teorias cairia no vazio se não se concretizasse” (LIBÂNIO, 1977, p. 73).

Libânio (1977) inicia seu artigo explicitando uma importante categoria teórica que vai percorrer todo o texto: o lugar. Segundo ele, o lugar de fazer teologia não é a academia; o lugar privilegiado de fazer teologia é a pastoral. Tomada de empréstimo de Certeau (2002), a categoria *lugar* nos parece muito adequada às análises e proposições presentes em seu texto. O *lugar social*, ou o corpo social, é muito importante. Como afirma Certeau (2002, p. 77):

A história se define inteira por uma relação da linguagem com o corpo (social) e, portanto, também de sua relação com os limites que o corpo impõe. Mas não só: define-se também, pela maneira do lugar particular de onde se fala [...], mas não só isto o outro, alvo do discurso acaba por influenciá-lo.

Stragliotto parece ter tido muita clareza em relação à importância do lugar. Sua inserção teológico-pastoral na Zona Norte de São Leopoldo foi fortemente marcada pela relação com o lugar. Para ele, “uma paróquia que recebe 700 a 800 famílias por ano é coisa complicada! Por isso, não podemos pensar com os esquemas tradicionais.

expressão. Uma das formas foi o enfraquecimento dessa opção trocando-a por “amor aos pobres”, um termo com menos impacto militante do que “opção”. Já para demonstrar a segunda forma de espiritualizar a opção pelos pobres, LIBÂNIO utilizou-se da linguística ao afirmar que a adjetivação de um termo diminui sua força. E foi isso que, segundo ele, ocorreu em Puebla, com o acréscimo de adjetivos à expressão, como “opção preferencial”, “evangélica”, “universal”, “piedosa”. Com isso, tentava-se enfraquecer o peso da opção que era clara em Medellín. Houve, também, segundo o jesuíta, uma tentativa de enfraquecer a Igreja popular, marcada pela experiência das CEBs e de tantos personagens que lutaram contra a dominação que o continente vivia. Com relação às CEBs, LIBÂNIO afirmou que se pretendia enfraquecer seu compromisso de transformação social e de luta por direitos, para transformá-las em pequenas comunidades de reflexão bíblica e fraterna, sem a força militante que sempre desempenharam. O imaginário popular ajudou a construir a ideia “Medellín-Puebla”, afirma João Batista Libânio. *Instituto Humanistas UNISINOS*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/15164-o-imaginario-popular-ajudou-a-construir-a-ideia-medellin-puebla-afirma-joao-batista-libanio>>. Acessado em: 09 jun. 2012.

É preciso “INVENTAR” soluções novas”.⁷⁶ Sua pastoral parecia ter noção de que o alvo do discurso não era um simples e passivo receptor, mas também um ator atuante. Como exemplo, podemos utilizar o movimento social Pró-Dique,⁷⁷ idealizado por ele, mas realizado a partir dos moldes de uma teologia nascida da prática.

Durante os meses de Fevereiro e Março se fizeram diversas atividades, reuniões e publicações! Outra atividade importante foi uma grande Assembleia Popular do dia 24/06/87, às 20hs, na Igreja São Jorge/Campina. [...] A mobilização foi grande e a participação intensa. [...] É claro que os políticos usaram muito o meu nome e “minha liderança”. – Mas sei que o povo não se deixa impressionar: sabe distinguir!! A coordenação ficou a cargo de Ary Vanazzi, coord. do Pró-Dique⁷⁸.

A partir desse tipo de inserção realizado por Stragliotto, que resultou no movimento Pró-Dique, pode-se reconhecer que sua ação se identifica com a proposta de Libânio (1977, p. 36) que afirma que “o ‘lugar-social’ é determinado pelos condicionamentos, **pela realidade empírico-social em que se vive**. Reflete um engajamento político”.

Outro aspecto de importante aproximação entre a discussão teórica proposta por Libânio (1977) e a *práxis* pastoral de Stragliotto na Zona Norte de São Leopoldo é a decisão que este toma de viver entre a comunidade que viria a pastorear. Para Libânio (1977), professores e alunos de teologia, em uma situação ideal, ainda que longínqua, deveriam viver “em condições mais próximas do povo, num processo contínuo de reflexão e revisão de tais experiências”.⁷⁹ (LIBÂNIO, 1977, p. 52-53). Stragliotto vai morar primeiramente “num rancho atrás da matriz [e] duas semanas depois veio a 1ª grande enchente, depois da posse [...] Em 5 anos, foram 13 enchentes”. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 3).

Em 1987, Pe. Orestes muda-se para o Centro de Evangelização Padre Arturo (CEPA) que funciona, em grande medida, como uma casa de retiro localizada na rua Rio Paraguaçu, n. 220, no bairro Arroio da Manteiga, em São Leopoldo-RS. É interessante notar que a mudança ocorre quando a questão das enchentes já está em fase de solução. A mudança para o CEPA, que poderia ser considerada como uma “saída” da vida na comunidade, na verdade, é um aprofundamento dessa proposta. O

⁷⁶ STRAGLIOTTO, 2002, p. 16.

⁷⁷ O Movimento Social Pró-Dique ocorreu em São Leopoldo na década de 1980. Este Movimento Social surgiu da necessidade da construção de um dique na parte norte da Cidade de São Leopoldo que sofria com enchentes no período de cheias do Rio dos Sinos.

⁷⁸ Livro Tombo da Paróquia Santo Inácio, bairro Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1987, p. 119.

⁷⁹ Idem, ibidem, p. 52-53.

Centro de Evangelização Padre Arturo se encontra localizado no coração da periferia da Zona Norte. No momento da mudança, a região era considerada uma *vila*, ocupada basicamente por trabalhadores pobres e migrantes.

A proposta dialética contemplada acima, de um processo contínuo de reflexão e revisão de tais experiências, bem como a abertura dos professores para um diálogo interdisciplinar, máxime com as Ciências Sociais também está presente na *práxis* de Stragliotto (2002). Segundo ele, é isso “que embasa meu trabalho, hoje, lidando com Sociólogos, Antropólogos, Teólogos [...], Biblistas [...], Espiritualistas [...], Pedagogos [...] e com Bispos do RS, do Brasil e América Latina”. Continua ele: “Eu fui amadurecendo uma consciência profunda da Igreja, da própria Bíblia e do mistério de Cristo! É claro que tudo foi sendo questionado e requestionado!”. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 1). Bem no início do seu trabalho, em 1982, Stragliotto (2002) já indicava seu desejo de produzir uma teologia através da lógica dialética. Seus princípios seriam: “1) Centrar aos poucos, tudo em Jesus Cristo; 2) Participação, ativa e decisória dos Leigos; e 3) Descentralizar em pequenas comunidades. **Depois escrever sobre as experiências**”. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 3, grifo nosso).

As reflexões e escritos a que Stragliotto se refere possuíam forte embasamento teórico. Ele mesmo informa que “sou professor de História da Igreja, li e estou lendo os melhores autores [...], dou aula de Doutrina Social da Igreja. [...] estudei as Heresias, a História dos ‘condenados e reabilitados’ pela Igreja.” (STRAGLIOTTO, 2002, p. 2). Sua sólida formação teórica pode tê-lo influenciado a ajudar e coordenar o Centro de Obras Missionárias (COM), o Centro de Evangelização e Catequese (CECA), o Centro de Evangelização Padre Arturo (CEPA), o Centro de Formação Teológica (CMFT) e a Fraternidade Apostólica da Boa Nova (FABN), somente o COM tinha sua sede em Caxias do Sul; todos os outros localizavam-se em sua paróquia, na Zona Norte de São Leopoldo.

As três instituições,⁸⁰ apesar de áreas específicas de atuação, convergiam para “dar chances novas a quem já as perdeu, uma ou duas vezes. Por isso trabalhamos com EGRESSOS (de seminários – *nota nossa*), mas não só. Há pessoas indicadas por Bispos e outros não egressos”. Estas pessoas “procuram o CMFT pela linha

⁸⁰ O CEPA, basicamente, é a estrutura física onde o CMFT e a FABN funcionam especialmente como casa de retiro. A CMFT é entidade responsável pela organização e execução efetiva dos encontros, cursos, seminários, etc. Já a FABN é uma associação de clérigos e leigos da qual uma boa parte dos frequentadores CMFT fazem parte.

pedagógica e ideológica [...]. O CMFT é um espaço bastante aberto e livre, aonde esses jovens [...] vão reconstruindo, suas vidas.” O principal objetivo não era a ordenação “mas conseguir seres humanos maduros e equilibrados ! Alguns fazem, também, filosofia-clínica e psicoterapia etc.” (STRAGLIOTTO, 2002, p. 10).

Fica claro, portanto, que o trabalho do Pe. Orestes Stragliotto e de seu grupo (outros padres, freis, irmãos, diáconos, ministros e demais líderes populares) não era somente fruto de uma prática sem reflexão. Pode-se dizer que, para eles, era “insubstituível o conhecimento profundo da especificidade da prática teórica em geral, e da Teologia em particular.” (LIBÂNIO, 1977, p. 30). Ou, ainda, que “a PRAXIS vai modificando a DOXA (a teoria).” (STRAGLIOTTO, 2002, p. 11).

Retomando a questão do lugar, Libânio (1977, p. 43) nos indica que o “lugar clerical” é “determinado pelos condicionamentos sociopolítico-econômico-religiosos” a que a “classe clerical” está sujeita. Stragliotto parece ter percebido que, para produzir uma outra teologia (a Teologia da Libertação), era necessário não só superar seu lugar clerical, mas que era necessário, nesse processo, realizar essa libertação ou, pelo menos, amenizar, os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e – por que não – religiosos. Follmann (1985, p. 179) nos ajuda a compreender esta situação quando escreve que o debate ideológico interno à Igreja

não é um debate isolado de pequenos grupos. Mesmo que ele se manifeste mais vivamente entre integrantes da chamada “direita” e “esquerda” católicas, não se restringe a estes grupos. Apresenta repercussões mais ou menos intensas em toda instância do discurso católico, desde as palavras de advertência e orientação da hierarquia até as palavras de ordem constantemente repetidas nas canções, orações, etc., das Comunidades Eclesiais de Base.

O próprio Pe. Orestes Stragliotto faz um relato das realizações das ações pautadas pela Teologia da Libertação – sob sua liderança – entre os anos de 1982 e 2002, ano de sua morte. As afirmações são feitas no memorandum, enviado pelo pároco da Paróquia Santo Inácio, ao bispo da Diocese de Novo Hamburgo, Dom Osvino Both.

A partir disso, pode-se dizer que “ele foi um grande místico que soube equacionar, não sem conflitos interiores, a experiência mais profunda de Deus com a realidade concreta do povo.”⁸¹ Acreditamos que, apesar do forte apelo político do

⁸¹ FABN, 10/12/2011, p. 2.

trabalho do Pe. Orestes Stragliotto, a dimensão espiritual/religiosa esteve sempre presente. Talvez pudéssemos dizer que a segunda e a primeira eram indissociáveis. Sobre isso ele mesmo deixa escrito:

Comecei a melhorar as celebrações, preparar catequistas e ministros novos! Visitei as vilas... Em 1985, inauguramos o 1º novo salão (Brás), 05/07/85 - Depois Mauá (Arroio da Manteiga) em 17/08/85. - Logo São João do Campestre (29/09/85), Brasília/1986, Vila Elza/1986, Novo Sinos/1986, Gauchinho/1986, etc. Primeiros Ministros da Palavra! Cursos de Bíblia e de catequese nas comunidades e não na Matriz (longe), uma diretoria em cada comunidade. Pe. Arturo vem em 1985 morar conosco (ficou 3 anos). Ampliação da Paróquia até Portão, incluindo Arroio da Manteiga. Pe. Armando fez os limites entre Scharlau e Rio dos Sinos. Isso foi em 1985. [...] Eu vinha das experiências de CEBs, do COM, do CEBI e do CECA. Estava imbuído do Concílio, de Medellín, de Puebla, etc... Um dos projetos era fazer da paróquia, uma REDE DE COMUNIDADES. Portanto, DESCENTRALIZAR o máximo!!! Tanto mais que a nossa Matriz está totalmente deslocada do centro da Paróquia! O povo estava longe e tinha dificuldades de ACESSO!!! Por isso, foram nascendo nas Vilas, os “Centros Comunitários”, para manter unidos os Católicos e dinamizar a prática católica, etc. Hoje são apenas 23 centros, mas já precisaríamos de mais 8 centros, pois as vilas incharam e surgiram Novas. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 16).

Os Centros Comunitários a que o Pe. Orestes Stragliotto se refere cumpriam funções religiosas (de capela) e de centro de social e político local. A ideia era desenvolver nos fiéis a sensação de pertencimento religioso e identitário. As ações empreendidas cotidianamente dentro do espaço social ocupado, a relação que se estabelece com esse espaço e as interações com outros indivíduos é que vão dar a base de fundamentação da construção desse sujeito que, estrategicamente, procura dar sentido às suas práticas. Sobre esse aspecto, Touraine (2007, p. 124) esclarece que

o que cada um de nós procura, no meio dos acontecimentos em que está mergulhado, é construir sua vida individual, com *sua* diferença em relação a todos os outros e sua capacidade de dar um sentido geral a cada acontecimento particular. Esta procura não deveria ser a procura de uma identidade, já que somos cada vez mais compostos de fragmentos de identidades diferentes. Ela não pode ser senão a busca do direito de ser o autor, o sujeito de sua própria existência e de sua própria capacidade de resistir a tudo aquilo que dela nos priva – e torna nossa vida incoerente.

Nesse sentido, as ações, os movimentos e as práticas sociais desenvolvidas pelo Pe. Orestes e os atores sociais do seu entorno tiveram um foco de análise privilegiado em nossa pesquisa, já que foi a partir desses aspectos identificados os

elementos que caracterizam essa busca do direito de ser o autor da sua história. No quarto capítulo damos voz a alguns destes atores sociais.

Convém, ainda, explicitar a importância do processo de subjetivação, discutido por Touraine (2007), essencial para que se possa entender como o sujeito se forma a partir deste processo. É através do questionamento sobre a sua experiência comunitária e, ao mesmo tempo, globalizada, que o indivíduo se faz sujeito; um esforço de estranhamento a uma realidade dada na busca por individuação. “Esse movimento de subjetivação não pode partir a não ser da resistência do indivíduo à sua própria divisão interna e à sua perda de identidade”. (TOURAINÉ, 2007, p. 76).

Surge, então, uma segunda categoria, também discutida nesta dissertação, referente à noção de identidade desses sujeitos. Hall (2000) esclarece que o conceito de identidade tem um caráter fundamentalmente estratégico e posicional e que, atualmente, já não é possível pensar que dispomos de uma identidade fixa e centrada em um único eixo. A multiplicidade de situações sociais vividas não permite a busca de respostas baseadas em concepções estáticas da realidade. Essa situação leva a uma permanente redefinição das posições assumidas pelos sujeitos, dando forma a múltiplas identidades, estrategicamente utilizadas em situações específicas. Para Hall (2000, p. 108):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade, tardias, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Faz-se, portanto, uma distinção entre indivíduo, sujeito e identidade. O primeiro refere-se ao ser individual em si mesmo, dotado de características particulares e submetido à experiência coletiva. Durante o processo de subjetivação (que é o desejo de individuação) é que ele se forma efetivamente como sujeito, na procura por uma distinção da sua experiência em meio a outros indivíduos. Por sua vez, as identidades (entende-se que não é apenas uma) apresentam-se como as posições nas quais se movimentam os sujeitos, articulando-se engenhosamente, conforme a necessidade que o momento exige.

Diante da multiplicidade de identidade, não só individual como também a construção da identidade em grupo, Melucci (2004) diz que em ambos os casos, individual ou em grupo, carregam-se três características: continuidade do sujeito,

independente das variações no tempo e das adaptações ao ambiente; delimitação desse sujeito em relações aos outros; e a capacidade de reconhecer-se a ser reconhecido.

As questões de ordem sociopolítica estavam, por conseguinte, no centro das preocupações de Pe. Orestes. As lutas sociais por melhores condições de vida foram, certamente, a principal marca de seu trabalho. Segundo ele,

a questão social. sobretudo em São Leopoldo, é uma questão **Política!** A prefeitura cuida do que é **Formal** (faz o que as leis tradicionais impõe e faz mal, muito mal), deixa o resto para as Igrejas, para as ONGS. Nós temos fama de **Lutadores**, pois começamos com o Dique!! Mobilizamos o povo para muitas atividades urgentes. Agora é a **Passarela** sobre a BR 116. [...] Enfrentamos o problema da mulher e da violência familiar! [...] Hoje estamos perdidos, tentando **Ressuscitar** o movimento de Mulheres como grupo de promotoras populares da Justiça e a Pastoral da Criança, da CNBB/Unicef [...] Desde 1993, e antes ainda, nos dedicamos às creches, crianças e adolescentes **de** Rua (e na Rua) seguindo o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA. É um dos trabalhos que nos deu maior satisfação! Mas, também ai procuramos Parcerias [...] O CECAM tem trabalho variado, no Parque Mauá, em parte da Santa Marta, com “Sementes de Vida”. (STRAGLIOTTO, 2002, p. 7).

As marcas da tentativa de superação da realidade social das comunidades periféricas da Zona Norte de São Leopoldo são muito visíveis. O Dique (concluído em 1988, como resultado da luta do Movimento Pró-Dique) mudou radicalmente a vida dos moradores da Zona Norte de São Leopoldo. Isso porque “as localidades, antes atingidas pelas cheias, não possuíam infraestrutura alguma” sendo que após o fim das enchentes “podem usufruir de infraestrutura completa com ruas calçadas ou asfaltadas, transporte coletivo dentro dos bairros, valorização dos terrenos, escolas, creches e, principalmente, qualidade de vida”. (FERREIRA, 2011, p. 46).

O que o Pe. Orestes chama de *promotoras populares de justiça* se transformou em *promotoras legais populares*. Em 2011, o Centro de Evangelização e Catequese (CECA), que assumiu este encargo junto com a Paróquia Santo Inácio, formou a VIII turma⁸² de mulheres que tem por função desenvolver “ações de escuta, apoio, encaminhamento de mulheres vítimas de violência e discriminação, denúncia e prevenção à violência, defesa da cidadania e construção de políticas públicas de gênero.”⁸³

⁸² Disponível em: <<http://www.ceca-rs.org/noticia/formatura-viii-turma-das-promotoras-legais-populares>>. Acessado em: 4 jun. 2012.

⁸³ Disponível em: <<http://www.ceca-rs.org/acesso-popular-%C3%A0-justi%C3%A7a>>. Acesso em: 4 jun. 2012.

Quanto à preocupação explicitada com crianças e adolescentes de rua (e na rua), identificamos o surgimento de um grande projeto de apoio, proteção e assistência chamado Associação Meninos e Meninas de Progresso (AMMEP). Hoje, esta associação presta atendimento a cerca de 300 crianças e adolescentes, de 6 a 14 anos, em situação de vulnerabilidade social, em três núcleos de São Leopoldo: Padre Orestes, Vila Brás e Tancredo Neves. Segundo sua diretoria, ela “teve seu início no ano de 2000, por iniciativa do Padre Orestes João Stragliotto, como um programa da Paróquia Santo Inácio que era uma das prioridades da 2º Assembleia, realizada em 1986, visando à prevenção e ao amparo a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.”⁸⁴

No que diz respeito ao último aspecto que define o lugar clerical – o aspecto econômico –, algumas ações importantes foram realizadas. Dentro do espírito da Teologia da Libertação, e de sua aproximação com as ideias de superação do capitalismo (pelo menos em sua faceta clássica), alguns passos em direção a uma economia de cooperação solidária foram dados. Construíram-se “fornos comunitários, poços e lavanderias comunitárias, artesanatos de roupinhas e acolchoados [...] A Caritas sempre nos ajudou e estimulou! [...] Foi criada “a Cooperativa Leopoldense de Artesanato-CLAR” e incentivados os “Coletivos de Trabalhos”.⁸⁵ Também o “artesanato com os restos das fabricas de Malhas! Na ‘Caritas da Paróquia’ havia, além disso, o ‘PROJETO ENTRE AJUDA’ [que] teve um papel enorme, tanto que tínhamos 3 liberados, 1 KOMBI, padarias, feiras etc.”.⁸⁶

As ações de cunho social parecem ter sido muito importantes naquele momento (décadas de 1980 e 1990) em que a Zona Norte “inchava” rapidamente com a chegada de trabalhadores migrantes à procura de trabalho. Entretanto, a longo prazo, a ação que parece mais ter contribuído para a melhoria das condições de vida, inclusive econômicas e políticas da população da Zona Norte, foi mesmo a conclusão do dique, e o Projeto Meninos e Meninas da Vila Progresso, pois foi a partir destes movimentos que identificamos alguns atores sociais que atuaram na política institucional da cidade de São Leopoldo.

⁸⁴ Disponível em:
http://www.trensurb.gov.br/paginas/paginas_noticias_detalhes.php?codigo_sitemap=2892&PHPS_ESSID=wwrheblcb>. Acesso em: 5 maio 2012.

⁸⁵ STRAGLIOTTO, 2002, p. 7.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 16.

4 COMO A SOCIOLOGIA TRATA OS MOVIMENTOS SOCIAIS/POPULARES?

Para o estudo e a análise de nossa pesquisa sobre a formação de mobilizações sociais, faz-se necessária uma revisão bibliográfica de alguns autores que abordam o tema Movimentos Sociais e Novos Movimentos Sociais. Até o começo do século XX, a categoria Movimentos Sociais dizia respeito às organizações da classe operária em suas mobilizações, sindicatos e partidos (DOIMO, 1995; GOSS; PRUDÊNCIO, 2004). Devido a esse foco, outras formas de reivindicação, grupos de natureza e propostas diferenciadas, eram excluídas das narrativas sobre os Movimentos Sociais. (HOBBSAWM, 1981 apud DOIMO, 1995).

Os estudos acerca dos Movimentos Sociais foram marcados, inicialmente, pela matriz teórica estrutural-marxista predominando as concepções de estrutura e determinação das classes sociais e de seu papel no processo das transformações históricas. Isso significa que esses estudos foram marcados pela ideia de classe política, cujo modelo enfatizava os processos econômicos e sua preocupação básica era identificar as forças determinantes no momento em que os conflitos surgiam, a fim de perceber a lógica que regulava esse tipo de ação coletiva.

Nessa matriz teórica, analisada por Touraine (2007), as condutas coletivas só podem se converter em Movimentos Sociais quando se transformam em componentes de um processo político, quando se articulam com um contexto mais amplo da luta política, como, por exemplo, a luta de classe. É um referencial que mesmo quando se dispõe à interpretação dos chamados “novos” Movimentos Sociais, não abandona a abordagem holística, centrada na análise estrutural e de determinações econômicas, nem a noção de determinação econômica e concepção de classe social.

A partir de 1980, a produção teórica acerca dos Movimentos Sociais buscou novas linhas de abordagens capazes, segundo seus principais autores, de formular interpretações que qualificassem este tipo de ação coletiva e os atores envolvidos nestes protestos e reivindicações.

Entendendo que as dimensões dos conflitos sociais transbordam os paradigmas clássicos marxistas, alguns autores, entre eles Doimo (1987), Gohn (1997), Viola e Mainwaring (1987), se contrapõem a esse modelo estrutural marxista e a sua noção de determinação econômica e de classe social, redefinindo novas categorias de análise e abordagem. Esses novos paradigmas resumem-se na tentativa de definir a ação coletiva e a constituição do sujeito fora dos limites do

modelo estrutural marxista, que dividirão os Movimentos Sociais em “clássicos” e “novos”.

Assim, a existência dos novos fenômenos tornou necessário um novo esforço de teorização por parte dos estudiosos da ação coletiva, observando-se um elevado número de trabalhos sobre a temática movimentalista nos anos seguintes. Doimo (1987) salienta que o surgimento dos novos Movimentos Sociais se deu num contexto de desmistificação dos regimes socialistas do leste europeu, marcado pela subsequente erosão das propostas teóricas marxistas. Touraine (apud DOIMO, 1987) até chegou a decretar, em fins de 1970, a morte do socialismo e do velho movimento social (referindo-se ao movimento operário).

Segundo Doimo (1987), passou-se a ter a concepção de que, com o surgimento dos novos Movimentos Sociais (demandas de gênero, pacifistas, ecológicos, nacionalistas, etc.), na sociedade pós-industrial o movimento operário deixava de ser central, e o campo cultural tornava-se o locus de formação das principais contestações e lutas, havendo um ataque à primazia das relações econômicas por parte dos teóricos.

Para Laclau (1986), o que caracteriza esses movimentos como novos é o fato de terem rompido a unidade entre as três características principais apontadas pelas conceituações tradicionais de conflitos sociais:

[...] a identidade dos agentes, antes baseada na estrutura social – ex.: burgueses, camponeses e trabalhadores, o tipo de conflito, apoiado por uma ideologia revolucionária, na qual a classe possui um objetivo, que deverá ser alcançado, devido ao movimento subjacente da História e o espaço político unificado, (com representação de interesses). (LACLAU, 1986, p. 87).

Segundo o autor, no século XIX dava-se prioridade às relações de produção, pois o fato de a jornada de trabalho ser longa e de os salários serem baixos limitava o acesso dos trabalhadores aos bens de consumo e à participação social. Assim, os trabalhadores estavam imersos num universo marcado pelas questões produtivas, atribuindo-se unidade a essas três características. Contudo, a transformação dessas condições, no século XX, teria enfraquecido os laços entre as várias identidades do trabalhador: participante de vários espaços, o trabalhador não possui uma identidade unificada e homogênea. Dessa forma, o agente social é compreendido por Laclau (1986, p. 34) como “portador de várias posições de sujeito, significando que a posição

que ocupa nas relações de produção não determina necessariamente suas demais posições”.

Com isso, a particularidade dos novos Movimentos Sociais consistiria no fato de fluírem de um conjunto de posições de sujeito variadas – para além da posição ocupada nas relações de produção – englobando formas de subordinação cultural, racial e sexual, sendo que, se antes se falava em um antagonismo (entre burgueses e proletariado), passou-se a falar de vários antagonismos, resultantes de uma crescente autonomização e de uma burocratização das esferas sociais nas sociedades contemporâneas. (LACLAU, 1986).

Melucci (2001) também observa algumas características dos novos movimentos. Ele explica que estes podem expressar um antagonismo em relação ao sistema ou não (podem apenas exigir uma redistribuição, reforma das regras, acesso à representação, etc.), sendo que os conflitos são mais recorrentes onde há fluxos informativos e simbólicos mais intensos e em áreas do sistema onde há maior regulamentação.

Melucci (2001) observa a diferença desses novos movimentos em relação ao movimento operário em termos das questões defendidas. Tais movimentos trazem questões diversas do mundo da vida, não tendo como foco o processo produtivo e nem a *revolução*.

As questões antagonistas não se limitam a atingir o processo produtivo em sentido estrito, mas consideram o tempo, o espaço, as relações, o em si mesmo dos indivíduos. Surgem questões relacionadas com o nascimento, com a morte, com a saúde, com a doença, que colocam, em primeiro plano, a relação com a natureza, a identidade sexual e afetiva, do agir individual. (MELUCCI, 2001, p. 81).

Ainda segundo Melucci (2001, p. 95), os Movimentos Sociais,

[...] não têm somente colocado em cena atores conflituais, formas de ação e problemas estranhos à tradição de lutas do capitalismo industrial; eles têm colocado, também, no primeiro plano, a inadequação das formas tradicionais de representação política para colher de maneira eficaz as questões emergentes.

Diante do levantamento dessas características, é possível notar a mudança que o surgimento dos chamados Novos Movimentos Sociais trazia em seu seio, forçando os estudiosos a reelaborações teóricas.

Nas décadas de 1970 e 1980 surgiram os movimentos populares⁸⁷ que tinham por objetivo o reconhecimento de direitos sociais e culturais, movimentos de “raça”, gênero, sexo, pelo meio ambiente, por segurança, pelos direitos humanos, etc. A atuação desses atores diferenciava-se do modelo anterior, concentrado em partidos e sindicatos. Entre os motivos para essa atuação diferenciada, podemos apontar o fato de os sindicatos e partidos terem uma orientação de classe, não abrangendo a especificidade de questões como as de gênero e etnia, bem como o fato de a própria ditadura militar impedir sua atuação. Assim, houve uma ampliação e uma pluralização dos grupos, surgindo movimentos, associações, instituições, ONGs, etc.

Cabe ressaltar que a renovação do cenário de participação e envolvimento social não se deu apenas nos campos popular (reivindicador de recursos materiais, de infraestrutura, etc.) e trabalhista, havendo também movimentos (GOHN, 1997) de mulheres, de ambientalistas, de movimentos pela paz, dos homossexuais, entre outros que já tinham lutas independentes do mundo do trabalho.

Dessa maneira, as reflexões acerca das teorias sobre os novos Movimentos Sociais não podem ser aplicadas em sua totalidade à realidade brasileira, visto que existia, sim, uma variedade de Movimentos Sociais, mas persistia a “hegemonia de movimentos populares por terra, casa, comida, equipamentos coletivos básicos, como também a questão dos direitos humanos”. (GOSS; PRUDÊNCIO, 2014, p. 148). Gohn (1997) enfatiza a importância desses movimentos para a vida política do país, visto que tais atores, ao se reconhecerem como sujeitos de direitos e exercerem sua cidadania, tiveram como principal contribuição a reconstrução da democracia no país:

E não se trata apenas da reconstrução do regime político, da retomada da democracia e do fim do regime militar. Trata-se da reconstrução ou construção de valores democráticos, de novos rumos para a cultura do país, do preenchimento de vazios na condução da luta pela redemocratização, constituindo-se como agentes interlocutores que dialogam diretamente com a população e com o Estado. Francisco de Oliveira (1994) denomina esse processo de construção da sociedade política no Brasil. (GOHN, 1997 p. 320-321).

⁸⁷ Sob o termo *movimento popular* ficaram conhecidos os movimentos populares urbanos que geralmente tinham como base uma organização em bairros e a assessoria da Igreja Católica, por meio das CEBs, movidas pela Teologia da Libertação. Tais movimentos tinham como característica principal a reivindicação por infra estrutura básica, pelo acesso aos aparelhos coletivos (hospitais, creches, escolas, etc.) e a políticas públicas. Sobre eles, ver GOHN (1982; 2006), COLBARI (2003) e DOIMO (1997).

Diante disso, reportamo-nos para uma reflexão de Gadea (2006, p. 45), que, ao analisar os Movimentos Sociais, diz que “se a tendência na crítica pós-moderna parece ser ‘pensar’ os Movimentos Sociais, não unicamente se deve ‘deixar falar’ os atores que os constituem, ou delinear pautas organizacionais”.

Doimo (1987) sugere uma série de questões teóricas em relação aos Movimentos Sociais no Brasil. Os movimentos populares existentes no país seriam um caso de novos Movimentos Sociais? Como entender a dimensão predominantemente material dos Movimentos Sociais no Brasil? Doimo (1987, p. 68) define as formas de ação coletivas surgidas no Brasil pós-1970 como movimentos populares que atuam no interior de um campo ético-político, que supõe “a existência de uma sociabilidade comum aflorada pelo senso de pertença a um mesmo espaço compartilhado de relações interpessoais e atributos culturais, como signos de linguagens, códigos de identificação, crenças religiosas e assim por diante”.

Para compreender e analisar um Movimento Social, é preciso debruçar-se sobre teorias e pensamentos sociológicos analíticos já definidos ao longo do tempo. Gohn (1997) afirma que os movimentos possuem a capacidade de disseminar, na sociedade, novas formas de pensar sobre os problemas sociais. Também traz uma distinção ao analisar os conflitos e a organização de novos e velhos Movimentos Sociais quando diz:

Na América Latina, os novos Movimentos Sociais (questões de gênero, etnia, sexo, ecológicas, novo sindicalismo etc.) são diferentes dos novos Movimentos Sociais europeus, por se desenvolverem em sociedades civis marcadas por tradições de relações clientelistas e autoritárias e por sistemas judiciários inoperantes. Na Europa, portanto, “novo” refere-se ao oposto do “antigo” movimento da classe trabalhadora; na América Latina, aos movimentos que não se pautam por relações clientelistas. “Em ambos os casos o que há de novo realmente é uma nova forma de fazer política e a politização de novos temas”. (GOHN, 1997, p. 124).

É possível perceber que a autora diferencia os MS dos NMS afirmando que o *novo* passou a referenciar movimentos que demandam não apenas bens e serviços necessários à sobrevivência humana, como também reivindicam a garantia dos direitos sociais modernos, de igualdade, liberdade e democratização das relações sociais. Os Movimentos Sociais, pelo contrário, originalmente eram específicos, ou seja, o conflito no campo do trabalho, movimento operário ou de categorias laborais – lutas entre classes definidas.

Outro fator importante que Gohn (1997) levanta em sua análise é a presença da Igreja Católica através da ala da Teologia da Libertação, que mobilizou, através das CEBs e das pastorais, até a abertura política, as camadas pobres da população em favor de justiça social, baseada nos princípios de solidariedade e esperança. A Igreja, literalmente, engajou seus militantes na resolução das contradições sociais. Gohn (1997, p. 145) nos traz, ainda, uma reflexão a partir da postura de Touraine, dizendo que

os Movimentos Sociais são frutos de uma vontade coletiva. “Eles falam de si próprios como agentes de liberdade, de igualdade, de justiça social ou de independência nacional, ou ainda como quem apela à modernidade ou à liberação de forças novas, num mundo de tradições, preconceitos e privilégios” (TOURAINÉ, 1978, p.35). Os movimentos, não seriam heróis coletivos, acontecimentos dramáticos, mas simplesmente parte do sistema de forças sociais dessa sociedade, disputando a direção de seu campo cultural. Ao mesmo tempo, TOURAINÉ assinalou que os movimentos são as forças centrais da sociedade por serem sua trama, o seu coração. Suas lutas não são elementos de recusa, marginais à ordem, mas ao contrário, de reposição da ordem. Ele chegou a postular que a sociologia contemporânea seria o estudo dos Movimentos Sociais, pois tratar-se-ia de um objeto de análise que traz o ator social de volta [...].

Ao pesquisar a evolução dos movimentos reivindicativos da década de 1980, entre eles o Movimento do Custo de Vida (MCV), Doimo (1997) encontrou inúmeros documentos que foram emitidos por representantes da hierarquia católica que se preocupavam com o problema da moradia. O Movimento de Moradia (MOM) é um dos movimentos com mais interferência e comprometimento hierárquico da Igreja. Percebe-se que, dos 70 documentos encontrados, 16,5% foram produzidos por homens da hierarquia da Igreja popular. (DOIMO, 1997).

No ano de 1980, a Igreja lançou uma Campanha da Fraternidade em nível nacional, com o tema Migração e, com o lema: *Para onde vais?* na intenção de sensibilizar a sociedade para o problema da habitação. Outro movimento que surgiu neste período foi o Movimento de Luta Contra o Desemprego (MCD), surgido em 1974. Tal como no MOM, o apoio da Igreja Católica e o apoio das CEBs foi importantíssimo para a reflexão sobre a realidade do desemprego do povo brasileiro.

Entre os muitos movimentos pesquisados por Doimo (1997), o MCD é um dos mais caracterizados pela participação direta da Igreja. Podemos registrar esta importância dada a este movimento social pelos materiais encontrados na Campanha da Fraternidade de 1978, com o tema Trabalho e Justiça para todos. Outros dois movimentos estudados pela autora, confirmando a participação efetiva das

Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e sua influência na organização e na visibilidade deles, foram o Movimento de Saúde (MOS; 1974-1991) e o Movimento de Transporte Coletivo (MTC).

Desse modo, a transformação dos movimentos sociais através de novas práticas políticas, engendradas por outras transformações de ordem econômica, política e social, coloca uma questão: diante desses processos recentes, a ação coletiva não se organiza em torno de dois polos identificados e visíveis, mas difusos, fragmentados, cuja diversidade não é apreensível em um conceito.

Uma das possibilidades analíticas é, partindo da conceituação de Scherer-Warren (1996), questionar se os movimentos sociais ainda podem ser definidos como ação grupal para a transformação voltada à realização dos mesmos objetivos, sob orientação mais ou menos consciente de princípios comuns e sob a organização diretiva mais ou menos definida. É essa unidade entre objetivos, princípios e direção que está em jogo pela autonomização dos atores sociais contemporâneos.

Uma forte contribuição para o entendimento destas relações comunitárias é dada por Viola e Mainwaring (1987, p. 110), quando dizem que “os NMS orientam-se por critérios de afetividade, relações de expressividade, orientações comunitárias e organização horizontal”.

Por outro lado, Scherer-Warren (1996) afirma que os NMS que emergiram pretendiam estabelecer um equilíbrio social reivindicando, do Estado, direitos que foram abandonados pela sociedade. Ela diz:

[...] tem emergido “novos” Movimentos Sociais que almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado (aqui entendido como o campo da política institucional: o governo, dos partidos e dos aparelhos burocráticos de dominação) e sociedade civil (campo da organização social que se realiza a partir das classes sociais ou de todas as outras espécies de agrupamentos sociais fora do Estado enquanto aparelho), bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados. (SCHERER-WARREN, 1996, p. 49-50).

Assim, os Novos Movimentos Sociais caracterizam-se por não terem como objetivo principal a tomada de poder e nem a participação direta na esfera política. Em vez da institucionalidade política, os Movimentos Sociais prefeririam a ação direta (MELUCCI, 2001). Uma das principais características dos movimentos diz respeito ao fato de questões anteriormente consideradas como pertencentes ao campo privado passarem a ser discutidas e problematizadas. (DOIMO, 1997).

Os Novos Movimentos Sociais indicam o lugar onde os conflitos tendem a se manifestar, marcando os espaços onde os homens são capazes de construir sua história. Estes Novos Movimentos Sociais tornaram-se, a partir dos anos de 1970, um dos temas mais presentes nas Ciências Sociais. Esta forma de mobilização popular emerge na cena política em toda parte do país. São manifestações motivadas ora por crises da democracia, ora pela noção de direitos sociais, sexuais e étnicos entre outros.

A noção abarca mesmo uma diversidade de tipo de conduta coletiva. Os NMS tanto são formas de organização das camadas populares que lutam pela saúde, moradia, como também de organização de mulheres que reivindicam mais creches. Abarcam, portanto, movimentos antagônicos como os de proprietários e trabalhadores rurais, comunidades de base da Igreja Católica durante as décadas de 1970 e 1980, como organizações étnicas, de homossexuais, ou ainda, de categorias profissionais.

Estes movimentos tentam impedir, assim, que o poder político defina os temas que envolvem os interesses de seus integrantes envolvidos na questão. Eles tendem a criar seus próprios espaços e a politizar uma área específicas das relações sociais, possibilitando pensar a sociedade e a política não mais como estruturas ou ação do Estado, mas como cenário criado e recriado pelas práticas de sujeitos em conflito.

Independentemente do fator de aglutinação, os Movimentos Sociais possibilitam a seus atores sua reconstituição como sujeitos históricos, quer através da oposição às formas de dominação, quer por sua capacidade de criar novas noções de direito, justiça e liberdade.

Para Calderón e Jelin (1987) os Movimentos Sociais são dotados de uma estrutura participativa em consequência da organização e da luta; têm sua própria temporalidade, em grande medida definida por sua ação frente ao sistema de relações históricas. Desenvolvem-se de forma multilateral heterogênea no espaço, em decorrência do desenvolvimento desigual da consciência, da organização e da economia de uma localidade. Essa particularidade faz com que os movimentos tenham características e significados distintos em regiões determinadas, exercendo efeitos sociais específicos sobre as relações sociais e sobre a sociedade, não somente como produto da ação do sujeito, porém como produtos de um campo de conflito em que os atores envolvidos na ação se modificam a si mesmos através da interação recíproca, compartilhada para atingir uma meta.

A partir das reflexões sobre Movimentos Sociais e Novos Movimentos Sociais vamos para um campo específico no qual teremos, como aporte para análise, alguns movimentos caracterizados como Novos Movimentos Sociais, entre eles: o Movimento Social Pró-Dique, os Formos Comunitários, a Cooperativa Leopoldense de Artesanato, o Centro Cooperativo de Assistência ao Menor, entre outros.

Neste sentido, para entender o Movimento Social Pró-Dique, que será o primeiro dos MS que farão parte da análise desta dissertação, torna-se necessário conhecer a realidade que o constituiu e compreendê-lo dentro do seu contexto, analisando-o e contrapondo-o com teorias que ajudarão a defini-lo, ou não, como Movimento Social. Gadea (2006, p. 36) compreende esta possibilidade dizendo: “Torna-se fundamental realizar uma espécie de fenomenologia dos Movimentos Sociais, isso quer dizer, ‘compreendê-os’, relativizando pressuposições analíticas e teóricas”. Para realizar esta fenomenologia, o próprio autor indica uma análise, levando em conta as atitudes, as intencionalidades, suas práticas e a estética do movimento, ou seja, os Movimentos Sociais devem ser analisados de dentro deles a partir de suas bases.

Pode-se dizer que os movimentos sociais clássicos, os Novos Movimentos Sociais e a Teologia da Libertação têm como base teórica e prática a transformação da sociedade, porém com algumas peculiaridades que as diferenciam. Para perceber esta peculiaridade elaboramos um quadro com algumas características de cada linha teórica.

Principais características das teorias: Movimentos Sociais, Novos Movimentos Sociais e Teologia da Libertação

| Movimentos Sociais | Novos Movimentos Sociais | Teologia da Libertação |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Movimento social é ao mesmo tempo: movimento de classe, anticapitalista e de integração e modernização nacional. ▪ “Nas sociedades dependentes, o único agente capaz de aglutinar as forças presentes nos movimentos populares é o Estado” (GONH, 1997, p. 144) ▪ Destaca 3 elementos: o ator, seu adversário e o que está em jogo no conflito; ▪ 3 princípios de interpretação: identidade, oposição e totalidade. “Os movimentos sociais são sempre a expressão de um conflito de classes” (GONH 1997, p. 145) | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os NMS falam mais de uma autogestão que de um sentido de história, e mais de democracia interna que de tomada de poder” (GONH, 1997, p. 152) ▪ Os NMS possuem líderes com experiência anterior e utilizam redes de comunicações já existentes. ▪ “O campo de ação dos NMS se faz num espaço de política não institucional” (GONH, 1997, p. 166) ▪ “Os atores sociais atuam em nome da coletividade e os valores básicos são autonomia pessoal e identidade, em oposição a formas de controle contralizadas” (GONH, 1997, p. 167) | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Teologicamente, a TdL faz uma análise histórica e social da realidade da comunidade. ▪ A TdL usa da sociologia e da história para tentar explicar, analisar e entender como se dá a pobreza no Brasil. ▪ Faz uma análise a partir da realidade dos pobres e usa de elementos da bíblia para exaltar a luta do povo. ▪ Constitui-se pela luta do povo por uma justiça e direitos para os povos. É nos interiores dos estados brasileiros que essa teologia viveu em sua grande maioria na prática. ▪ Os ideais libertários da TdL foram responsáveis por estabelecer uma nova cultura, trazer um pensamento mais humanitário e que contribuiu para o surgimento de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a Pastoral Indígena, o Movimento Negro, além de ter sido fundamental para a criação do Partido dos Trabalhadores (PT). |

Fonte: Minha autoria.

Na presente dissertação usamos as categorias dos Novos Movimentos Sociais e as práticas da Teologia da Libertação apresentada no quadro acima para identificar nas mobilizações sociais praticadas entre as comunidades da Paróquia Santo Inácio os requisitos necessários para classificá-las como Novos Movimentos Sociais embasados pelos teóricos apresentados na pesquisa.

4.1 ENTRE A ÁGUA PARA MATAR A SEDE (MS PRÓ-DIQUE) AO PÃO PARA MATAR A FOME (FORNOS COMUNITÁRIOS)

No decorrer da desta pesquisa encontramos relatos de muitos movimentos e mobilizações organizados pelas comunidades da Paróquia Santo Inácio no período em que Pe. Orestes esteve como pároco. Entre elas estão a Cooperativa de Artesanato Leopoldense (CLAR); mobilizações para reivindicar saneamento básico para as vilas, água, luz, esgoto, educação; o Projeto Entre-Ajudas;⁸⁸ os Projetos Alternativos Comunitários (PACs), que envolvia um grupo de mulheres que consertava roupas e fazia trabalhos manuais; mobilizações de apoio ao Sindicato da Borracha, aos professores, na luta pela garantia da moradia e em apoio ao MST.

É evidente que todas estas mobilizações teriam bons aspectos a serem analisados a partir dos nossos referenciais teóricos. Porém optamos em analisar o Movimento Social Pró-Dique, por ser o primeiro e por dar visibilidade à metodologia que estava começando a ser praticada na Paróquia Santo Inácio.

Em forma de narrativa, a seguir apresentamos a formação dos projetos que priorizavam o atendimento à criança e ao adolescente e que ainda atuam neste segmento. Finalizamos nossa narrativa com o projeto Fornos Comunitários para corroborar com a categoria mais básica dos autores que escrevem sobre os NMS, ou seja, os Novos Movimentos Sociais surgem das necessidades mais urgentes do ser humano, neste caso, a fome.

4.2 O MOVIMENTO SOCIAL PRÓ-DIQUE

Gohn (1997) afirma que os movimentos possuem a capacidade de disseminar na sociedade novas formas de pensar sobre os problemas sociais. Também traz uma distinção ao analisar os conflitos e a organização de novos e velhos Movimentos Sociais, quando diz:

Na América Latina, os novos Movimentos Sociais (questões de gênero, etnia, sexo, ecológicas, novo sindicalismo etc.) são diferentes dos novos Movimentos Sociais europeus, por se desenvolverem em sociedades civis

⁸⁸ Este projeto envolvia uma parceria com instituições e pessoas da Europa. Ver entrevista feita com Vigilio Pinamonti.

marcadas por tradições de relações clientelistas e autoritárias e por sistemas judiciários inoperantes. Na Europa, portanto, “novo” refere-se ao oposto do “antigo” movimento da classe trabalhadora; na América Latina, aos movimentos que não se pautam por relações clientelistas. “Em ambos os casos o que há de novo realmente é uma nova forma de fazer política e a politização de novos temas”. (GOHN, 1997, p. 124).

É possível perceber que a autora diferencia os MS dos NMS afirmando que o “novo” passou a referenciar movimentos que demandassem não apenas bens e serviços necessários à sobrevivência humana, como também reivindicassem a garantia dos direitos sociais modernos, de igualdade, liberdade e democratização das relações sociais. Os Movimentos Sociais, ao contrário, na sua origem eram específicos, ou seja, o conflito no campo do trabalho, movimento operário ou de categorias laborais – lutas entre classes definidas. Na primeira narrativa sobre as cheias do Rio dos Sinos, percebemos uma aproximação daquilo que podemos dizer de um conflito gerador de sofrimento para esta população, definido como Novo Movimento Social. Segue a narração registrada no Livro Tombo:

No dia 13 de agosto de 1985 iniciou-se mais uma grande ENCHENTE que atingiu a Campina e arredores. MAIS UMA ENCHENTE! As chuvas fortes faziam prever o pior! Dia 13/08 a água começou a invadir a Campina e arredores. Rapidamente as águas cobriram Novo Sinos, Vila Leite, o resto da Campina, parte do Jardim Viaduto, parte da Vila Glória e Vila Berger. – Os jornais, especialmente o “Vale dos Sinos”, davam os informes e mostravam fotos da catástrofe... – Dia 15/08 a água chegou ao nível máximo: 5,70 m até o meio dia em S.Leopoldo. Em Taquara o nível máximo de 9,39m foi alcançado a 13/0, pelas 14h. – Vale dos Sinos” de 16/08 trazia: “DEZ MIL FLAGELADOS. DECRETADA EMERGENCIA” Mostrando em clichê a BR 116 dividindo a área inundada da Campina e arredores do bairro Rio dos Sinos. Totalmente protegido pelo DIQUE. (LIVRO TOMBO, 1985, p. 41).

Outro fator importante que Gohn (1997) levanta em sua análise é a presença da Igreja Católica, através da ala progressista da Teologia da Libertação, que mobilizou através das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais, até a abertura política, as camadas pobres da população em favor de justiça social, baseada nos princípios de solidariedade e esperança. A Igreja, literalmente, engajou seus militantes na resolução das contradições sociais.

Gohn (1997, p. 145) nos traz, ainda, uma compreensão de Touraine que diz:

Movimentos Sociais são frutos de uma vontade coletiva. “Eles falam de si próprios como agentes de liberdade, de igualdade, de justiça social ou de independência nacional, ou ainda como apela à modernidade ou à liberação de forças novas, num mundo de tradições, preconceitos e privilégios” (TOURAINÉ, 1978, p. 35). Eles, movimentos, não seriam heróis coletivos,

acontecimentos dramáticos, mas simplesmente parte do sistema de forças sociais dessa sociedade, disputando a direção de seu campo cultural. Ao mesmo tempo, Touraine assinalou que os movimentos são as forças centrais da sociedade por serem sua trama, o seu coração. Suas lutas não são elementos de recusa, marginais à ordem, mas ao contrário, de reposição da ordem. Ele chegou a postular que a sociologia contemporânea seria o estudo dos Movimentos Sociais, pois tratar-se-ia de um objeto de análise que traz o ator social de volta [...].

A Paróquia Santo Inácio, neste período (1985-1987), era composta de 14 CEBs. As decisões e prioridades eram definidas em assembleia, fruto da vontade coletiva. Para isso, faziam-se reuniões entre os agentes comunitários e entre as comunidades. O Comitê Pró-Dique surgiu a partir da Assembleia Paroquial de 22 de setembro de 1985, por causa da prioridade número um, assumida por todas as comunidades, ou seja, organizar um movimento social que se posicionasse frente às autoridades municipais, estaduais e federais no objetivo de reivindicar a construção do dique, prioridade para o povo da Zona Norte que sofria com as grandes enchentes.

Configuram-se, com esta assembleia, as metas da paróquia e como prioridade número um o Comitê Pró-Dique, formado por membros da Comunidade São José Operário, localizada em uma das áreas mais atingidas da vila Novo Sinos. O Comitê Pró-Dique era composto de um coordenador, Ary Vanazzi, um secretário, Inácio Immig com o apoio de Felício Borella, Ildo Bohn Gass e Volmir Vanzella entre outros, também moradores desta localidade. Nota-se que é através da assembleia das comunidades que se estabelecem as prioridades da população. Doimo (1997, p. 127), ao analisar os movimentos populares, afirma que “assembleia permite discutir melhor o encaminhamento da luta, leva à participação ativa do povo, viabiliza a reflexão conjunta, fortalece a luta e permite, enfim, a participação popular nas decisões”. Com esta contribuição, podemos dizer que o Movimento Pró-Dique sai fortalecido e com bases sólidas desta assembleia para lutar pelo objetivo de reivindicar a construção do dique.

Doimo (1997), ao analisar a evolução dos movimentos reivindicativos da década de 1980, entre eles o Movimento do Custo de Vida (MCV), surgido na Zona Sul de São Paulo, em 1973, elaborava pesquisas de índices de custo de vida com o respaldo da Igreja Católica e do Movimento de Moradia (MOM). Neste movimento a autora encontra inúmeros documentos que foram emitidos por representantes da hierarquia católica que se preocupavam com o problema da moradia. O MOM é um dos movimentos com mais interferência e comprometimento hierárquico da Igreja.

Percebe-se, pelos documentos encontrados por Doimo (1997, p. 100), que 16,5% dos 70 encontrados foram produzidos por homens da hierarquia da Igreja popular. No ano de 1980 a Igreja lança uma Campanha da Fraternidade em nível nacional com o tema, “Migração” e com o lema: *Para onde vais?* na intenção de sensibilizar os membros para o problema da habitação. Outro movimento que surgiu neste período foi o Movimento de Luta Contra o Desemprego (MCD), surgido em 1974 e que teve seu pico em 1984. Tal como no MOM, o apoio da Igreja Católica e pelas CEBs foi importantíssimo para a reflexão sobre a realidade do desemprego do povo brasileiro. Entre os muitos movimentos pesquisados por Doimo (1997), o MCD é um dos mais incorporados pela participação direta da Igreja. Podemos registrar a importância dada a este movimento social pelos materiais encontrados na Campanha da Fraternidade de 1978 que refletia o tema: Trabalho e Justiça para todos. Outros dois movimentos estudados pela autora, que também relatam a participação efetiva das CEBs da Igreja Católica e sua influência na organização e na visibilidade foram o Movimento de Saúde (MOS) – 1974-1991 e o Movimento de Transporte Coletivo (MTC).

Ao concluir o capítulo sobre a evolução dos movimentos reivindicativos, Doimo (1997) considera que, mesmo que estes movimentos reivindicativos de ação-direta, bem como as conexões ativas que entre eles se tecem, é precisamente o de estabelecer condições de continuidade entre movimentos virtualmente localizados, diversos e fragmentados. E com isso ela afirma a importância da influência da Igreja Católica na articulação e no protagonismo de seus membros em tais movimentos, quando diz:

Neste sentido, a Igreja Católica se sobressai por contar com uma estrutura de dimensão nacional, ramificada capilarmente por todo o tecido social. Seria surpreendente, se não soubéssemos que a lógica consensual-solidarística que ela preza é precisamente a mesma que rege os movimentos de ação-direta: participação entre iguais, consenso e solidariedade, afastando mediadores que, regidos pela lógica racional-competitiva, costumam dividir a comunidade de iguais. (DOIMO, 1997, p. 119).

É interessante notar que os atores sociais do Movimento Social Pró-Dique carregam uma forte influência da Igreja Católica. Articulado pelas Comunidades Eclesiais de Base e liderado pelo Pe. Orestes Stragliotto, o movimento caracteriza-se pela forte relação comunitária dos membros com a comunidade, uma vez que tais grupos comunitários eram formados de moradores que realmente viviam na pele o problema das cheias. As assembleias eram organizadas no intuito de buscar formas

de resolver o problema e foi nestes espaços que surgiram os protagonistas desta história, de simples moradores a líderes comunitários. Uma forte contribuição para este entendimento destas relações comunitárias é dada pelos professores Viola e Mainwaring (1987, p. 110), quando dizem que “os NMS orientam-se por critérios de afetividade, relações de expressividade, orientações comunitárias e organização horizontal”.

A partir da Assembleia Paroquial de 1985, o Movimento Social Pró-Dique começa a se articular independentemente da Igreja Católica, sem perder a aproximação e a articulação das CEBs. O Movimento começa a ser conhecido como Comitê Pró-Dique e assume, para si, todas as reuniões, manifestações e materiais informativos para esclarecer a população da necessidade da construção do dique, assim designado no projeto de construção, que protegeria as populações atingidas pelas cheias.

Riechmann e Buey (1994) ajudam a constituirmos uma base analítica para entender a influência de um Movimento Social sobre um conflito que aflige uma população. Segundo eles, uma das definições de MS seria “*movimiento social (MS) es un agente colectivo que interviene en el proceso de transformación social promoviendo cambios, ó oponiéndose a ellos*”. (RIECHMANN; BUEY, 1994, p. 47). Os autores também esclarecem os objetivos e a estrutura dos NMS nos seguintes termos:

- Los objetivos de un movimiento social no tienen por qué ser en el sentido de implicar una subversión del sistema social, pero sí exigimos que se propongan transformar, o impedir transformar, estructuras sociales relevantes. (Idem, ibidem, p. 48).
- Los MS constituyen un fenómeno social estructurado: se basan en causas estructurales (agravios conceptuados como injusticias y generadores de descontento) que intentan modificar por medio de su acción colectiva. (Ibidem, p. 54).

Outro autor importante para que nos ajuda a percorrer os caminhos do Movimento Pró-Dique é Castells (2008), que abriu caminhos na compreensão da identidade dos atores sociais e na construção do campo de conflito com o Estado. Castells (2008) propõe um estudo da concepção de identidade social que ocorre em um contexto de poderes distintos na sua origem de construção, em três formas: identidade legitimadora, de resistência e de projeto. A luta dos atores sociais do

Movimento Pró-Dique era pelo direito de condições dignas de vida. Suas identidades eram abaladas a cada enchente. O conflito estava delineado: as cheias do rio. Faltava para a população da Zona Norte da cidade perceber que não era somente um fenômeno natural. O Estado já tinha resolvido a questão em grande parte da cidade de São Leopoldo com a construção do dique na Zona Sul. Trazer o conflito e gerar uma zona de desconforto na população com questionamentos e resistências ao Estado era o principal papel do Movimento Social Pró-Dique.

Uma das primeiras ações do Comitê Pró-Dique foi à convocação de uma reunião com os moradores e autoridades da cidade e responsáveis pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS). Já em agosto de 1985, o encontro com o Wilson Guignalti, secretário nacional deste departamento e o povo do bairro Campina, foi bastante tenso. O DNOS não convenceu ninguém com suas promessas vagas. (LIVRO TOMBO). Em fevereiro de 1986, o prefeito Waldir Schmidt iniciou tratativas diretas com os proprietários das terras por onde deveria passar o dique para facilitar o trabalho do DNOS. (LIVRO TOMBO).

Segundo Scherer-Warren (1996), estes NMS que emergiram pretendiam estabelecer um equilíbrio social reivindicando, do Estado, direitos que foram abandonados para a sociedade. Cita a autora:

[...] tem emergido “novos” Movimentos Sociais que almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado (aqui entendido como o campo da política institucional: o governo, dos partidos e dos aparelhos burocráticos de dominação) e sociedade civil (campo da organização social que se realiza a partir das classes sociais ou de todas as outras espécies de agrupamentos sociais fora do Estado, enquanto aparelho), bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados. (SCHERER-WARREN, 1996, p. 49-50).

Os NMS buscam mudanças cotidianas da vida, mas cabe salientar que nem todo movimento é novo por ser atual. São movimentos importantes para o exercício da cidadania e na constituição de uma sociedade democrática, pois questionam as formas de poder vigente. A narrativa do Movimento Social Pró-Dique, registrada nos livros tombo e nos diários deixados pelo Pe. Orestes Stragliotto, traz elementos na sua organização dos “Velhos” e dos “Novos” Movimentos Sociais. Dos velhos, na sua organização na luta contra o Estado, e dos Novos, na pontualidade do conflito, neste caso as enchentes, nas relações de afetividade e solidariedade e na ação direta das novas formas de participação.

No Livro Tombo II da Paróquia do Rio dos Sinos encontramos a seguinte narrativa registrada pelo Pe. Orestes, onde é possível perceber como se dava a articulação do Movimento para ganhar visibilidade junto à comunidade e, também, junto às autoridades:

Dia 26/02/1986, na prefeitura, encontro de políticos, lideranças várias, Pró-Dique, etc. Com DNOS e Wilson Guignalti. Ver VS de 27/02, etc. Enquanto isso, Pro – dique e Paróquia foram preparando a 1º Romaria do Dique a realizar-se dia 09/03/86, Domingo pela manhã. –Foi preparado um panfleto, convocando o povo, as entidades, as Igrejas. – O lema: “QUEREMOS ÁGUA PARA A VIDA E NÃO PARA A MORTE”. – Já no V.S 07/03/86 se falava da Romaria: “Romeiros rezam para a continuidade do Dique”. A Romaria realizou-se na manhã do Domingo 09/03/86, tendo-se suprimido todos os cultos e missas que se teriam feito nas comunidades. Foram convidados os pastores e teólogos da IECLB, que participaram em número apreciável, alguns paramentados. – A caminhada partiu da Igreja São Jorge, cruzando com o pessoal da Bras que já esperava na faixa, no início da rua Henrique Bier...e com o pessoal do Rio dos Sinos... De todas as comunidades vieram representantes. Assim mesmo, a manifestação não juntou mais de 500 pessoas. Por incrível que pareça, o pessoal da Vila A.Leite foi o que menos participou. Indiferentes ficaram também muitos moradores (a maioria) da Av. H. Bier! A concentração aconteceu sobre parte iniciada do Dique 904, perto da BR 116. – Muita animação, cantos, manifestações de representantes de entidades populares, inclusive do comitê do Bairro Pinheiros, também sujeito às enchentes. Foram excluídos os vereadores e todos os “políticos” de profissão.PE. Arturo fez uma reflexão de abertura e marcou com a frase repetida várias vezes: UM POVO QUE NÃO LUTA PELA SUA LIBERTADE MERECE FICAR ESCRAVO MAIS CEM ANOS”. – Referia-se à ausência da maioria da população normalmente vítima das enchentes. – Cabe ressaltar que o ato foi patrocinado sobretudo pelo Movimento das Mulheres Pobres da Zona Norte... O V.S de 10/03/86 traz mais dados sobre a manifestação que marcou o início de muitas outras atividades em vista de apressar a conclusão do Dique! (LIVRO TOMBO, 1986, p. 57-58).

Ao mesmo tempo em que o Movimento Social Pró-Dique dialogava com autoridades municipais e com o DNOS, reivindicando o andamento da obra, também se projetava uma manifestação junto com as Comunidades Eclesiais de Base e entidades sociais, em vista de apressar e tornar visível o movimento diante da sociedade. Podemos perceber, na narrativa acima, que o êxito com a população não foi o esperado nesta reunião, mas a atenção dada pela imprensa escrita local foi uma das primeiras conquistas deste Movimento e o reconhecimento por outras entidades municipais.

Figura 12 – Jornal Vale dos Sinos, 30 de abril de 1986 – Comitê Pró-Dique e Pastores e Padres



Fonte: Livro Tombo II.

A articulação do Movimento Pró-Dique começa a ganhar apoio de outras entidades e ONGs. Na figura acima, o jornal Vale dos Sinos registra a visita do Comitê Pró-Dique e do grupo ecumênico, de padres e pastores de São Leopoldo, que revela o apoio desta entidade na luta pela construção do dique e o reconhecimento ao Movimento Pró-Dique pelas ações em favor de sua reivindicação. Como contribuição ao Movimento Pró-Dique, o grupo ecumênico elaborou uma nota "a pedido" ao jornal Vale dos Sinos 30 de abril de 1986, esclarecendo a população as seguintes situações:

A imprensa local (Vale dos Sinos, 28 abr., p.07) informou que o fato de a população da Zona Norte, ameaçada pelas enchentes, não estar de acordo com a proposta do DNOS de fazer logo todo DIQUE até a altura de 4,5m é o único impasse que o Departamento em questão enfrenta. Representantes das vilas Campina, Antonio Leite, Novo Sinos, Brasília, Glória, reunidos em Assembleia no salão da igreja São Jorge, dia 28/04 das 20h às 22h, afirmam:

1º) Que a população nunca foi consultada sobre a mudança do projeto inicial de 7m de altura.
2º) Que a mesma população, sabendo do plano do DNOS de fazer a mudança para 4,m, se declara unanimemente contra.
3º) Que a população quer o dique pronto quanto antes para que as cheias de 1987 sejam evitadas. Isso, conforme projeto inicial, que está sendo executado há muitos anos.
4º) Que a população esta disposta a tomar medidas drásticas se não for agilizada a execução do restante das obras.

Obs: Estes pontos são a posição unânime de mais de 120 representantes das vilas ainda atingidas pelas cheias na Zona Norte de São Leopoldo/RS. (A PEDIDO, JORNAL VS, 30 abr. 1986, p. 8).

Outro autor que ajuda na análise destes movimentos é Melucci (1999). Ele examina as ações coletivas neste contexto, diferentemente das abordagens clássicas do marxismo e da sociologia norte-americana de viés funcionalista, nos quais os Movimentos Sociais são concebidos ou como um efeito de crises estruturais, como contradições ou como uma expressão de crenças e de orientações compartilhadas. Melucci (1999, p. 38) afirma que “os Movimentos Sociais são construções sociais [...] sistemas de ação no sentido de que suas estruturas são construídas por objetivos, crenças, decisões e intercâmbios, todos eles operando em um campo sistêmico”. É interessante notar que o Movimento Pró-Dique se aproxima da contextualização feita por este autor. Em sua análise, a ação coletiva contemporânea, representada pelos Movimentos Sociais, assume formas antes subjacentes na vida cotidiana. Tais movimentos subtraem indivíduos que vão elaborando um novo discurso, novos códigos e experimentando novas formas de poder, através de práticas descentralizadas e democráticas, assembleias, que, por sua vez expostas na cena pública, mostram aos representantes institucionais que outra sociedade e forma de vida são possíveis.

O Comitê Pró-Dique, percebendo a falta de interesse das instituições responsáveis pela obra do dique e o silêncio dos órgãos competentes em dizer o porquê do não andamento dos trabalhos para a conclusão dele, resolveu convocar a população para uma reunião com a presença de autoridades do DNOS, para maiores esclarecimentos. Segue abaixo folheto confeccionado pelo movimento e distribuído para a população.

Figura 13 – Convocação para reunião

DNOS PROPOE MUDAR PROJETO

O Comitê pró-dique, formado por representantes dos bairros ainda atingidos pelas cheias, juntamente com um grupo de apoio, está convocando todos os moradores dos bairros Novo Sinos, Antônio Leite, Campina, Brasília, Glória e Jardim Via Duto para participarem de uma reunião importantíssima sobre a continuidade das obras do Dique 904.

Enchente

O DNOS propõe uma alteração no contrato de construção do dique 904. Ao invés de fazer 1.300 metros de comprimento por 7 metros de altura, o DNOS propõe que sejam feitos logo os 3.100 metros (total do comprimento do dique) e com 4,5 metros de altura acima do nível do rio, para evitar as pequenas enchentes. E num segundo momento completaria todo o dique com 7 metros de altura. O DNOS espera que a comunidade se pronuncie sobre esta alteração. Por isso, vamos participar para ver os prós e os contras e decidir. PARTICIPE!

SUA PRESENÇA É DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA! VOCE NÃO PODE FALTAR.

DIA: 28/04/86 - Segunda-feira
HORA: 20 horas
LOCAL: Salão da Igreja São Jorge - Vila Campina

Fonte: Livro Tombo II.

Surgiram boatos que davam por certas as mudanças no traçado da última etapa do dique em construção. O povo não fora consultado. Por isso o Comitê Pró-Dique convocou mais uma assembleia para o dia 28 abril de 1986, no salão da Comunidade São Jorge. Esperava-se a presença de autoridades do DNOS, que não se fizeram presentes. A assembleia foi participada e a grande maioria decidiu opor-se às mudanças no traçado do projeto original, apresentado pelo DNOS, e às mudanças de altura do dique 904, ainda em construção. A reunião foi coordenada pelo Ary Vanazzi, conforme anotações deixadas no Livro Tombo.

Chamar a atenção da população para a importância da construção do dique e apresentar os responsáveis pelo descaso, a grande bandeira do Movimento se tornou conhecida pela população atingida. No Anexo XIV trazemos um boletim informativo que relata uma reunião com a Associação da Comunidade do Novo Sinos e o Comitê

Pró-Dique. Nesta reunião foram discutidas maneiras de pressionar os órgãos competentes para dar fim às obras do dique que estavam interrompidas. Outras atividades das quais o Movimento Pró-Dique participou, no ano de 1986, estão registradas ao longo das 99 páginas do Livro Tombo. Entre elas: o 11º Encontro de CEBs na paróquia; encontros com a Pastoral da Mulher Pobre da paróquia; o encontro com os colonos sem-terra; e apoio à greve dos trabalhadores da borracha.

Fica evidente que o Movimento Pró-Dique cresce dentro do seu contexto. Um ambiente de lutas e de participação popular encontra, na pedagogia popular, a força para enfrentar o seu objetivo. Doimo (1997) nos deixa uma enorme contribuição neste entendimento quando diz qu:

antes invariavelmente associada à experiência de alfabetização de adultos, a educação popular passa, a partir de meados dos anos 70, a ser preferencialmente utilizada em seu sentido estritamente organizativo-conscientizador, agregar novos valores éticos-políticos com a democracia de base e a autonomia da metáfora do povo como sujeito da sua própria história. (DOIMO, 1997, p. 129-130).

Segundo a autora, é nesta pedagogia popular onde está a grande força dos Movimentos Sociais, pois aí é que surgem novos signos e novos protagonistas que se identificam com as causas, e com isso tornando-se sujeitos de sua própria história. Na entrevista feita com Ary Vanazzi, percebemos esta relação que Doimo (1997) faz entre os Movimentos Sociais e seus protagonistas. Segue excerto da entrevista.

Aí nós organizamos o movimento Pró-Dique dentro da cidade. E eu comecei a coordenar com a Antoninha, com o Sandro, tudo isso era uma gurizada, com o Felício Borella, com o Valmir Vanzela, com o Osório e a família dele, o Nadir, o Jandir, então nós organizamos um grupo e começamos a construir o movimento Pró-Dique. E eu sempre tive uma participação muito forte na comunidade. Nesta comunidade aqui que eu participo hoje, no Novo Sinos, nós construímos tijolo a tijolo, nos finais de semanas, nos domingos, eu tocava violão na igreja. Eu nunca fui catequista, mas participava dos jogos, viajei pelo Brasil inteiro nos encontros de CEBs. Ajudei a construir a CEBs. E, em 88, o Pe. Orestes pediu para mim ser candidato a vereador. Disse que ia me eleger a vereador. Eu nunca tinha entrado na Câmara de Vereadores e nem sabia o que era isso. Naquele ano, em 88, todos os vereadores tinham sido caçados em São Leopoldo. E aí como os vereadores atuais não concorriam eu acabei entrando na campanha. Fiz três panfletos ou dois, um grupo pequeno. O Pe. Orestes praticamente bancou o material, me ajudou pagando. Todo mundo me chamava de filhote do Pe. Orestes. (Entrevista Ary Vanazzi, transcrição literal).

Nas páginas 127 e 128 do Livro Tombo da Paróquia do Rio dos Sinos encontramos o grande relato da maior e última manifestação pública do Movimento

Social Pró-Dique. Neste relato, registrado pelo Pe. Orestes Stragliotto, percebemos que o objetivo de um Movimento Social e a legitimação perante a sociedade foram alcançados. Com esta visibilidade, as autoridades responsáveis pela obra da construção do dique de contenção das cheias do Rio dos Sinos não poderiam mais se omitir, pois este relato traz a grande manifestação que a população fez, atingida por estas cheias e organizada pelo Movimento Social Pró-Dique, invadindo a BR 116 nas proximidades da ponte do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, e permanecendo por duas horas em protesto pela construção.

Figura 14 – Estudantes da EST com instrumentos musicais e, atrás, os cartazes da catequese



Fonte: Arquivo FABN.

Os últimos relatos sobre o Movimento Social Pró-Dique se deram na assembleia de 3 de junho de 1987. Desta reunião saiu um informativo (cf. Anexo XV), que trazia as informações sobre as vitórias deste movimento:

- Prorrogação de contrato com a SENEBRAS vencido em junho de 1987, para a primeira parte do Dique.
- Concorrência pública para o restante da obra.
- Acerto para o desvio do Arroio Cerquinha.
- E a própria conscientização e organização dos moradores na luta pela conclusão do Dique em 1988.

Nesta assembleia também foi decidido fazer um acampamento em cima da obra iniciada e uma possível greve de fome para pressionar a liberação das verbas antes do dia 26 de setembro de 1987. Na entrevista, o coordenador do Movimento Social Pró-Dique, Ary Vanazzi, disse que o acampamento permaneceu por duas semanas, mas a greve de fome, que era prevista para 8 de setembro de 1987, não aconteceu, pois as obras iniciaram em 29 de junho de 1987, conforme o projeto inicial. O jornal Vale dos Sinos, em sua edição de 30 de junho de 1987, traz a notícia: “DNOS assina contrato para término do dique. Ocorrendo tudo dentro do prazo previstos, dentro de um ano a Zona Norte da cidade deverá, a exemplo das populações situadas à margem esquerda do Sinos, ver-se totalmente protegida das cheias do rio”.

4.3 PROJETO BARRACÃO, CECAM E PROJETO MENINOS E MENINAS DA VILA PROGRESSO

Da mesma forma como possibilitou o protagonismo do povo com o projeto Pró-Dique, o Pe. Orestes Stragliotto também alavancou projetos com outros grupos sociais, tais como com mulheres e crianças. A preocupação com as crianças surgiu da necessidade de elas terem um lugar para ficar durante o dia enquanto os pais trabalhavam e da dificuldade que as famílias passavam em razão da crise econômica e da falta de estabilidade diante dos problemas enfrentados na região. Já o trabalho com as mulheres foi o de sair da condição de submissão ao marido e se tornar uma espécie de salvadora de seu clã, ou seja, através dos projetos propostos pela comunidade a mulher podia se enxergar como parte da sociedade e refletir sobre sua posição perante ela.

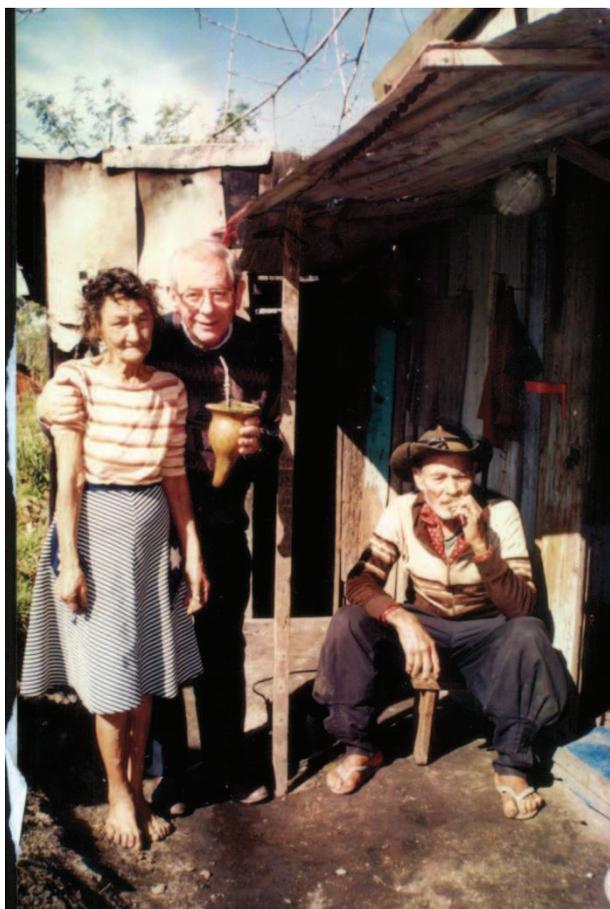
Todo esse trabalho de formar protagonistas de Mobilizações e Movimentos reivindicativos fez do Pe. Orestes um ator social importante no estudo dos NMS. De acordo com Tourraine (1998, p. 262),

as novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais.

Entre tantos projetos que vislumbramos em seus escritos, optamos por descrever apenas os mais relevantes para a pesquisa.

O Projeto Barracão, o Centro de Atendimento e Apoio Familiar (CECAM) e o projeto Meninos e Meninas da Vila Progresso (PMMP) estão dentro de um grande projeto das prioridades assumidas pela Paróquia Santo Inácio. O projeto contemplava o trabalho com crianças e adolescentes mas também incluía outras iniciativas que eram recebidas pela paróquia: Núcleo Pavoni,⁸⁹ S.O.S Criança, Projeto SAPECA, Projeto UNISINOS e trabalhos pastorais com crianças nas comunidades. Para a presente análise, apresentamos um breve histórico do Projeto Barracão, por ser o embrião do trabalho com crianças, o CECAM, por atender a região da Campina, e o PMMP que nasceu na área do Bairro Rio dos Sinos.

Imagem 3 – Pe. Orestes em visita a famílias



Fonte: Arquivo FABN.

⁸⁹ Ver anexo XVI – Encarte “Raízes de Nós” Informativo do Colégio São Luis produzido em setembro de 1996 que conta a história da fundação do Projeto Pavoni na vila Campina.

4.4 PROJETO BARRACÃO

O projeto Barracão foi inaugurado no dia 03 de abril de 1987, na vila Brás. A ideia surge a partir do Projeto de Ajuda Comunitária da Caritas (PACs) já implantado em outras localidades. Esta ideia foi lançada pelo Pe. Orestes em reunião com a Associação de Bairro da Vila Brás e a Comunidade Cristo Operário.⁹⁰ Muitas reuniões foram realizadas para que se concretizasse o projeto. Nas reuniões percebeu-se que duas necessidades materiais eram importantes fazer para que o projeto viesse a funcionar.

- Colocar piso, parquet, no salão e construir dois banheiros.
- Construir mais salas para o clube de mães, catequese, reuniões, pois tudo funcionava no salão, e este seria usado pelo projeto Barracão.

Para a colocação do piso, a comunidade fez listas para conseguir fundos e organizou promoções. Para as salas e o forno comunitário, Pe. Orestes enviou um projeto para a ADVENIAT, e para a Paróquia São Pio X de Vicenza, na Itália. Segue um fragmento deste projeto; a íntegra está no anexo XVIII.

Quando falamos de “Pastoral Social” referimo-nos especialmente para as pessoas que vivem em situação subumana. Isto significa: uma grande quantidade de sofrimento, fome, falta de saúde e higiene, os laços familiares de analfabetismo quebrado, falta de responsabilidade para com a família e assim por diante. Será que isso significa: a sujeira em casas ou barracos, as crianças na rua, com fome, ausente da escola, homens e mulheres desempregados, muitas vezes bêbados e sem esperança. Isso também significa: a incapacidade de pensar, de estabelecer relações, medo, vergonha, para conversar e sair em público, e muitas outras coisas. E para isso temos que começar com o que é mais básico e simples de usar um método progressivo, lento, que começa a partir das coisas mais elementares, da necessidade primordial deles e começar o longo processo de libertação. (Observações finais do projeto de ajuda enviado para a Paróquia São Pio X de Vicenza na Itália. Anexo VII, p. 6).

Com as ajudas financeiras de US\$ 5.200,00 que vieram da Europa neste período, pôde-se acelerar as obras que ficaram prontas em março de 1987. Os arquivos deixados pelo Pe. Orestes também registram uma ajuda financeira do Rotary Sul que foi revertida em materiais de construção para o funcionamento da creche.

⁹⁰ Ver Anexo XVII – Planta baixa desenhada a mão pelo Pe. Orestes que identifica como era dividido o espaço da comunidade.

A coordenação ficou com Rejane e as “tias”, que inicialmente eram pagas pela prefeitura. Depois, a responsabilidade ficou por conta da Comunidade Cristo Operário e da Associação de Moradores. No dia 1 de abril de 1987 começou a funcionar o Projeto Barracão, no salão da Comunidade Cristo Operário em regime de comodato com a prefeitura de São Leopoldo. Segue reportagem da inauguração do projeto Barracão publicada no Jornal Vale dos Sinos.

Figura 15 – Inauguração do Projeto Barracão – Jornal VS 02/04/1987

Vila Brás U.S. 2/4-87-

Projeto Barracão para atender menor carente

São Leopoldo — Com mais de duzentos moradores e colaboradores presentes, foi inaugurado, terça-feira, o Projeto Barracão na vila Brás. O Projeto entra em funcionamento através de convênio entre a Prefeitura, Febem e Funabem. Sob a coordenação da assistente social Rejane Linck, o Projeto Barracão tem por objetivo engajar os moradores da vila Brás em atividades que vi- rão em seu benefício próprio. A creche do Barracão atende- rá crianças de zero a seis anos, sob os cuidados de mães mor- adoras. As mães foram orien- tadas por uma comissão formada por assistente social, psicólogo e nutricionista. A creche vai funcionar das 6 às 19h.

O prefeito Waldir Schmidt esteve na inauguração, junta- mente com representantes de outras entidades assistenciais, e salientou o exemplo comuni- tário dado pela vila Brás, na busca de soluções para o pro- blema do menor carente.

O padre Oréste Stragliotto, vigário da Paróquia, lembrou a contribuição enviada pela paróquia da cidade italiana de Vicenza, que ajudou na con- clusão dos trabalhos.



Prefeito na inauguração do Barracão, destacando o espírito comunitário

Fonte: Livro Tombo II.

O Projeto Barracão funcionou de abril de 1987 a 8 de fevereiro de 1992. Devido às dificuldades financeiras de pagar as “tias” que cuidavam das crianças que até o ano de 1990 eram mantidas pelo convênio com a prefeitura e este foi cancelado por questões políticas. O Pe. Orestes, em seus escritos, deixa registrado a lamentação ao tomar a decisão de fechar o projeto. Segue trecho:

Lamenta-se ainda o esforço inútil ou quase inútil da paróquia São Pio X de Trento da Itália que ajudou a manter as “tias” durante alguns meses de 1990. Mas fica a esperança de poder retomar o funcionamento do projeto...Esperança no CECAM que está se firmando ao lado do Centro

Leopoldense de Artesados (CLAR), no Bairro Arroio da Manteiga. (Livro Tombo III p. 2).

Após algumas tentativas com os órgãos públicos em manter o atendimento e nada conseguido, a paróquia decidiu em 8 de fevereiro de 1991 encerrar as atividades enviando uma carta aos pais das crianças para não enviarem mais seus filhos para o projeto Barracão.

4.5 CENTRO COOPERATIVO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR – CECAM

Fundado em 26 de março de 1991, o CECAM possuía 31 sócios fundadores e era dirigido pela diretoria administrativa. O CECAM iniciou em 1990 com o trabalho de assistência ao menor através de uma creche instalada nas dependências de um barracão de propriedade da Mitra da Diocese de Novo Hamburgo via contrato de comodato. A adaptação do espaço e aquisição de equipamentos para o funcionamento da creche foi conseguido através de mutirões, com doações de entidades de apoio, empresas privadas e arrecadação de recursos via promoções. O projeto era dividido em CECAM I com atendimento a crianças de 0 a 14 anos, no qual havia sete funcionários, uma cozinheira, um coordenador e cinco atendentes e CECAM II com atendimento a crianças de 2 a 7 anos, com três funcionários, uma cozinheira e dois atendentes. Ambos recebiam um salário mínimo a título simbólico.

As crianças atendidas pelo projeto pertenciam a famílias de classes trabalhadoras com renda média entre 2 e 3 salários mínimos. O objetivo do CECAM era prestar assistência às crianças carentes entre 0 a 14 anos, cujos pais trabalhassem durante o dia e não tivessem onde deixá-las. A capacidade de atendimento era de 80 crianças.

Inicialmente a duração do projeto foi prevista para quatro anos e visava, especificamente, alimentar (almoço e lanche), oferecer momentos de recreação (teatro, esportes, jogos didáticos), cuidar da saúde (atendimento pediátrico duas vezes na semana e medicina alternativa caseira como forma de prevenção), orientar o desenvolvimento psicossocial (acompanhamento de estagiários universitários do curso de Assistência Social) e criar cursos pré-profissionalizantes.

Os recursos com os quais o projeto se mantinha eram: mensalidades cobradas dos pais (18% do salário mínimo), auxílio da prefeitura (40% da UPM para 45 vagas, apenas para o CECAM I, ajuda esporádica da LBA, promoções e doações.

Mais tarde foram criadas Escolinhas Alternativas nas comunidades da Brás, Santa Marta e Dique devido à carência de pré-escolas nas comunidades. Estas escolinhas visavam atender às necessidades de crianças carentes entre 7 a 14 anos, as quais ficavam sozinhas em casa enquanto os pais trabalhavam ou que não tinham se adaptado ao sistema escolar. O objetivo deste projeto era dar continuidade às atividades desenvolvidas, priorizando as crianças em idade pré-escolar, promovendo um atendimento adequado, alimentação e lazer. O planejamento pedagógico era feito por estudantes voluntários e o acompanhamento social era feito por agentes da pastoral da Paróquia Santo Inácio.

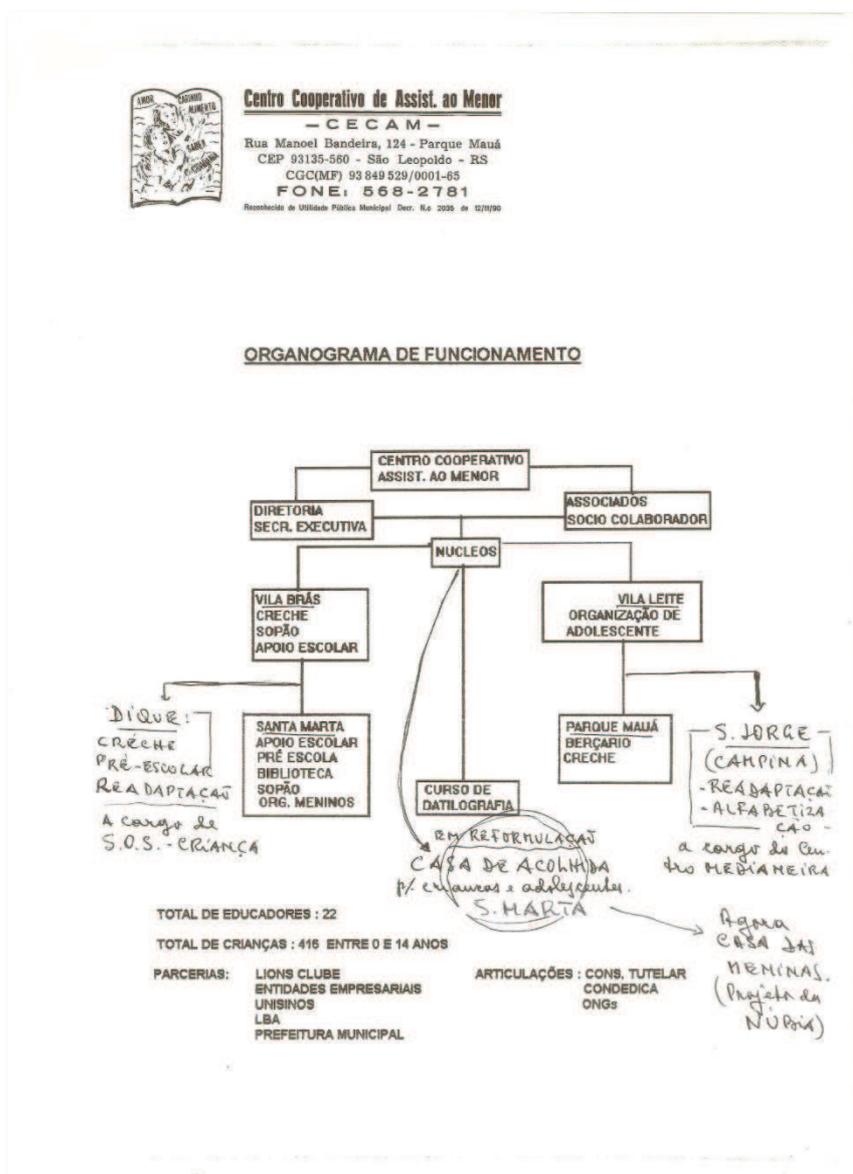
As escolinhas objetivavam o acompanhamento das crianças junto às famílias detectando causas a serem trabalhadas, proporcionavam meios para o desenvolvimento da capacidade intelectual, criativa e social, além de alimentação integral.

CECAM Brás: atendia 60 crianças com três funcionários voluntários e se mantinha apenas com o trabalho voluntário, promoções comunitárias e com as doações de alimentos que recebia para sopa que serviam diariamente para as crianças.

CECAM Santa Marta: atendia 25 crianças entre 4 a 7 anos com um professor voluntário no turno da tarde. O material pedagógico usado nas aulas era conseguido através de doações e promoções comunitárias realizadas periodicamente com a participação dos pais. O projeto se mantinha apenas com o trabalho voluntário, promoções comunitárias e com as doações de alimentos que recebia.

CECAM Dique: atendia 30 crianças entre 7 a 12 anos através do trabalho voluntário de uma professora que os alfabetizava durante o turno da tarde. A escolinha funcionou durante dois anos e depois foi desativada, devido a três assaltos consecutivos, onde todo o material pedagógico foi levado. Segue abaixo organograma do projeto em 1995.

Figura 16 – Organograma do CECAM



Fonte: Arquivo FABN.

4.6 PROGRAMA DE PREVENÇÃO MENINOS E MENINAS DE PROGRESSO – PPMMP

O projeto foi criado no ano de 2000 como o resultado de uma pesquisa realizada pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – Programa de Apoio aos Meninos e Meninas (CEDECA-PROAME), que se caracteriza como uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, de utilidade pública municipal, estadual e federal, atuante desde 1988 em São Leopoldo-RS, na defesa dos direitos

de crianças e adolescentes e que se constituiu a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Imagem 4 – Foto do Arquivo PMMP(2000)



Fonte: Arquivo FABN.

A pesquisa encomendada pela entidade obteve como resultado um alto índice de crianças e adolescentes no centro do município em situação de vulnerabilidade social e trabalho infantil, o que levou o Pe. Orestes Stragliotto a buscar junto a amigos de uma comunidade situada na cidade de Trento, no norte da Itália, recursos para iniciar o Programa de Apoio Meninos e Meninas de Progresso, nome este dado devido à maioria dessas crianças ser oriunda do bairro Progresso.

Foi durante uma de suas viagens à Áustria, visitando amigos colaboradores das ações sociais de sua paróquia, que conversando com o amigo Fábio Bernardo dos Santos, pensaram as primeiras atividades deste projeto, lançando-as assim para os colegas austríacos, que não só apoiaram, mas também custearam o primeiro ano de atividades.

O grupo de apoiadores, formado por jovens ligados à Igreja Católica da cidade de Trento e Tassulo, assumem então, no ano 2001, os custos do Programa de Prevenção Meninos e Meninas de Progresso, que inicia suas atividades nas salas anexas a Igreja Cristo Salvador, na vila Progresso, descritas na pesquisa do CEDECA-PROAME como a região do município de São Leopoldo, com maior índice de criminalidade e miserabilidade.

Ideias lançadas, o próximo passo seria sistematizá-las, organizar em formato de projeto e buscar junto a agências de cooperação internacional recursos para viabilização de novos espaços e um maior número de atividades, visto que o público atendido era muito inferior às necessidades da região de implantação do programa.

A ideia inicial foi de organizar um espaço onde um grupo de crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social, pudessem participar de atividades lúdicas no contra turno da escola e, concomitantemente, pudessem contar com o atendimento extensivo às famílias na área da assistência social.

Com o projeto finalizado, Pe. Orestes decide ir novamente à Itália, Alemanha e Áustria para viabilizar verbas junto aos amigos do projeto Antre-Ajudas e a Associazione di Villa Amici, onde aprova então o primeiro Plano Trienal de atividades: de 2001 a 2003. Para saber mais sobre estes projetos denominado Entre-Ajudas, que envolveu Brasil, Itália, Alemanha, Áustria transcrevemos partes de uma longa entrevista feita com Virgílio Pinamont. Neste excerto da entrevista podemos perceber a importância deste projeto para este grupo de italianos: Segue trecho da entrevista:

Conheci o Pe. Orestes, padre de fronteira, poucos anos antes, em 1993, por meio de Anna Maria, que depois se tornou minha esposa. Antes ainda de 1954, quando estudava em Viterbo, cidade italiana, o Pe. Orestes frequentava o Val di Non, mérito de um agricultor de Sporminore, pequeno município perto de Tassullo, Fiorenzo Formolo, parente de imigrantes no Brasil que tinha se casado com Rosa, uma brasileira. Sendo prefeito de Tassullo em 1993, logo me propus para financiar um pequeno projeto: ele precisava comprar uma casinha (mais parecida com um barraco), situada em Santa Marta, uma das favelas mais pobres. A casinha servia para hospedar uma dezena de crianças que vinham de famílias desestruturadas. A contribuição da Prefeitura de Tassullo foi de 3.000 euros, o primeiro de muitos outros que se seguiram mesmo depois da minha saída como prefeito. (Entrevista Viggilio Pinamontti)

Com base nos programas de planejamento, monitoria e avaliação, o Trienal se configura como um auxílio financeiro às entidades sociais e se caracteriza por uma ajuda de caráter supletivo, que pode ser aplicado em despesas de manutenção dos

serviços e, posteriormente, como auxílio extraordinário, passando a subsidiar atividades de natureza especial, como construção, reforma ou aquisição de equipamentos.

Figura 17 – Cópia de recibo encontrado nos arquivos

| | | |
|--|--|---|
|  Pax-BankeG | KINDERMISSIONSWERK <small>PÄPSTLICHES MISSIONSWERK DER KINDER IN DEUTSCHLAND</small> |  <small>DAMIT KINDER LEBEN KÖNNEN</small> |
| <small>Päpstliches Missionswerk der Kinder in Deutschland Stephanstraße 35 · D-52064 Aachen</small> | <small>STEPHANSTRASSE 35 D-52064 AACHEN TELEFON (02 41) 2 10 67 TELEFAX (02 41) 2 10 60</small> | |
| RECOMMANDE P. Orestes Joa Stragliotto C x. P. 324 93.001-970 Sao Leopoldo - RS Brasilien | den 3.02.1995 Unser Zeichen Fe. | |
| <small>Wir übersenden Ihnen durch We send you by Nous vous envoyons par</small> | PaxBankeG | |
| <small>Scheck-Nr./Cheque No./Chèque No</small> 400116977 <small>auf/on/sur</small> Chemical Bank New York | <small>über/for/de</small> USD 5.888,13 | |
| <small>Verwendungszweck:</small> gemäß unserem Brief vom 15.11.1994 <small>Re:</small> f. Proj. Nr. 92 0 212 243 <small>Concernant:</small> | | |
| <small>Wir bitten, die beigelegte Empfangsbestätigung unterschrieben zurückzusenden an</small> | <small>Please sign the joined copy and return it to</small> | <small>Nous vous prions de signer la copie ci-jointe et de la retourner à</small> |
| PÄPSTLICHES MISSIONSWERK DER KINDER IN DEUTSCHLAND <small>Holy Childhood (Germany) · Enfance Missionaire (Allemagne) · Santa Infancia Misionera (Alemania)</small> Stephanstraße 35 · D-52064 Aachen | | |
| |  |  <small>(Prälat Arnold Poll) Präsident</small> |

Fonte: Arquivo FABN.

Nesta entrevista percebemos que o Vigillio Pinamont dá ênfase às idas do Pe. Orestes para Europa como sendo um ícone, uma espécie de avaliador dos projetos. Segue fragmentos da entrevista:

Essa foi a primeira intervenção de um grande projeto que continua até hoje. Como estavam no espírito das iniciativas estrangeiras, promovidos pela prefeitura, os projetos deviam ser acompanhados por referências conhecidas que se comprometiam a enviar relatórios pontuais e, durante as suas visitas ao nosso município, contatar as entidades e associações, e ilustrar também para a população as situações em que operavam e os resultados obtidos. O Pe. Orestes vinha todos os anos para a Itália, muitas vezes acompanhado pelos seus colaboradores, de modo especial por Fabio Bernardo. Além da região do Vêneto, de onde os seus avós tinha partido para o Brasil, ele parava alguns dias também conosco, em Sporminore e Tassullo. Antes de voltar para o Brasil, ele passava pela Áustria, Alemanha e Suíça, onde tinha contatos com associações beneficentes desses países. (Entrevista Vigillio Pinamontti)

Dessa forma, consolidam-se, a partir de 2001, as atividades do Programa de Prevenção Meninos e Meninas de Progresso, atendendo primeiramente 30 crianças e adolescentes, com idade de 7 a 14 anos, nos turnos da manhã e outros 30 no turno da tarde.

A partir de então, o grupo coordenado por Fábio Bernardo dos Santos conta com um grupo de seis educadores sociais e uma pedagoga e realiza atividades importantes na área da assistência social para os moradores da vila Progresso e Tancredo Neves, ambos na Zona Norte de São Leopoldo.

O projeto começa a se tornar reconhecido, recebendo um importante respaldo na comunidade onde está inserido, em que o número de crianças atendidas torna-se cada vez maior.

Atualmente, a associação atende 230 crianças e adolescentes sendo nos dois núcleos da AMMEP, incluídas em seus principais projetos: Arte, Cultura e Educação; Inclusão Digital; Oficina de Capoeira; Agente Jovem e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Nele também ocorrem atividades paralelas tais como: Participação em seminários, cursos e conferências realizados à criança, ao adolescente e famílias; oficinas de saúde e cidadania; e formação continuada junto à equipe pedagógica ampliada e encaminhamento para cursos e mercado de trabalho.

4.7 FORNOS COMUNITÁRIOS

Com relação a este projeto, é possível perceber duas dimensões: a do pão que dá a vida – a figura da mulher como representação da existência humana e a do pão que mata a fome – e o alimento que representa a subsistência. Estas duas dimensões estão profundamente entrelaçadas na experiência dos grupos de Fornos Comunitários.

Os Fornos Comunitários surgiram em 1983 na periferia de Canoas. Um grupo de mulheres mães se encontrava para estudar medidas comunitárias no intuito de enfrentar o problema da fome. Nestes encontros partilhavam o trabalho, o evangelho, o alimento na hora do chá. Nesta época, surgiu a ideia de construir um forno para preparar pães a serem partilhados no Clube de Mães que se reunia semanalmente. Mais tarde, o pão passou a ser preparado diariamente e as mães mais necessitadas

começaram a participar, buscando suprir a fome em suas próprias casas. Assim, surgiram os Fornos Comunitários.

Através do intercâmbio entre os grupos de mulheres, em 1984 a experiência começou a se expandir, chegando a São Leopoldo. Em 1985 houve um impulso ainda maior. Aumentava consideravelmente o número de Fornos Comunitários, crescia o número de mulheres engajadas e se aprimorava a organização.

Figura 18 – Jornal VS 02/09/1986 – Fornos Comunitários



Fonte: Livro Tombo II.

Para entender melhor a dinâmica de funcionamento de todo o processo de organização das mulheres em torno dos Fornos Comunitários, é importante entender como aconteciam os encontros: grupos de cinco mulheres se revezavam diariamente na preparação do pão. Entre elas havia quem coordenava os trabalhos. A farinha e a lenha chegavam aos fornos através de mutirões de coleta. Parte das mulheres saíam as ruas visitando escolas, atacados, minimercados, etc. Os demais ingredientes eram supridos pelos grupos. Cada uma levava um ingrediente diferente e o pão era produzido deste jeito.

Enquanto a massa do pão crescia, as mulheres refletiam sobre o evangelho, faziam trabalhos manuais (vendidos posteriormente com o objetivo de adquirir ingredientes para feitura dos pães) e discutiam assuntos emergentes. Depois de assados os pães eram colocados encima de uma mesa, as mulheres se posicionavam ao redor dela e rezavam o Pai Nosso, fazendo a distribuição conforme os mandamentos da partilha. Os mandamentos da partilha foram conclusões do encontro de coordenadoras dos grupos de Fornos Comunitários e dos Clubes de Mães, ocorrido em Canoas, nos dias 11 a 13 de fevereiro de 1985. Os pães eram repartidos igualmente entre as cinco mães que os preparam, dando dois ou três para cada uma. Se sobrasse um, elas repartiam e comiam com as crianças.

O Forno Comunitário foi inventado pelas mulheres diante da necessidade de enfrentar comunitariamente o problema da fome. Porém, enquanto faziam isso, acabavam redefinindo as relações de poder e de autonomia, resgatando o respeito por elas próprias, percebendo o seu valor de compromisso social e político. Começavam a redefinir o próprio significado de comunidade e convivência, assumindo o papel de protagonistas.

Um aspecto importante observado por uma agente comunitária na época é que quando uma mulher começava a participar dos grupos, sua preocupação estava voltada unicamente para a sua família. No contato com as outras mulheres, sua maneira de perceber a realidade mudava. Ela passava a perceber na ajuda mútua uma possibilidade para a solução de problemas enfrentados pela família, pelo grupo, pelas comunidades e pela classe oprimida.

“As relações sociais passam a ser orientadas pela solidariedade e não pela competição e individualismo”.

“A visão solidária e comunitária permite olhar ao redor e perceber a si como parte de uma comunidade que precisa de muita força e união para sobreviver”.

Outro aspecto de grande importância é o compromisso coletivo com as crianças que têm fome. Um relato de uma das mulheres participantes do Forno Comunitário deixa claro o compromisso assumido por estes grupos:

Na segunda-feira, na hora da partilha, as crianças estavam chorando, porque queriam o pão. Por isso, nós deixamos que sobre alguns pães para repartir entre as crianças. Elas comem, sentadas. É a coisa mais linda do mundo! Se a gente não fizer assim, as mães vão repartindo o pão entre as crianças pelo caminho e chegam em casa sem o pão. (Florência, Vila Braz).

Mas nem tudo foi fácil. Num determinado momento o Clube de Mães se viu diante da necessidade de conseguir mais farinha devido ao grande número de mulheres que se encontravam em situação de extrema pobreza. A saída encontrada para resolver o problema foi envolver uma escola: o Colégio São José, de São Leopoldo. A partir de uma proposta de educação libertadora incentivada pela Campanha da Fraternidade de 1985: “Pão para quem tem fome”, as lideranças destes movimentos pensaram em aproximar a prática transformadora das vilas com a prática da escolar. A comunidade escolar correspondeu à ideia de maneira positiva, aceitando colaborar com o projeto Forno Comunitário. A cada mês, havia uma turma encarregada de conseguir no mínimo 100k de farinha, podendo arrecadar outras doações.

Através do Serviço de Orientação Religiosa foram oportunizados aos alunos e professores o contato com os grupos de mulheres, na vila e na escola. Nestas ocasiões, as mães relatavam suas experiências, lutas e conquistas. Apresentavam seus trabalhos, faziam reflexões bíblicas e deixavam um testemunho sólido de coragem, simplicidade e fé. A maneira de ser destas mães impressionou a comunidade escolar, motivando ainda mais a campanha de apoio aos Fornos Comunitários de forma organizada, ativa e criativa, envolvendo toda a escola. Além da campanha fixa, surgiram outras iniciativas, como: feiras beneficentes, gincanas culturais, entre outras, todas ações com a finalidade de angariar fundos para os Fornos Comunitários. A entrega do material arrecadado era feita pelos alunos no local dos fornos. Os alunos acompanhavam a confecção dos pães e provavam o pão quentinho. O intercâmbio escola e vila se intensificou. Por isso foi criado pelas mulheres o jornalzinho *Mães unidas: Voz da libertação*, que começou a circular nas salas de aula e ser lido pelos alunos. Mensagens foram escritas pelos alunos e entregues a estas mães.

Queridas mães dos Fornos Comunitários. Achamos bonito o gesto de amor, bondade e união que vocês nos transmitiram com suas visitas a nossa escola. Vocês repartem o pão e nós repartimos a farinha. Assim, acreditamos que tanto vocês como nós somos força de transformação. Obrigado por ter-nos ajudado a crescermos mais. (Turma 323, 3ª série).

Assim como os alunos, os professores também foram tocados e enriquecidos de conteúdo. Vejamos no depoimento a seguir: “A ideia de extrapolar a reflexão sobre a Educação Libertadora, assumindo e ouvindo experiências da base, é algo que pode

sustentar a própria dinâmica da escola, em nível de mudanças. Pois toda teoria deve ser encostada a uma prática, senão torna-se vazia...” (Professora – jornada de formação).

Nos documentos encontramos muitos relatos e atividades envolvendo as comunidades e os clubes de mães. Temos registros de fornos comunitários nas comunidades da vila Brás, Campina, e Arroio da Manteiga. Muito recursos para construção dos fornos e para compra de farinha vinham de projeto Antre-Ajudas enviado pelo Pe. Orestes a instituições de fomentos da Europa. Estes projetos estão arquivados junto à Fraternidade Apostólica da Boa Nova. Abaixo segue reportagem que ilustra e relata o trabalho destas mulheres.

Figura 19 – Jornal VS 02/11/1986 – Experiências dos Fornos Comunitários



Fonte: Livro Tombo II.

Para Doimo (1997), a novidade dos movimentos contemporâneos reside precisamente no fato de se situarem numa posição liminar entre o Estado, o mercado e a cultura, o que os torna profundamente oscilantes entre a defesa do estatismo e a reivindicação das vantagens do mercado. São movimentos que se manifestam através de ações diretas, passando ao largo do sistema de representação de interesses; surgem em inesperados lugares estruturais e terminam numa espécie de *vácuo regimental* diante do oponente, com o qual a interlocução, quando ocorre, é sempre baseada em critérios de necessidade imediata. (Fome, educação, transporte etc.).

Percebemos que os movimentos surgidos no período que Pe. Orestes permaneceu na Paróquia Santo Inácio contemplam as categorias desenvolvidas pelos

teóricos dos Novos Movimentos Sociais e que as práticas desenvolvidas são pertinentes da Teologia da Libertação.

5 A VEZ E A VOZ DE LIDERANÇAS⁹¹

*A imagem que ficou marcada do Pe. Orestes era de vê-lo mais de uma hora antes da oração das comunidades, fazendo sua oração sentado num banquinho junto a mesa da palavra com sua Bíblia, seu diário, um livro teológico e outro livro sobre um tema social.
(Pe. Edson Thomassim)*

Como mencionado na introdução, partimos da hipótese segundo a qual os Novos Movimentos Sociais surgidos na Zona Norte de São Leopoldo nas décadas de 1980 e 1990 tiveram grande influência da prática social e pastoral do Pe. Orestes Stragliotto, e que além destes NMS também surgiram atores sociais que se envolveram neste processo.

Neste capítulo transcrevemos as diferentes formas de olhar a figura do Pe. Orestes como formador de lideranças. Essa iniciativa se deu a partir de depoimentos coletados para a pesquisa através de entrevistas⁹² com alguns atores sociais envolvidos neste processo que faziam parte direta ou indiretamente dos movimentos pesquisados e ou das comunidades.

❖ Ary José Vanazzi⁹³

Então, eu tenho muitas lembranças de muitas coisas importantes. 80% do que eu sou hoje é por causa do Pe. Orestes, porque ele me deu segurança, me ajudou, me orientou. Eu busquei formação muitos anos depois, nunca estudei, mas tinha um suporte, um apoio na luta política. Ele não ficava na frente. Ele colocava a gente e cobrava. Ele participava das atividades centrais, por exemplo, fazíamos uma caminhada e uma missa. Comparecia nas reuniões importantes.

⁹¹ A História Oral possibilita fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado pela documentação oficial, o que possibilita não cair nas ciladas das fontes oficiais e, deste modo, apenas reproduzir o que objetivaram que conhecêssemos. Nesse sentido, para realização deste trabalho procurei utilizar a documentação oral da mesma maneira que as fontes escritas, uma vez que, nessa modalidade, o resultado do depoimento é tido como mais um documento, compatível com a necessidade de encontrar respostas para o tema (MEIHY, 1996). Além de ser um sustentáculo da pesquisa, onde se reconstrói a História nas mais múltiplas versões, é também uma forma de aproximar do objeto de estudo. O que é explicitado na fala dos entrevistados são as representações de um momento vivido, onde o pesquisador pode cruzar os relatos com as fontes diversas já citadas e, assim, questionar e analisar o contexto histórico.

⁹² Todas as entrevistas foram realizadas com a mesma lógica. A ideia era de deixar os entrevistados falarem livremente (entrevistas pouco dirigidas) sobre quem foi o Pe. Orestes e qual a influência, importância dele na formação (vida) de cada entrevistado. E sua participação no processo dos movimentos e comunidades.

⁹³ Eleito vereador em dois mandatos 1989 e 1992; deputado federal 2001 e 2003; e prefeito de São Leopoldo 2004 e 2008. Atualmente é presidente do PT do RS.

O Pe. Orestes dizia assim: tu tens que organizar um movimento aqui para nós resolver esse problema das enchentes. E eu comecei a coordenar com a Antoninha, com o Sandro, tudo isso era uma gurizada, com o Felício Borella, com o Valmir Vanzela, com o Osório e a família dele, o Nadir, o Jandir, então nós organizamos um grupo e começamos a construir o movimento Pró-Dique E, em 1988 o Pe. Orestes pediu para mim ser candidato a vereador. Disse que ia me eleger a vereador. Eu nunca tinha entrado na Câmara de Vereadores e nem sabia o que era isso. Fiz três panfletos ou dois, um grupo pequeno. O Pe. Orestes praticamente bancou o material, me ajudou pagando. Todo mundo me chamava de filhote do Pe. Orestes. A direita aqui detestava o Pe. Orestes.

O Pe. Orestes participou intensamente nas questões sindicais aqui da região, ele estimulava a gente, ele sempre pegava o dinheiro que tinha e dava para gente fazer material, e o troco era para a passagem.

Sendo da Teologia da Libertação, ele sempre interpretava a Bíblia sob a luz da realidade. Ele pegava as cartas dos apóstolos, as passagens bíblicas. Ele usava a simbologia da Bíblia e transformava na vida real do povo. Ele tinha uma visão muito crítica das coisas, da sociedade capitalista, do mundo capitalista, da exclusão social. Ele não era socialista e nem marxista. Ele era teólogo. Ele usava a Teologia da Libertação a qual o centro era a vida. O marxismo era muito mais materialista. Ele não se dizia marxista, mas defendia teses revolucionárias para época, por isso que a Igreja (instituição) tinha certas divergências com ele.

Ele fazia de tudo um pouco, fazia construção, dava aula de Bíblia, dava cursos na igreja, buscava recursos fora do Brasil, auxiliava as pessoas como podia, é uma história riquíssima.

❖ Irene Massoco⁹⁴

Eu comecei a trabalhar na Paróquia Santo Inácio em março de 1986. Mas, em 1985, quando estava em Três Coroas, conheci o Pe. Orestes em alguns cursos, com algumas aulas que ele deu para nós lá no antigo propedêutico.

⁹⁴ Formado em Filosofia e Teologia. Ordenado Sacerdote na Paróquia Santo Inácio do Rio dos Sinos em 1994, onde assumiu a função de padre auxiliar até 2002. Com a morte de Pe. Orestes assume como Pároco até 2008. Em 2009 deixa o sacerdócio e assume um cargo público na prefeitura de São Leopoldo. Atualmente, está com auxílio doença devido ao seu estado de saúde.

Através da questão religiosa, o Pe. Orestes avançou para a questão política e para a questão social. Então, a questão social era muito difícil. Hoje melhorou muito. Hoje não dá para dizer que a Brás é aquilo que a gente conheceu em 1986, 87, 88, 89.

Então, tinha toda essa problemática da miséria, de moradia, fome, enchente. A partir disso, o Pe. Orestes começou – ali na Brás, a primeira comunidade construída, a Cristo Operário – a mobilizar, convidar mulheres para fazer as creches, trabalhar com crianças, mobilizar para a questão das enchentes.

O Orestes começou a organizar os fornos com as mulheres, e a gente junto, para fazer o pão, para ter [alimento para as] crianças. E ao mesmo tempo, já que as mulheres ficavam o dia todo em casa, sem ter o que fazer, o Orestes dizia: “Vamos trazer elas. Vamos poder fazer algumas reuniões, reflexões. E elas fazem o pão e tem o seu alimento. A gente consegue a farinha, consegue os fornos, o espaço. E elas só produzem”.

O Orestes fazia a intermediação para as ajudas. O dinheiro dos fornos era de projetos que o Orestes fazia; ele mandava para a ADVENIAT [na Alemanha], para a Itália e a vários amigos para poder comprar e manter.

Quando Dom Sinésio veio para a Diocese de Novo Hamburgo, ele propôs para o Orestes: “Orestes, aqui tem uma paróquia que ninguém quer. É uma paróquia pobre. E você deu curso a vida toda falando dos pobres. Agora tu não quer fazer uma experiência com pobres?” Daí o Orestes, sem pensar duas vezes, disse que sim. Então, o Orestes tinha toda a cobertura da Igreja, da diocese local. A relação do Orestes com o Dom Sinésio era muito boa.

❖ **Fábio Bernardes**⁹⁵

Primeiro, é muito bom a gente poder rever essa história, que construímos juntos com o Orestes. Eu posso contar um pouco que, em 1984, quando eu estava na Primeira Eucaristia, conhecendo, enfim, a comunidade da vila Brasília (comunidade São Judas Tadeu). Eu ainda era uma criança...

⁹⁵ Formado em Assistência Social, foi conselheiro tutelar, secretário de Assistência Social e diretor na Secretária de Saúde nos governos do PT em São Leopoldo. Atualmente é coordenador pedagógico da AMMEP.

Foi quando, em 1988, conheci o Orestes. Conhecendo o Orestes, e ele vendo o meu trabalho lá com a Núbia, como ajudante dela, me leva, num certo domingo – não recordo a data – em 1989, a visitar a Santa Marta, pois até então eu nunca tinha passado da Sociedade Cantores, porque eu morava na Vila Brasília e não tinha ainda subido a lomba da Sociedade Cantores para poder conhecer a Santa Marta.

Chegando, naquele domingo, lá, ele me apresenta para a comunidade e diz que iria começar a trabalhar ali com as famílias. Isso eu tinha 14 anos. [Era a quem] o Orestes chamava “o menino prodígio”. O Orestes dava responsabilidades quando ele via que a pessoa tinha condições de assumir certas funções. E a comunidade Santa Marta era apenas um trilho do trem. Viviam pouco mais de 50 famílias na época lá. De 50 a 80 famílias. E não tinha água encanada, não tinha esgoto, não tinha tratamento, não tinha nada. Foi quando, então, a própria paróquia Santo Inácio na época, através do Pe. Orestes, fez os primeiros quatro tanques comunitários, e o primeiro banheiro comunitário, para as pessoas poderem fazer as suas necessidades fisiológicas, poderem tomar o seu banho, poder fazer a limpeza da casa, limpar as suas roupas, enfim.

A interpretação que o Orestes fazia diante da realidade, da conjuntura, e relacionando a questão política na época e hoje, enfim, fazia com que as pessoas despertassem. Porque quem não concordasse com mudanças não ficava. Quer dizer, o Orestes sempre foi muito claro. As pessoas que queriam oportunidades e mudanças tinham todo o apoio. Aqueles que queriam ficar na mesmice, por exemplo – [...] –, os movimentos que foram feitos na Zona Norte, na época, Pró-Dique. Foram todos movimentos dentro das comunidades. As pessoas estavam lá, morrendo afogadas, perdendo suas casas.

Orestes tinha uma visão de mundo que era impressionante, me tirou daquela acomodação, daquela situação “confortável” em que eu estava, em minha fase de infância e adolescência, e me trouxe para o mundo. Eu digo que o Orestes cumpriu um papel que meu pai não cumpriu na minha vida: cumpriu o papel de mostrar o mundo. E eu optei em vir, ou não. Ele disse: o mundo vai além dos três quilômetros da tua casa, da Vila Brasília, da Vila Berger, da Vila Elza. O mundo é um pouco maior. E eu quis vir e conhecer este mundo.

E a minha formação, como assistente social, se deu, lá na origem, também nas comunidades. Eu digo que tudo tem a ver com as Comunidades Eclesiais de Base. [...] Dezenas, centenas, milhares de pessoas foram se envolvendo pela própria

prática das comunidades, em que o Orestes era o grande motivador, o grande líder, o grande mobilizador. E ele fazia a crítica à altura que era necessária.

Orestes foi estratégico nesses vinte anos: de 1982 a 2002, e para as mudanças que foram feitas também na última década. Se, hoje, nós temos um loteamento em nome de Orestes, passarela em nome do Orestes, praças em nome de Orestes, escola em nome de Orestes, se deu ao grande líder que foi. E a Zona Norte foi a região que mais se desenvolveu, e ainda hoje, politicamente, na cidade de São Leopoldo.

❖ **Vigilio Pinamonti⁹⁶**

Conheci o Pe. Orestes, padre de fronteira, poucos anos antes, em 1993, por meio de Anna Maria, que depois se tornou minha esposa. Antes de 1954, quando estudava em Viterbo, cidade italiana, o Pe. Orestes frequentava o Val di Non, mérito de um agricultor de Sporminore, pequeno município perto de Tassullo, Fiorenzo Formolo, parente de imigrantes no Brasil que tinha se casado com Rosa, uma brasileira. Sendo prefeito de Tassullo em 1993, logo me propus para financiar um pequeno projeto: ele precisava comprar uma casinha (mais parecida com um barraco), situada em Santa Marta, uma das favelas mais pobres. A casinha servia para hospedar uma dezena de crianças que vinham de famílias desestruturadas. A contribuição da Prefeitura de Tassullo foi de 3.000 euros, o primeiro de muitos outros que se seguiram, mesmo depois da minha saída como prefeito.

O Pe. Orestes vinha todos os anos para a Itália, muitas vezes acompanhado pelos seus colaboradores, de modo especial por Fabio Bernardo. Além da região do Vêneto, de onde os seus avós tinha partido para o Brasil, ele parava alguns dias também conosco, em Sporminore e Tassullo. Antes de voltar para o Brasil, ele passava pela Áustria, Alemanha e Suíça, onde tinha contatos com associações beneficentes desses países.

⁹⁶ Mora em Tassullo, um pequeno município do Val di Non, no Trentino, na Itália. Trabalhou como técnico pesquisador no Instituto de Experimentação e Pesquisa. De 1985 a 1995, foi prefeito de Tassullo; de 1995 a 2004 foi presidente de um pequeno banco cooperativo local. Atualmente, é o presidente de uma cooperativa que compra e vende, aos sócios consumidores, produtos alimentares para a casa e para o cuidado pessoal, produtos obtidos com sistemas biológicos sem química e no respeito pelo ambiente em Tassullo.

O motivo era o mesmo: arrecadar fundos para os inúmeros projetos que ele levava adianta no seu Brasil. Durante as suas visitas, ele aproveitava para manter relações com as autoridades e os párocos locais. Além de celebrar funções religiosas, ele dava palestras para o público interessado nos problemas do Brasil e das pessoas pobres, em particular as crianças, que moravam nas favelas das quais o Pe. Orestes era pároco. Não faltavam encontros com grupos bíblicos espontâneos e, nos poucos momentos livres, tínhamos frequentes trocas de pensamento com ele. Ele sabia de tudo, lia muitíssimo. Como fino biblista, ele sabia interpretar cada trecho da Bíblia, mas com a mesma naturalidade falava de “física quântica” e das mais recentes descobertas científicas. Quando passava por Roma, nunca faltava uma visita à melhor livraria da cidade, onde comprava muitos livros e, depois, com o dinheiro curto, nos perguntava se podíamos pagar a conta, o que fazíamos de bom grado.

Em 1994, eu visitei as favelas de Santa Marta, onde pude ver a “casinha” adquirida com a nossa contribuição. Naquela ocasião, pude conhecer também as crianças que ali moravam. Ainda me lembro de alguns dos seus nomes. Para mim, foi um grande choque ver aqueles lugares: as pessoas moravam em barracos de latão, madeira e papelão, em muitos casos, o pavimento era de chão batido. Em poucos metros, havia uma família inteira, e muitas eram numerosas. Viviam de “bicos”, muitos reciclando os resíduos. Acima das favelas, havia o aterro, aonde chegavam os caminhões com o lixo da cidade. As imundícies derrubadas eram logo atacadas, e as pessoas recolhiam tudo o que era útil, incluindo a comida jogada fora entre os resíduos dos ricos. Alimentavam-se daqueles resíduos. Eu visitei outras favelas, todas nas mesmas condições, esgotos a céu aberto, sem água, alguns roubavam a corrente elétrica enganchando-se, com grande perigo, abusivamente, aos fios que passavam em cima. Durante o inverno (estamos no sul do Brasil, onde, durante o inverno, a temperatura cai até a zero grau), muitas zonas eram inundadas pela água, incluindo os barracos. Algumas crianças perdiam a vida afogadas, outras sofriam todo tipo de doença. A delinquência naqueles lugares era galopante. Na vila Braz, favela onde à época moravam cerca de 9.000 pessoas, naquela última semana, tinham morrido a tiro cinco pessoas, 36 no último mês (novembro de 1994). A polícia não entrava na favela quase nunca. Nós podíamos visitá-la somente acompanhados pelo Pe. Orestes ou pelo Pe. Ireneo, seu ajudante. Já à época, o Pe. Orestes tinha criado uma equipe de voluntários que ajudavam no cuidado e na educação de muitas crianças, abandonadas pelas entidades públicas, que frequentavam durante o dia alguns

pequenos centros. Além de removê-los da “rua”, era garantida uma boa refeição cotidiana e um mínimo de instrução.

Em um encontro, o Pe. Orestes me apresentou Ary Vanazzi, conselheiro municipal de minoria, muito combativo, que tinha assumido a situação das favelas e os seus moradores.

Voltei ao Brasil em novembro de 2011, 17 anos depois da minha primeira visita. Isso, graças aos amigos da vila Santo Inácio, que, nesse meio tempo, desde o ano 2000, seguem esses projetos no Brasil, onde tiveram uma evolução extraordinária. A situação que encontrei melhorou notavelmente. A maioria dos barracos foi transformada pela prefeitura de São Leopoldo em pequenas casas dignas, com água, luz e esgotos. A delinquência se reduziu muito. Um homicídio gera notícia, assim como entre nós. Ary Vanazzi era o prefeito de São Leopoldo; Fabio, o assessor da Saúde; Eliane, assessora da Segurança. Muitos outros colaboradores do Pe. Orestes ocupavam outros cargos dentro da administração. Os três centros da AMMEP, organização fundada pelo Pe. Orestes e continuada pelo Fabio e os seus colaboradores, foram muito ampliados e reúnem mais de 300 crianças. Visitar esses centros, voltar a ver essas novas crianças acolhidas foi muito comovente para mim e, ao mesmo tempo, motivo de grande alegria. Não me envergonho de dizer que chorei. Em três ocasiões. A primeira, quando cheguei no novo centro chamado de Pe. Orestes e vi a sua foto, que mostrava na frente o quadro da prefeitura de Tassullo, que eu tinha levado 17 anos antes.

Padre Orestes viveu normalmente, longe da cidade e da sua “casa canônica”, mas imerso na favela, em estreito contato com os pobres, uma escolha corajosa e contra a corrente, que encarna o estilo de vida da sua missão. O Pe. Orestes ainda vive. Ele vive nos corações daqueles que tiveram a sorte de viver ao seu lado, seguramente muitos brasileiros, mas também muitos italianos que o conheceram e com ele compartilharam momentos particulares de reflexão e de verdadeiro amor ao próximo. O seu nome é lembrado em todas as ocasiões que se fala dos seus Centros e dos seus “meninos”. A sua obra continua, a semente enterrada na terra produz o seu fruto.

❖ Flávio Correa⁹⁷

Eu conheci o Pe. Orestes em 1982, quando ele chegou em São Leopoldo. Aliás, eu posso dizer que sou a primeira pessoa que conheceu o Pe. Orestes, porque ele veio em Novo Hamburgo falar com Dom Sinésio e eu trabalhava na Caritas Diocesana.

[...] Lembro bem que ele veio para São Leopoldo. Só tinha a paróquia Santo Inácio e a São Jorge era uma capela, no bairro Campina.

Ele começou a reunir as pessoas. E uma das primeiras coisas que eu lembro também do Pe. Orestes é que ele começou aqui em São Leopoldo – quando veio para cá ele trouxe o CECA junto, inclusive o CECA funcionou muitos anos onde hoje é o Centro de Pastoral da paróquia da Conceição, nos fundos da capela do Rosário na rua São Pedro –; [como ia dizendo], uma das primeiras coisas que o Pe. Orestes fez foi criar um grupo de estudos da Bíblia, [um grupo para um] estudo bíblico.

A partir da Palavra de Deus ele foi criando esse grupo de estudos. E esse “amor”, digamos, a Palavra de Deus... era transformado na prática. Quer dizer, como viver a Palavra de Deus na prática? E o Pe. Orestes foi entrando nas realidades de São Leopoldo, especificamente do Rio dos Sinos, da Campina. Ele foi expandindo o seu trabalho. Uma das primeiras coisas que ele fez foi o trabalho da “Caritas” para atender os pobres. Mas não atender os pobres no sentido de dar roupa e comida. Mas de ver a situação de pobreza, porque havia aquela situação de pobreza, por que tinha aquela miséria toda. E ele começou esse trabalho muito interessante.

Em 1983, quando aconteceu uma grande enchente, ele se empenhou 100% em atender esse povo todo. Lembro que em 1983 nós fomos de barco da paróquia Santo Inácio, passando por debaixo do viaduto, fomos até a capela São Jorge [...] Eu me lembro do Orestes mobilizando as pessoas. Ele mesmo ia nas casas, recolhia as pessoas, ajudava a tirar as coisas de dentro da casa... Tu sabe como é que era o Orestes, né? Corria pra cá, corria pra lá. Ele passou o tempo todo envolvido com as enchentes e ajudando as pessoas. Procurando um lugar para a pessoa ir, comida, roupa, ajudando.

O Pe. Orestes, no meio tempo em que ele tomou posse na paróquia, foi expandindo, foi criando comunidades. Foi criando, criando, criando comunidades... onde tinha uma vila, ele já achava um terreno para fazer uma igreja, para fazer um

⁹⁷ Pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo e coordenador da Caritas Diocesana de Novo Hamburgo.

centro comunitário. Eu me lembro bem claramente que na Brás [...], lembro que aí ele mandou construir fornos. Ele recebia ajuda dos amigos da Itália. Comprava farinha e as pessoas se reuniam, meditavam a Palavra de Deus, faziam suas orações, faziam Círculo Bíblico e faziam o pão.

O Pe. Orestes – uma coisa muito característica dele – sempre fazia o seu trabalho baseado na Palavra de Deus, baseado na Bíblia. Era um trabalho altamente social, mas um trabalho social a partir da Palavra de Deus. Ele nunca fez uma coisa isolada. Ele era um apaixonado pela Bíblia e queria que todos tivessem essa Palavra de Deus na mão.

O Pe. Orestes não falava para o povo [sobre a] Teologia da Libertação. Essa palavra ele não usava. Não, não usava essa palavra. Porque as pessoas nem sabem o que é Teologia, muito menos o que é “Teologia da Libertação”. Mas tem tudo a ver, né? Pois, o que a Teologia da Libertação quer? Ela quer aproximar a presença da Palavra de Deus junto do povo. É a fé e vida... Ele trabalhava muito essa questão da fé e da vida. Isso, na prática, era Teologia da Libertação. Aliás, na verdade, toda a Teologia tem que libertar.

Mas, especificamente, o Orestes tinha muito dessa visão de o povo se solidarizar, de o povo reivindicar seus direitos e ir à luta. E do jeito que ele era – ele não era uma pessoa parada –, era uma pessoa extremamente agitada, mas agitada para fazer as coisas andar, funcionar, para as pessoas pensarem por que estão vivendo aquela realidade ali, por que estão ali naquela situação.

E ele ficava inconformado, porque a Zona Norte era uma das zonas mais pobres de São Leopoldo. Estava completamente abandonada. Então, ele teve um papel fundamental de organizar esse povo para sair da pobreza, para sair dessa situação de miséria, para crescerem enquanto cidadania, enquanto pessoa; para abrir seus horizontes. Ele tinha muito [presente] essa visão.

Eu digo que sou padre graças ao Pe. Orestes; não digo graças a ele, mas ele incentivou muito. O Pe. Orestes foi um grande apaixonado pela Igreja. Tanto é que mais de 30 padres, hoje, são padres graças a Ele. Então, ele sempre incentivava se a pessoa queria ser padre, ser irmã. Ele incentivava muito. Mas na perspectiva de ser padre com essa preocupação social: padre comprometido com o povo; o religioso comprometido com o povo. Ele incentivava muito. Posso dizer que ele me ajudou bastante. Tanto é que quando eu comecei a estudar na UNISINOS, o meu primeiro

semestre de estudos foi ele quem pagou. Ele pagou integralmente. O meu primeiro semestre na Universidade, [curso] de Ciências Sociais, ele que pagou.

Ele incentivava muito as pessoas, mas sempre dizendo assim: “Ser padre para o povo. Não ser padre para oprimir o povo e nem para querer achar que é melhor do que os outros”. Não. Ser padre é ser o servidor. Bem na linha do Papa Francisco. Quando eu vejo o Papa Francisco, fico com pena que o Pe. Orestes não está vivo aqui para ver. Tudo o que o Papa fala hoje com certeza o Pe. Orestes já dizia há 40 ou 50 anos atrás.

Eu sempre digo assim: o Pe. Orestes foi um homem que doou sua vida para o bem do povo a partir de uma perspectiva de fé. Como um homem de fé, ele entendeu que a fé o movia para ajudar o povo a crescer.

❖ **José Adroildo Vieira Fagundes**⁹⁸

Participando da missa, vim conhecer o Pe. Orestes e o discurso de que a gente só poderia seguir fielmente a Deus se tivéssemos o olhar para o irmão, para o mais necessitado, o mais pobre. E essa foi a primeira vez que eu, realmente, entendi e encontrei Deus que eu procurava.

E o Orestes não tinha papas na língua. Ele dizia que tinha que tirar a bunda da cadeira e que tinha de fazer alguma coisa pelo próximo. Eu já sabia, desde antes, que ali, no próprio terreno da igreja da comunidade Santa Marta, tinha os tanques em que as mulheres lavavam roupa, tinha um chuveiro comunitário, forno comunitário; este era um espaço promovido pelo próprio Pe. Orestes. E aí eu comecei a entender isto: comecei a me identificar com este sentido de igreja, com esse tipo de espiritualidade, que é uma espiritualidade prática, uma espiritualidade com ação.

Na Vila Santa Marta, não tinha energia elétrica, enfim, não tinha infraestrutura nenhuma, o Orestes cedeu, na época, parte lá do terreno da comunidade. Foram construídos dois fornos de barro, e as mulheres iam lá fazer pão. Faziam pão, porque às vezes não tinha gás em casa, ou nem o fogão. Muitas vezes tinha o fogão a lenha,

⁹⁸ Militante social desde os 12 anos quando ainda era atendido em projetos sociais. Passou pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, CEBs, PJ e pelo movimento estudantil. Foi auxiliar administrativo do CECA, Operador de Telemarketing na Atende Bem, educador social do CECAM, funcionário do DCE da UNISINOS, garçom, educador de inclusão digital, assessor de relações comunitárias na SENORTE, assistente de Direção do Projeto Guadalupe, conselheiro tutelar, coordenador de juventude da Prefeitura de São Leopoldo, assistente na FAMURS. Hoje atua como coordenador de juventude estadual.

ou esquentavam a comida numa lata. Então, essas mulheres se reuniam lá e faziam pão.

As pessoas identificavam, na comunidade católica, nessa comunidade – na época movida pelo Pe. Orestes na região –, um lugar para além da espiritualidade: era onde se buscava alimento para a alma e também para o corpo. E aí a distinção que a gente fala entre a igreja progressista (a Igreja da libertação) e a igreja puramente espiritual; quer dizer, tu não alimentas o espírito se teu corpo não parar de pé. Ou seja, a gente precisa dessa condição mínima.

A gente já sabia que tínhamos que lutar por uma escola; quer dizer, então teve uma primeira caminhada, uma primeira passeata, eu sabia mas nem estava envolvido com a igreja. Mas lá eu tinha visto a Eliene. Aí, depois, quando eu vou para a comunidade católica, e a Eliene diz: “É o Pe. Orestes a pessoa em quem a gente se inspira”. E aí eu comecei a frequentar muito o CEPA, que é o Centro de Espiritualidade Padre Arturo.

Eu encontrei mais inspiração com o Pe. Orestes. Porque aí ele dizia: “Tem que fazer, tem que lutar, tem que buscar se envolver com alguma coisa, tem que alertar as pessoas que têm que votar”. O Orestes não tinha muita papa na língua. Ele dizia: “tem que ir lá e fazer campanha”. E aí eu dizia: “Mas por quê? Eu quero ler, quero saber”. [E ele respondia:] “Tá tu vai saber, mas só que isso vai demorar um pouco. Por enquanto, tu vai fazer”.

Havia uma biblioteca no CEPA; ele dizia: “Vai ler isso ali, vai ler isso daqui. Vai lá na biblioteca e procura alguma coisa”. E aí eu procurava. E um dos primeiros livros que ele me deu foi *Enterrem meu coração na curva do rio*, que contava a história do massacre dos índios americanos.

O Orestes sempre cobrou muito. Ele dizia: “Se for pra ficar aí, só dormindo, não quero nem que tu venha aqui”. Vai ler alguma coisa. E aí me botava a ler, [mandava ir] no grupo de jovens. E isso sempre foi um exemplo. Porque o Orestes sempre estudava muito, ele lia muito. Lembro que ele tinha um quadro no quarto dele que retratava o universo. E um dia resolvi perguntar para ele sobre por que ele tinha aquele quadro. E ele me tirou, mais ou menos, umas quatro horas para me explicar todo o universo. E para mim aquilo era uma coisa...: “Tá, mas por que tu tá me falando sobre o negócio lá do outro planeta, se a gente tem as coisas acontecendo aqui e agora?” Aí ele dizia dessa coisa de separação do conhecimento prático, da prática, daquilo

que a gente precisa transformar, mas de não olhar só para o próprio umbigo e de compreender que o universo é uma complexidade muito maior.

E aí, dizia que para a gente entender que, embora tínhamos as coisas práticas aqui que temos de resolver, temos a imensidão que Deus criou. E que temos o desafio também de poder compreender a magnitude disso. Foram quatro ou cinco horas de uma aula...

Então esse é um processo que foi me encantando, porque me abriu um horizonte. Ao mesmo tempo em que eu vivia a minha realidade socioeconômica – uma realidade muito dura, muito difícil –, eu conseguia, de alguma forma, estar lá na comunidade, lutando para transformar essa realidade; por outro lado, eu estava lá conhecendo o Movimento [dos] Sem Terra, conhecendo as CEBs, e conhecendo o universo. Isso era uma coisa completamente fora da minha realidade. – Para mim, Teologia da Libertação e Pe. Orestes são a mesma coisa; quando eu penso no Leonardo Boff, eu lembro automaticamente o Pe. Orestes.

E o idealista do mundo da vida que tinha opinião e que sua prática foi percebida por muitos e resumida de uma forma poética neste artigo publicado em 11 de junho de 2002 no jornal Vale dos Sinos pelo professor de filosofia Elenilton Neukamp.

Figura 20 – Texto de opinião publicado no VS 11/06/2002



Fonte: Arquivo Pessoal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não basta ter sido bom quando deixar o mundo.
É preciso deixar um mundo melhor.
(Bertolt Brecht)*

Ao longo deste trabalho e com as leituras das teorias referenciadas, percebi que os Novos Movimentos Sociais surgem em meio às necessidades urgentes da população, sejam elas, saúde, moradia, emprego, transporte, creches, melhor qualidade de vida. Estes movimentos desnaturalizam o que muitos acham que é natural. Ouviam-se pessoas falarem que as cheias do Rio dos Sinos era um fenômeno natural. Sem dúvida, a afirmativa era verdadeira, porém o que não deveria ser natural era que apenas uma parte da população estivesse protegida deste fenômeno.

O Pe. Orestes Stragliotto encontrou, na Paróquia Santo Inácio do Rio dos Sinos, um território fértil para colocar em prática a sua experiência adquirida em suas diversas caminhadas como seguidor da Teologia da Libertação. Ao chegar à Paróquia Santo Inácio, em 1982, ele encontrou uma paróquia com duas comunidades: Santo Inácio, no bairro Rio dos Sinos, ao leste da BR 116, e São Jorge, no bairro Campina, no oeste sentido Porto Alegre. Cinco anos depois esta paróquia já contava com 14 comunidades, incluindo São Jorge e Santo Inácio. Acontece uma transformação metodológica.

Vimos, na sua biografia, que Pe. Orestes foi um homem que seguiu as mudanças da Igreja, comprometendo-se com a vida do povo. É importante ressaltar que no período entre 1982 e 1985 a zona norte tinha sofrido 13 cheias entre pequenas e grandes. Para ele, as cheias eram uma questão política e não de força maior. Por isso, nos primeiros cinco anos de suas atividades na região, além de criar as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), ofereceu ao povo formação na linha religiosa e social, traço forte da metodologia da Teologia da Libertação.

A naturalização de situações corriqueiras em nossas vidas é própria do ser humano, principalmente quando se vive na periferia ou em localidades que não são referência para aqueles que detêm o poder. No caso da Zona Norte de São Leopoldo, a pobreza, as cheias, a falta de estrutura básica de saneamento, água, luz, esgoto, falta de creches e escolas nunca atingiram os grandes ícones do poder.

O Pe. Orestes se apropriava da metodologia libertadora da Igreja popular: ver, julgar e agir e, em Assembleias Paroquiais, questionava os membros sobre a naturalização das faltas. As cheias, a fome, a falta de creches, educação eram um

problema natural (Deus?) ou um problema político do povo (indivíduo e estado?). A resposta era unânime. O problema era do político do povo. Então, o Pe. Orestes, preocupado com o povo humilde, trabalhador e sofrido desta região da cidade, assumiu o papel de formador, organizando e influenciando muitos membros que compunham as comunidades, iniciando desta forma um processo de formação nas comunidades.

Este processo acontecia a partir das leituras bíblicas, confrontando com a realidade do dia a dia. Encontramos nos registros analisados os nomes de muitas pessoas envolvidas com as comunidades. Pedimos para alguns testemunharem sobre sua vivência neste processo, ocasião em que confirmamos uma das nossas hipóteses. Sim. A figura do Pe. Orestes influenciou na formação de lideranças, políticas, sociais e religiosas destas pessoas.

Além de considerar os aspectos da realidade local onde Stragliotto se inseriu, foi importante compreender o histórico pessoal dele, que carregou consigo uma série de opções metodológicas, frutos de um cenário maior, como no caso das transformações vivenciadas por toda a Igreja latino-americana no período que antecede sua vinda para São Leopoldo.

A rede de relações com teólogos, sociólogos, bispos e o que Stragliotto chamava de amigos europeus estabelecidas foram de suma importância para viabilizar as ações, tanto no âmbito formativo dos agentes sociais e pastorais quanto no âmbito da articulação social (projetos sociais), política (mobilizações), pois estas relações possibilitaram o apoio formativo em cursos permanentes para as lideranças e o apoio financeiro para construção de comunidades e a execuções de projetos.

O Movimento Social Pró-Dique marcou a vida e a história da cidade de São Leopoldo, do seu surgimento até os dias de hoje, por vários motivos. O primeiro deles faz referência à religião, ou seja, a ideia de que a religião não tem que se intrometer em assuntos sociais relacionados à vida do povo é superada, pois foi de dentro da Igreja que surgiu o Movimento Social Pró-Dique. Um segundo aspecto é a visão de organização do movimento, uma vez que percebemos nas análises que o objetivo final era a construção do dique e, por consequência, a retenção das águas, mas, para alcançar estes objetivos, era preciso ter o apoio da sociedade, dos meios de comunicação, da opinião pública e da política, sem perder a verdadeira essência do movimento que era o protagonismo do povo. Um terceiro motivo foi a visibilidade que este Movimento Social deu aos atores sociais que estavam à sua frente. Entre eles,

Ary Vanazzi, coordenador do Movimento Social Pró-Dique. Logo depois da construção do dique, Vanazzi eleito vereador pelo Partido dos Trabalhadores. Anos depois, elegeu-se a deputado estadual, chegando ao cargo de prefeito a cidade. Porém, a maior contribuição que este Movimento deu à cidade de São Leopoldo foi à conquista de uma vida melhor para os moradores da zona norte.

Os projetos sociais relacionados ao cuidado das crianças e adolescentes foram uma das prioridades das assembleias e deixaram uma contribuição na assistência e na proteção das crianças e dos adolescentes até hoje com o CECAM e a Associação dos Meninos e Meninas do Progresso (AMMEP). Neste projeto destacamos o ator social Fábio Bernardes que hoje está à frente desta organização de assistência ao menor e que fez parte das fundações dos projetos, pavilhões, barracões e CECAM Santa Marta apresentados nesta pesquisa.

Pesquisar sobre a *práxis* de Orestes Stragliotto abriu as perspectivas de outros olhares sobre a história de São Leopoldo, pelo viés dos Novos Movimentos Sociais ocorridos nas décadas de 1980 e 1990. Ao apresentarmos os movimentos de reivindicação social no capítulo quatro, evidenciamos a importância da ação organizada e articulada para a transformação da realidade.

Concluo esta pesquisa sobre a *práxis* social do Pe. Orestes e sua influência sobre as mobilizações sociais com a audácia de afirmar que, dentro da sociedade são-leopoldense existem muitas histórias que não foram contadas e reconhecidas. Conhecer estas histórias e tentar estabelecer outra história, não a São Leopoldo da colonização alemã, mas a São Leopoldo que foi construída a partir da periferia, pode levar-nos a compreender e, quem sabe, a ter a ousadia de afirmar que a virada histórica na política desta cidade, de um governo que desde a sua colonização foi voltado para os interesses de uma minoria burguesa, tradicional e do centro. A virada se deu a partir das ações iniciadas por atores envolvidos neste processo, levando a prefeito de São Leopoldo o senhor Ary Vanazzi, um dos principais atores sociais do Movimento Social Pró-Dique.

Perguntamos ao Sr. Ary Vanazzi: Qual a influência da *práxis* social do Pe. Orestes e o que você traz de sua caminhada nas comunidades para a administração de São Leopoldo?

Então, eu tenho muitas lembranças de muitas coisas importantes. 80% do que eu sou hoje, é por causa do Pe. Orestes, porque ele me deu segurança, me ajudou, me orientou. [...] A minha gestão aqui tinha muito desta prática.

Na minha primeira gestão todos os atores do orçamento participativo era gente da igreja. Todas as redes sociais que nós construímos na prefeitura e os quadros políticos da prefeitura 40, 50% era da igreja. Por que era essa a nossa relação política e social. Levamos para dentro da prefeitura a política das mulheres, dos negros, da assistência social. Tudo isso foi colocado em pauta levando em consideração a história das lutas pelo Brasil. (Entrevista Ary Vanazzi).

Interessante notar que os atores sociais que apareceram nesta pesquisa e outros que não mencionamos fizeram parte do quadro administrativo do PT nas duas gestões em que o PT esteve à frente da administração em São Leopoldo.

Qual história contará a teus filhos? Dos vencedores ou dos vencidos? A periferia pode gerar história? A representação simbólica, neste caso, a colonização alemã, ainda é a história a dos vencedores de São Leopoldo.

Para narrar esta pesquisa encontrei, entre as 285 páginas dos três livros Tombo da Paróquia do Rio dos Sinos, 145 páginas de relatos escritos a punho pelo Pe. Orestes com narrações que falavam destas mobilizações.⁹⁹ Também tive acesso a fotos cedidas por moradores e ao arquivo da Paróquia do Rio dos Sinos que ilustraram as cheias sofridas por esta região, a paralisação da BR 116, em 31 de maio de 1987 e 850 fotos ilustrando vários acontecimentos deste período, além do material cedido pela Fraternidade Apostólica da Boa Nova.

Por meio de fontes documentais e depoimentos orais, procuramos delinear um fenômeno de organização popular, comunitária, de orientação religiosa, que entendemos ser significativo na história dos Novos Movimentos Sociais, marcados pela fé católica renovada a partir do Concílio Vaticano II e, especialmente, pela opção evangélica preferencial pelos pobres estabelecida pela Conferência de Medellín.

Sinto-me envolvido em um projeto pastoral que ultrapassa pessoalmente e que é também maior que a Paróquia do Rio dos Sinos. Vivo intensamente essa experiência, convencido de que é isto que Deus quer de mim nesta hora! Preciso demonstrar que é possível mudar a pastoral, a Igreja, a paróquia, no Espírito do Vaticano II, na linha de Medellín e Puebla! Mesmo que isso exija muito tempo e esforços incríveis. Só quem se apaixona por este tipo de trabalho sabe qual o preço que se paga e qual o “sabor” que tem a Cruz de Cristo. (Pe. Orestes. Livro Tombo II, 1987).

⁹⁹ Ver Anexo XIX – Imagem do acervo pesquisado.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. **As Teorias dos Movimentos Sociais: um balanço do debate**. In: Lua Nova, Núm. 76, 2009, pp. 49-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452009000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 maio 2014.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George & ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOFF, Leonardo. Que é ser um intelectual e um pensador cristão hoje? In: **E a Igreja se fez povo. Eclesiogênese: A Igreja se fez povo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.p180-194.
- BOFF, Leonardo, BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. **Teologia da Libertação no Debate Atual**, Vozes, Petrópolis, 1985
- BOFF, Clodovis. **A Originalidade Histórica de Medellín**. ([1999]) Disponível em <<http://www.sedos.org/spanish/boff.html>>. Acesso em: 4 Jan. 2014.
- BOFF, Clodovis. BOFF, Leonardo. **Da Libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas**. Petrópolis. Vozes, 1985.
- CECA. **Memória da Caminhada: Entrevista com Pe Orestes João Stragliotto**. São Leopoldo, CECA, 1989.
- CALDERÓN, Fernando e JELIN, Elizabeth. **Classes sociais e Movimentos Sociais na América Latina: perspectiva e realidade**. RBCS 5, out. 1987, p. 67-85.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História. 2**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. Fazer História & A operação historiográfica. In: **A Escrita da História. 2**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DIAS, reginaldo bendito. **Da esquerda católica à esquerda revolucionária: a Ação Popular na história do catolicismo**. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. P.166-195, 2008.
- DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: Movimentos Sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.

FOLLMANN, José Ivo. Igreja, Ideologia e Classes Sociais. Vozes, Petrópolis, 1985

GADEA, Carlos A. A Crítica Pós Modernas e os Movimentos Sociais. In: Aécio Amaral Jr. e Joanildo A. Burity (Org.). **Inclusão Social Identidade e Diferença: Perspectivas Pós-Estruturalistas de Análise Social**. São Paulo: Annablume Editora, 2006

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

GIBELLINE, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Trad.: João Paixão Netto. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civis no Brasil Contemporâneo**. Vozes, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectiva**. São Paulo: Loyola 2000.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas E Uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). (Re) **Introduzindo História Oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1.996.

LIBÂNIO, J.B. *Teologia da Libertação. Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 49-102

FABN, Edinho. **Homilia do primeiro dia Cerco de Jericó em preparação à Ordenação Presbiteral do Diácono Éverton Lopes de Souza. Inauguração do Memorial das enchentes**. Paróquia São Jorge, Bairro Campina-São Leopoldo em 10/12/2011.

FERREIRA, José Silon. **Padre Orestes Stragliotto e a formação do movimento social Pró-Dique em São Leopoldo**. Monografia de conclusão curso Ciências Sociais – UNISINOS, 2011(No Prelo)

LACLAU, Ernesto. Os novos Movimentos Sociais e a pluralidade do social. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.º 2, vol. 1, out., 1986.

LIBÂNIO, J.B (SJ). Teologia no Brasil: reflexões crítico-metodológicas. **Perspectiva Teológica/Revista semestral da Faculdade de Teologia Cristo Rei**. PT 9, n. 17, p. 27-79, 1977.

LISOVSKY, Maurício. **A fotografia como documento histórico**. In: **Fotografia**. Ciclo de Palestras sobre fotografias. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

LÖWY, Michael, **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez, 1991.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do EU**. A mudança de si em uma sociedade global. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2004.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: Movimentos Sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEROS, Roberto. **Liberación y Teología**. Génesis y crecimiento de una reflexión 1966-1976. Peru: Centro de Estudios e Publicaciones (CEP), 2. ed., 1980.

SBARDELOTTO, Moisés. **O imaginário popular ajudou a construir a ideia “Medellín-Puebla”**, afirma João Batista Libânio. Instituto Humanistas UNISINOS. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/15164-o-imaginario-popular-ajudou-a-construir-a-ideia-medellin-puebla-afirma-joao-batista-libanio>>. Acesso em: 3 jun. 2012.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1996.

STRAGLIOTTO, Orestes João. **Memorandum Expedido por Orestes João Stragliotto a Dom Osvino Both**. Acervo da Fraternidade Apostólica da Boa Nova, São Leopoldo, 2002.

STRAGLIOTTO, Orestes. **Livro Tombo da Paróquia Santo Inácio**. Bairro Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1987.

SIMMEL, Georg: **Sociologia**. Evaristo De Moraes Filho (org.). Tradução: Evaristo De Moraes Filho et al. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **O Estrangeiro**. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). George SIMMEL: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais)

STUART, Hall. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOURAINÉ, Alain. Os Movimentos Sociais. In: FORACCHI; MARTINS, **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 335 a 365.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

YIN, Roberto K. **Estudo de casos e planejamento e métodos**. Robert K.YIN; tradução Ana Thorel. 4. Porto Alegre: Bookmann, 2010.

ANEXOS

ANEXO I – Notícia veiculada no jornal VS, abril de 1984 falando sobre a miséria em São Leopoldo

Secretária avalia que 20% vivem na miséria

Um quinto dos leopoldenses estaria no Mapa da Fome, que aponta 32 milhões de brasileiros sem condições de adquirir a cesta básica

São Leopoldo - O estudo desenvolvido no ano passado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (Ipea), apelidado de "Mapa da Fome", apurou, com base em dados de 1990, um total de 32 milhões de brasileiros com renda insuficiente para aquisição de uma cesta básica adequada. A partir de estatísticas do mesmo ano, o Banco Mundial (Bird) calculou em 24 milhões as pessoas situadas abaixo da linha de pobreza. Em São Leopoldo, a análise da secretária Municipal da Ação Social, Brunilda Leichtweis, é de que hoje aproximadamente 20% dos habitantes da cidade se encontram nesta situação.

Os motivos que levam a esses extremos, na opinião da secretária, estão ligados a desemprego, falta de preparo profissional e o grande número de filhos por família. Brunilda observou também que é difícil destacar a região onde se localizam as áreas mais pobres. "Pelos quatro cantos da cidade existem vilas carentes", ressaltou, mas acabou enumerando algumas da Zona Norte como a Mauá, a Santa Marta, a Antônio Leite e a Brás. Entre as iniciativas destacadas, por Brunilda para combater a



Pelos quatro cantos da cidade há vilas carentes, diz a secretária

miséria está o "Mutirão Tudo Limpo", um projeto nascido da parceria entre clubes de serviços, Unisinos e Prefeitura. O

mutirão cadastra trabalhadores desempregados na limpeza pública e, ao final da semana, na sexta-feira, quem trabalhou recebe um

rancho.

MENINOS E MENINAS

- Em famílias que vivem em vilas carentes, abaixo da li-

nha de pobreza e com um número de filhos elevado, as crianças acabam sendo as maiores prejudicadas. Perfil de meninos e meninas de

rua traçado, através de uma pesquisa do Programa de Apoio a Meninos e Meninas (Proame), revela que 53% dessas crianças cuidam de carros, 25% se prostituem, 25% engraxam sapatos e 22% circulam. Já os meninos "na rua", um grupo diferente dos meninos "de rua", pois ainda têm ligação com familiares, registram 65% cuidando de carros, 15% na prostituição, 15% engraxando sapatos e 20% circulando.

O educador de rua do Proame, José Adair Santos da Silva, informou ainda, através deste estudo feito entre setembro e março de 96, que é comum a presença de crianças com idades entre três e quatro anos nas ruas. As jornadas feitas são de até dez horas, o que traz como consequência o abandono da escola. Os analfabetos chegam a 60%. Eles desempenham tarefas que não querem e precisam contribuir nas despesas da casa como pagamento de contas de luz e leite dos sobrinhos. Em outros casos, são os responsáveis por todo o sustento da família. As respostas foram colhidas junto a 40 meninos "de rua" e 70 meninas "na rua" com idades entre 12 e 13 anos. (Simone Schmidt)

ANEXO II – Fotos de 1954 dos seminaristas josefinos entre eles Stragliotto



João Orestes Stragliotto

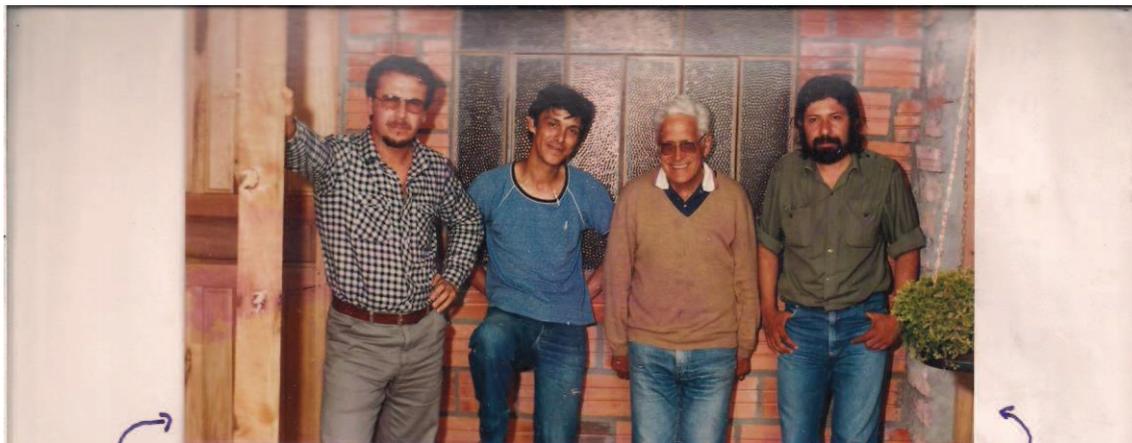


ANEXO III – Ordenação Pe. Orestes



ANEXO IV – Missionários e missionárias do COM, CECREI e CECA

ANEXO V – Fraternidade do Evangelho



ASSIS (S.E.), CARLOS, ARTURO (S.E.), ALBERTO,
 A COMUNIDADE ESTÁVEL DE 1985, NO CENTRO DO PRECURSOR.
 HA' ESPAÇO PARA ACOHER OUTRAS PESSOAS OU
 PEQUENOS GRUPOS QUE DESEJAM PASSAR UM TEMPO
 NO CENTRO, TRABALHANDO, REZANDO, REFLETINDO
 OU CONVIVENDO... CADA UM TEM SEU COMPROMISSO
 PROFISSIONAL. //

O AMIGO VITTÓRIO
 COMMUNELLO DE ROSA'
 (ITALIA), COM OUTROS
 MEMBROS DA FRATER-
 NIDADE, NA CASA DO ORESTES:

ASSIS LIMA
 ILDO BOHN GASS
 Pe. LUIZ HERON SCHERER
 Pe. ORESTES JOÃO STRAGLIOTTO
 Pe. RAMIRO MINCATO
 DIÁC. ROQUE ANTÔNIO KLEIN.



*
 A SOCIEDADE
 DO EVANGELHO
 FOI RECONHECIDA
 COMO PIA UNIÃO
 DE DIREITO DIO-
 CESANO NO DIA
 18/4-1983
 POR D. SINÉSIO B.
 BISPO DIOCESANO
 - DE N.H. -

Leopoldo — RS — Brasil

ANEXO VI – Enchentes de 1983



ANEXO VII – Comunidades vila Elza, Bom Fim e Novo Sinos





COMUNIDADE

N. SRA. APARECIDA

VILA ELZA

VILA ELZA FOI A ÚLTIMA ÁREA A SER ATINGIDA PELA PARÓQUIA! COMEÇOU-SE COM AS NOVENAS DE NATAL DE 1983 e P. F. DE 1984.



AS MISSAS, NO INÍCIO FORAM CELEBRADAS NA "GARAGE" DE D. ALICE, ONDE FOI NASCENDO A COMUNIDADE



→
EM FEVEREIRO DE 1985 FOI COMPRADO UM TERRENO DE 30m x 30m, NA BASE DAS ORTAS... e EM ABRIL FOI PLANTADA A CRUZ... SINAL DE POSSE



COMUNIDADE
N. Sr. DO BOMFIM
 SANTOS DUMONT.



UM PEQUENO BAIRRO,
 COM POVO POBRE E REMEDIADO.
 EM 1983 HAVIA GRUPOS DE
 NOVENA. EM 1984 CONSE-
 QUIV-SE O USO DE UMA
 CASA DO PREFEITO WAL-
 DIR SCHMIT. AGORA AI
 ESTA A CAPELA DO

SENHOR DO BOMFIM

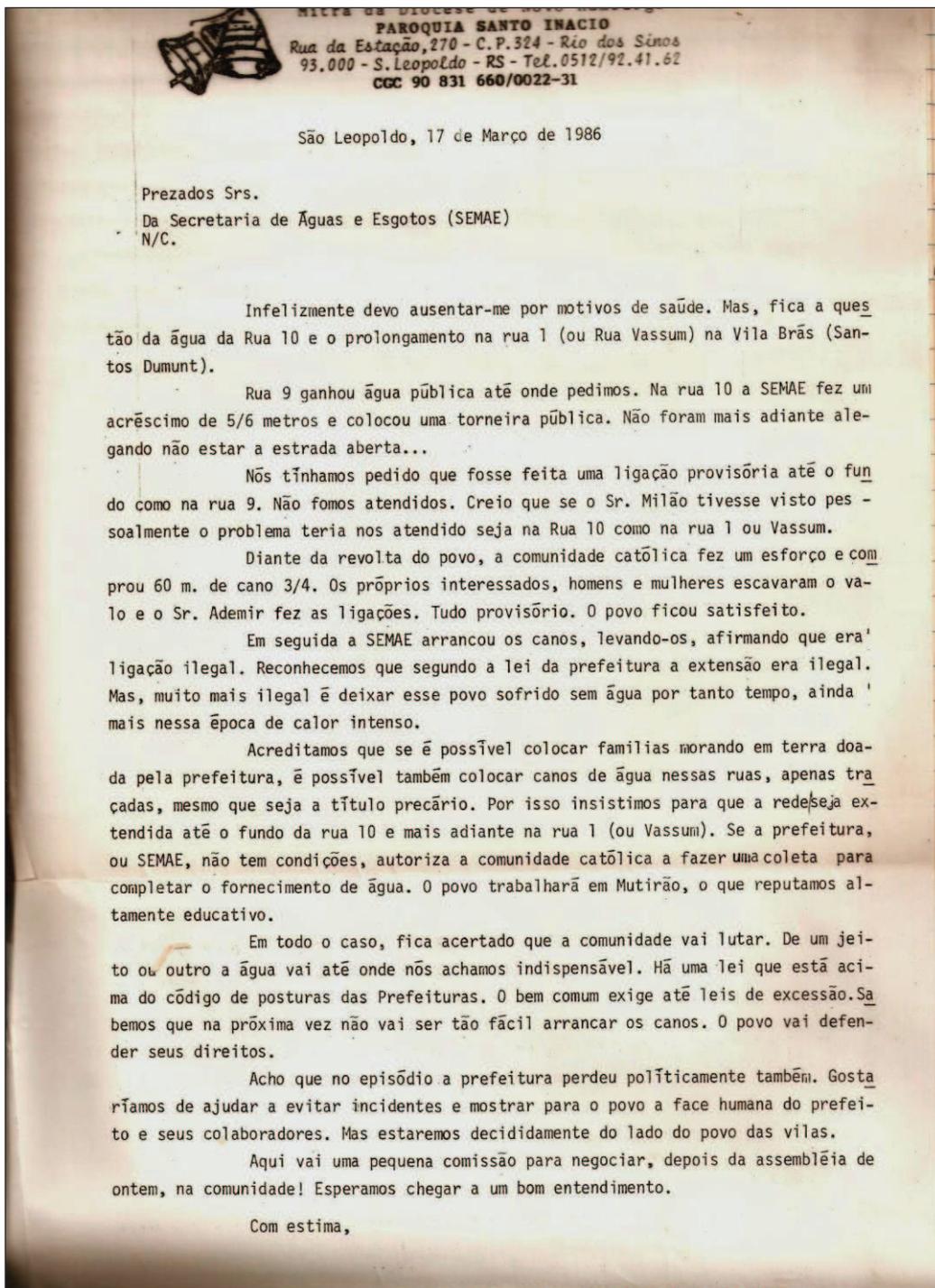
ONDE SE FAZEM TODAS AS
 ATIVIDADES DE QUALQUER
 CENTRO COMUNITARIO

← A CRUZ DA SEMANA SAN-
 TA E TAMBEM SINAL DE
 POSSE!

O CENTRO
 VISTO
 DE FRENTE



ANEXO VIII – Carta Enviada para Prefeitura pelo Pe. Orestes



ANEXO IX – Cartaz convidando as comunidades em apoio ao MST

Rua da Estação, 170 - C. P. 324 - Rio dos Sinos
 93.000 - S. Leopoldo - RS - Tel. 0512/92.41.62
 CCC 90 831 660/0022-31

18/7-1986

A PARÓQUIA E A DIOCESE CONVIDAM P/

A GRANDE CONCENTRAÇÃO
DOMINGO 27 DE JULHO 86
 EM PORTO ALEGRE
 A PARTIR DAS 9h ATÉ AS 17h. EM APOIO
A' REFORMA AGRÁRIA NO RS.

NA FRENTE DA SEDE DO INCRA.

É MAIS UMA MOBILIZAÇÃO DOS CRISTÃOS DO RS
 EM APOIO AOS COLONOS SEM-TERRA, COM O
 PATROCÍNIO DAS IGREJAS E DOS BISPOS DO
 ESTADO! "A REFORMA AGRÁRIA NÃO
PODE FRACASSAR!" (JOÃO PAULO II).

HAVERÁ ÔNIBUS ESPECIAIS OU PASSAGEM
 PARA OS ÔNIBUS DE LINHA! QUEM PUDER
 PAGA 10,00 C\$!! LEVAR LANCHE!!

AS COMUNIDADES SE ORGANIZEM E DA-
 REMOS COBERTURA. FAZER INSCRIÇÕES!!
APELO PARA MAIS ESTE ESFORÇO.

Pe. Onestey J. Fragnotto

ANEXO X – Grupo de teólogos latino-americanos



Anexo XI – Projeto pavilhão

Onde deixar as crianças de 0 a 6 anos, quando os pais saem cedo para trabalhar e só voltam a tardinha? Esta preocupação transformou-se em luta! Afinal não basta lamentar, porque não resolve. Por isso algumas mulheres, com apoio da paróquia, sentaram-se para conversar sobre o problema. O Pessoal logo pensou na "creche". Mas, ela cairá do céu? Vamos esperar sentados para que o governo, ou, as indústrias façam? (Embora, deveriam, pois, é direito das mães trabalhadoras) Já esperamos muito tempo e não resolveu. Então... mãos a obra!

O grupo de mulheres começou a sentar-se e a trocar idéias sobre o problema. Uma, duas... sete vezes já se reuniram. Uma ou duas vezes em cada comunidade. Nestas reuniões o grupo viu:

1º - O que é necessário para construir uma creche: material, lugar, pessoas para trabalhar, etc.

2º - Levantamento do número de crianças, e destas, quantas necessitam da creche. Imaginem só! Há mais ou menos 450 crianças (fora as que nasceram nos últimos dias) e destas, 385 necessitam de creche.

3º - Nos reunimos com COMLEO (Conselho do Menor Leopoldense). É uma entidade que tem apoio de várias entidades, entre elas: a prefeitura e a Igreja. Aí estamos recebendo muito apoio da Sra. Clélia e da Rejane, ambas assistentes sociais da SENSAB.

4º - IMPORTANTE: o nome não pode ser creche, e sim: PROJETO PAVILHÃO (devido a reprimbas jurídicas e burocráticas).

5º - MAIS IMPORTANTE AINDA: Não terão direito ao projeto pavilhão as pessoas que não participarem da luta pelo "PROJETO PAVILHÃO". Não adianta chorar depois. Terão mesmo que deixar os filhos com a vizinha, com a comadre ou com a vovó. Falando nisto, a próxima reunião será dia 15 de julho às 15 horas, no Centro Comunitário São Judas Tadeu - Vila Brasília.

QUEM ACOLHE O MENOR, AMIM ACOLHE, disse Jesus.

Sua participação começa agora, por isso, responda a estas perguntas: (pode responder no verso desta folha)

- 1- Você realmente, acha importante o "PROJETO PAVILHÃO"? POR QUE?
- 2- Que tipo de participação você e seu grupo comunitário podem dar ao PROJETO PAVILHÃO? Se ainda não está participando diga por que?

COMITÊS DA VILA ELZA DA
VILA BERGER E DA VILA BRASÍLIA.

ANEXO XII – Carta de apoio a greve dos professores

Carta de nossas comunidades Cristãs em apoio à greve dos professores

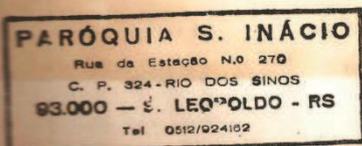
A exemplo de Jesus Cristo, seguindo suas palavras e seus atos, repudiamos qualquer forma de injustiça, opressão e fechamento do poder público ao povo. Por isso nós das comunidades Cristãs da paróquia Rio dos Sinos, manifestamos nossa indignação perante as atitudes do governo do estado do Rio Grande do Sul com os professores das escolas públicas estaduais e os apoiamos em suas justas reivindicações.

Sabemos que os professores não estão pedindo aumento salarial, mas apenas o cumprimento da lei 8026, já assinada, e que o governador Pedro Simon prometeu respeitá-la em campanha eleitoral, mas que agora não quer mais cumpri-la. Esta lei garante 2.5 salários mínimos ao professor(a). Isto ainda é muito pouco a um profissional da educação.

Entendemos que um professor(a), que ganha menos de 2.5 salários não terá condições de dar uma educação digna, entusiasmada e cheia de esperança aos nossos filhos. Por isso a causa do magistério é a causa do povo. Não nos iludimos com o que o governador já afirmou, quando disse, que já está pagando os 2.5 salários, pois ele baseou-se em salários já superados

Entendemos que as aulas ainda não recomeçaram, não por culpa dos professores, mas por culpa do governo estadual que se mostra intransigente e insiste em não dialogar com os professores. Por isso nosso total apoio aos professores.

São Leopoldo, julho de 1987.



E. Luiz Glendon Schen
Vinício Van mil
Geo Zissqui
H. Orestes J. Hoffmann

ANEXO XIII – Documento que relata os lembretes para a 2ª Assembleia das comunidades

150 *ex*

Mitra da Diocese de Novo Hamburgo
 PAROQUIA SANTO INACIO
 Rua da Estação, 270 - C.P. 324 - Rio dos Sinos
 93.000 - S. Leopoldo - RS - Tel. 0512/92.41.62
 CGC 90 831 660/0022-31

S. Leopoldo, 28/9-87.

LEMBRETES PARA A
- 2ª ASSEMBLEIA DAS COMUNIDADES -
= DOMINGO 11 de OUTUBRO/1987. =

- 1) Lembrar que a 1ª assembleia foi dia 22/9-1985, com a participação de 110 pessoas. - DEFINIRAM-SE AS PRIORIDADES que tentamos aplicar nos últimos 2 anos
- 2) Dar-se conta que já fizemos uma longa caminhada em 2 anos e nossas responsabilidades aumentaram!!
- 3) Em princípio, todas as comunidades deveriam ter feito a sua ASSEMBLEIA até o domingo 27/9! Mas, algumas só irão terminar os trabalhos até dia 3/10 p.v. -
- 4) Entregar os RELATÓRIOS até domingo dia 4/10, ao Inácio, Ivó, Sr. Quêtes. ou Helena (Rio dos Sinos). O mais tardar até 2ª feira, dia 5/10. -
- 5) Escolher 12 representantes por comunidade, como mínimo! Quem nos indicar os representantes, tem um dia ainda para fazê-lo! Parte da Diretoria DEVE participar! Mais os Ministros - coordenadores da Pastoral mais o pessoal da catequese, jovens, creches, fóruns, clubes de mães, portulcos, pré-dique, etc. - Se necessário podem participar mais de 12 delegados!
- 6) A chegada é prevista para as 8hs. E a saída para as 17hs. Almoço no local, partilhadas as despesas entre as comunidades. - AS COMUNIDADES MAIS DISTANTES COMBINAR TRANSPORTE COM IVO e INACIO. -
- 7) Suspender o culto/celebração na Mitra na Vila Brasil, no Campesinato, no Parque Mauá, avisando BEM, no próximo fim de semana. Colocar CARTAZ explicando a razão!!

ANEXO XIV – Informativo bairro Novo Sinos de agosto de 1986

INFORMATIVO**BAIRRO NOVO
SINOS ano I agt. 86**Mapa da
ComunidadeNovo
Sinos

...os muito tempo estamos publican-
do mais um informativo da nossa comu-
nidade do Bairro Novo Sinos.

A demora para sair outro numero é
triste dizer mas é verdade, pois não
tem uma participação muito grande na
comunidade, e fica difícil fazer tu-
o que é preciso, com poucas pessoas
participando.

Você é CRISTÃO? Você acredita em
DEUS? sua luta para sobreviver além
de trabalhar muito não se dá porque
tem FÉ?

Nós acreditamos que uma pessoa
que não tenha estas preocupações, po-
de ter tudo, mas não é suficiente.

A comunidade que a gente vive -
pode parecer estranho, mas na reali-
dade é a família da gente, tudo o -
que acontece de errado ou dificulda-
des a gente recorre ao vizin-o mais
proximo.

Venha participar com a gente,
não precisa só resar, venha conver-
sar, dizer alguma coisa, pois tudo
o que falamos é importante.

ELEIÇÕES

No próximo dia 3 de AGOSTO 1986

estara acontecendo no centro comuni-
tário a escolha da nova diretoria da
comunidade.

Está escolha será de forma dire-
ta, já que não podemos escolher, T
presidente ou outros representantes
podemos escolher nossa diretoria, e
com isso aprendemos a conquistar nos-
so espaço nas e-eições.

A diretoria que está na comuni-
dade, já faz três anos, e é importan-
te que cada periodo, seja mudada e
assim mais gente vai aprendendo, e
contribuindo para o crescimento do
que é nosso e será de nossos filhos
Este CENTRO COMUNITÁRIO que foi con-
truido, é para que nós possamos usar
e com isso facilitar nossos encon-
tros.

Nome das pessoas que estão sen-
do sugeridas para a nova diretoria.
Presidente: MAURO JOSÉ DORNELES
V. Presidente: MURIALDO MENEÇAS
Tesoureiro: AMARO NACIMENTO GOMES
V. Tesoureiro: ROVANI CHAVES GIRARDI
Secretária: ELSI VANZELLA
V. Secretária: MARILUCI BORELA

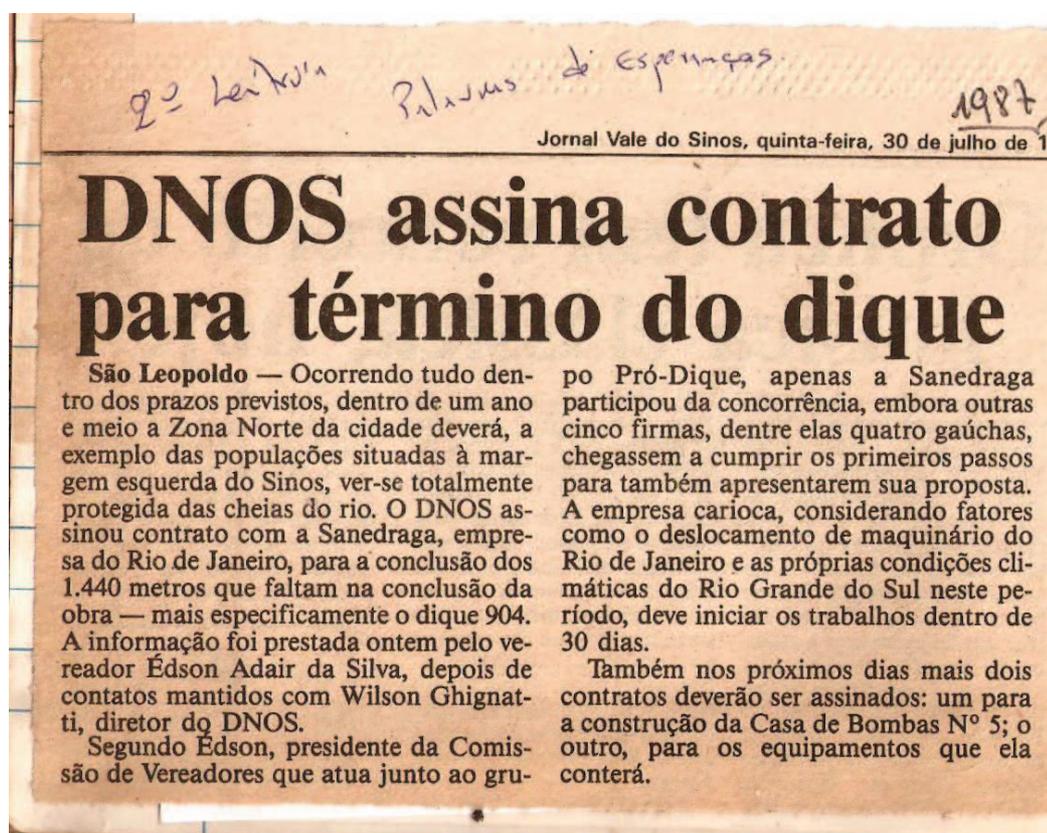
CONSELHO FISCAL:

ILARIA VARGAS
JOÃO CARLOS S. MANDONSA
SERGIO HORST DA SILVA
DILCEU MACHADO SOARES
LUIZ CARLOS BORELA
JOSÉ CORREIA.

DIQUE

No último dia trinta de Ju-
lho esteve presente na nossa!

ANEXO XV – Recorte do jornal Vale dos Sinos de 30 de julho de 1987



ANEXO XVI – História do Projeto Pavoniano na comunidade São Jorge

2

RAÍZES DE NÓS

Encarte Especial

O que você vai ler agora é uma estória dos Núcleos. Mas porque uma estória? Já dizia Rubem Alves que as estórias tem o poder de transfigurar o cotidiano. É isso que a professora Nadir, a primeira educadora dos Núcleos, nos conta agora:

A história sem fim...

Prof^a Nadir Maria da Silva

Era uma vez um padre, que veio lá da Itália, e teve em suas mãos a responsabilidade da direção de um semi-internato, chamado Centro Medianeira, que já era conhecido pelos bons trabalhos e a preocupação com crianças empobrecidas.

Mesmo desenvolvendo muito bem suas funções, ele, nas visitas que fazia na periferia da cidade, ficava entristecido ao se deparar com um grande número de crianças fora da escola. E pensava: Se o Centro Medianeira existe para atender essas crianças, porque elas ainda estão por aí?

Analisava, agora mais com a cabeça do que com o coração e concluía: a instituição não teria como atender a todos.

E mergulhado nos pensamentos; alisava sua barba, coçava sua careca, tirava e botava os óculos...

Então, mais uma vez, o Divino o iluminou e o padre que se chamava Mário Borghi, procurou um colega, chamado padre Orestes, da Vila Campina, que cedeu o espaço para atender essas crianças que estavam fora da escola. Quem seriam elas? Seriam os carentes economicamente, carentes de auto-estima, carentes de religião, carentes de educação, carentes de amor, de fé e socialização. Bem, o espaço estava garantido, a clientela chegaria com certeza, mas faltava a pessoa, para junto com ele começar a realizar um sonho ou quem sabe, um pesadelo.

Então procurou a professora Lourdes, que procurou a professora Sidônia, que procurou a professora Nadir.

Assim, em março de 1986, nascia o Núcleo Pavoni, da Vila Campina.

Pavoni, em homenagem ao fundador da congregação Pavoniana: Ludovico Pavoni.

Os objetivos eram certos, mas a metodologia um pouco confusa.

Dias, semanas, meses e anos, passaram... muitas pedras foram encontradas e se não retiradas, ao menos foram colocadas ao lado. Porém, em outras partes da cidade ainda continuavam crianças sem escolas, crianças como as da Vila Campina: fora da idade escolar, excluídos de escolas e às vezes também da família, então novamente iluminado, padre Mário conseguiu espaço na Feitoria e surgiu o Nú-

cleo, em 1990, com a professora Meiri. E o trabalho ia ganhando forças, as comunidades já apoiavam e se davam conta do que estava acontecendo "nos fundos das igrejas", onde funcionavam os Núcleos. E as manifestações iam chegando...

Padre Mário foi embora e veio o padre André. Com ele, surgiu o Núcleo da Vicentina em 1993, iniciando também com a professora Meiri.

Nestes 10 anos de luta, não seria possível descrever todos os sucessos, as vitórias e as derrotas, nem nomear todas as pessoas que de uma maneira ou de outra passa-

ram pelos Núcleos e ajudaram a construir este caminho. Só se sabe que essas pessoas foram muitas e deixaram suas marcas.

Na continuação, padre André foi embora e padre Grazianno deu continuidade ao Núcleo, abrindo o da Vila Progresso, com a professora Lourdes e a professora Janete, em 1996.

Como vocês vêem, realmente é uma história sem fim, pois continuamos sempre a procura de novos caminhos que venham a fortalecer e atender os

escolhidos de Deus que são os pobres, em especial, as crianças.

E a evolução aconteceu, como exemplo: o grande número de voluntárias que hoje temos nos Núcleos (esta era uma parte que faltava para nossa história ficar mais completa). A verdade é que o fim dela, está nas mãos de cada uma dessas pessoas, pois o que fazem hoje, com muito prazer, deixa o nosso trabalho menos pesado... no início, limpar banheiros, fazer merenda e dar aula, era tudo com as educadoras!

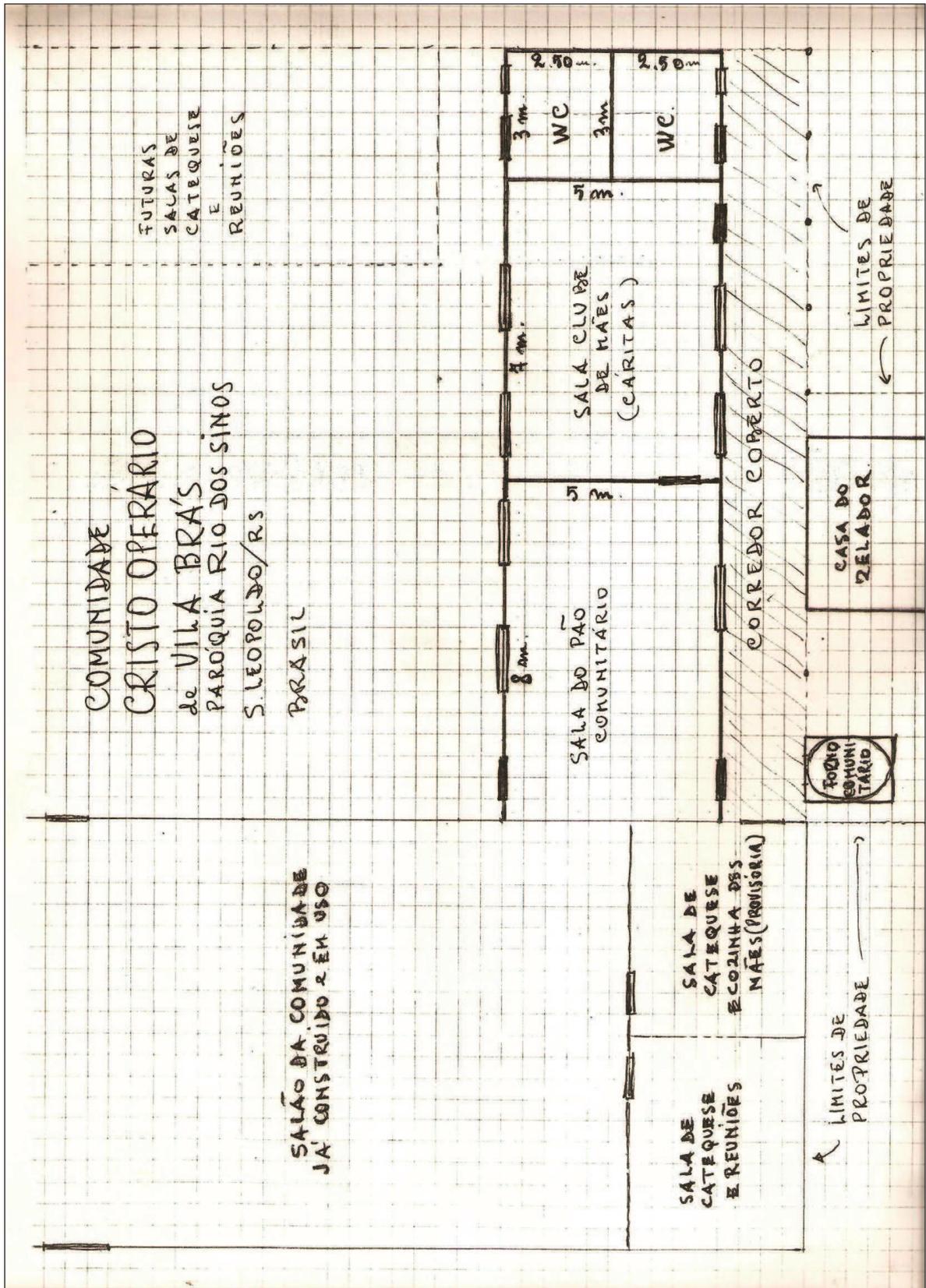
Hoje, podemos dividir essas tarefas, que para nós não são demais, mas nos dão a certeza, que além das crianças, de nós educadores, voluntárias e todos os que contribuem para continuidade dos Núcleos, também são os preferidos de Deus.

Aos educadores que não iniciaram os Núcleos, mas que foram chegando, abraçando este sonho e permanecem conosco este ano, vai um recado: Suzana, Raimundo, Lisiani, Daniel, Jurema, Lídia e a todas as voluntárias: pensem e repensem, esta história está em suas mãos, na sua mente e no seu coração... Vamos juntos continuar simples-



Primeiro prédio do Núcleo da Vila Campina, em 1986, e um dos primeiros alunos.

ANEXO XVII – Planta baixa da comunidade Cristo Operário desenhada a mão pelo Pe. Orestes



ANEXO XVIII – Projeto de ajuda financeira para amigos italianos

ESTENSIONE DELL'INIZIATIVA DEL PRIMO PROGETTO "PASTORALE DELLA DONNA POVERA" NELLA PERIFERIA DEL "RIO DOS SINOS" SAN LEOPOLDO-RIO GRANDE DO SUL

1 - INTRODUZIONE: Nota storica:

La parrocchia del Rio dos Sinos (Fiume delle campane) è situata nella zona nord della città di San Leopoldo che è attraversata dal Rio dos Sinos, la città ha circa 150.000 abitanti e la sua popolazione si è triplicata negli ultimi vent'anni a causa della IMIGRAZIONE INTERNA fenomeno che è originato dall'avanzare violento del latifondo anche nel sud del Brasile. La emigrazione accelerata provoca questa crescita delle città e aumentano precipitosamente le periferie, dove si formano innumerevoli "ville" povere.

San Leopoldo fa parte della "Grande Porto Alegre" che già conta tremilioni e mezzo di abitanti con un centro amministrativo formato di 15 municipi che negli ultimi anni crebbero molto. Porto Alegre è la capitale dello STATO.

La parrocchia del Rio dos Sinos in più delle difficoltà comuni, negli ultimi tre anni, è stata colpita da inondazioni, alcune delle quali si riversano particolarmente nella zona nord della città e rendono molto più grave la situazione del nostro popolo. Ora la speranza è riposta nella diga di contenzione che è nella fase di compimento dopo 20 anni di attesa e di sofferenza. Le "ville" (BAIRROS) comprese nella parrocchia sono 11, e formano una specie di mezzaluna di 7 a 8 chilometri, lungo il Rio dos Sinos. Alcuni "bairros" o "ville" sono formate da una immigrazione recente e sono molto povere. In totale costituiscono una popolazione di 22 a 25 mila persone.

2 - INVASIONE DELLE SETTE - La popolazione è in grande maggioranza di origine cattolica, ma l'abbandono in cui è stata lasciata in questi ultimi anni, le difficoltà economiche, l'urto culturale che rappresenta il passaggio dall'ambiente rurale alla città, fa che il popolo sia molto vulnerabile nel dominio della fede.

Normalmente le periferie sono invase da sette con denominazioni e sfumature varie, in gran parte di tinta pentecostale. In ogni "bairro" si trovano tre o quattro chiese pentecostali insistenti e impertinenti che poco a poco conquistano seguaci. Il popolo cattolico non assistito si trasforma in "crente" cioè membro di una qualunque setta.

Tutto questo senza contare l'avanzare molto notevole delle religioni afro-brasiliane e dello Spiritismo. Nella parrocchia esistono già tre centri spiritisti molto forti e una diecina di centri di religioni afro-brasiliane ("Saravá"). Poco a poco si forma un certo sincretismo religioso che porta a deviazioni e all'abbandono della chiesa, e talvolta alla lotta contro la chiesa cattolica.

La soluzione per questo problema è creare CENTRI COMUNITARI in ogni "bairro". Ora abbiamo 11 comunità cattoliche in cambio delle due che esistevano prima, e i cattolici si stanno unendo e le comunità cristiane stanno rinascendo. Dove si forma un Centro Cattolico diminuisce la forza delle sette, dei centri di UMBANDA e anche di SPIRITISMO.

Anexo XVIII – Continuação

I cattolici sono vittime dell'abbandono, della povertà, dell'impatto causato dal cambio di vita e sono facili prede delle sette e di altri gruppi religiosi che esercitano su loro una grande pressione.

3 - LA PASTORALE DELLA DONNA POVERA - Le 11 comunità negli 11 "bairros" cominciano ad attivare i servizi acclesiali: catechesi dei bambini, regolarizzazione dei matrimoni, Catechesi per il battesimo e la Cresima, celebrazione della Parola (culto) e quando è possibile, messa tutte le domeniche; le novene di Natale e di Quaresima, (Campagna della fraternità), assistenza agli infermi assicurata dai ministri della Eucarestia, Catechesi degli adulti per mezzo delle SCUOLE DEL VANGELO ecc. Si convocano assemblee di settore, di comunità, di parrocchia ecc. Però in tutta questa organizzazione da qualche tempo si presentano delle difficoltà. Fra queste si vede che restano fuori i più bisognosi che presentano molta difficoltà per partecipare a queste iniziative. La fame, le malattie, la miseria, l'abbandono, gli stessi tuguri in cui abitano fanno di loro degli esseri subumani.

Per dare un saggio di questo, San Leopoldo con 150.000 abitanti conta 18 mila minori bisognosi. Fra questi 2000 sono totalmente abbandonati e si avviano per il sentiero del delitto e della droga. Questi provengono dalle periferie senza assistenza e per questo cominciamo a privilegiare la PASTORALE DELLA DONNA POVERA. È questa un'espressione in voga nelle periferie della grande Porto Alegre e di tutto il Brasile. E questa preferenza si giustifica per varie cause:

a) È molto difficile raggiungere gli uomini in questo sforzo di assistenza pastorale e materiale. Questi offrono una resistenza alla azione della chiesa e sono già molto abituati a vizi in cui caddero per la disperazione e i fallimenti che si succedettero nella loro vita (Alcol, giuoco etc) inoltre vivono fuori cercando un lavoro o qualunque ripiego per vivere. La donna è più forte e resistente. Non si abbandona facilmente al vizio causa dei figli ed è quasi sempre l'albero maestro che mantiene a galla la nave in mezzo ai marosi.

b) I bambini sono coloro che più soffrono le conseguenze della fame, delle malattie etc. Dietro i bambini sta la madre più che il padre (Dobbiamo aver sempre presenti i 18 mila minorenni miserabili di San Leopoldo).

c) Le donne sono più religiose, e cercano nella ^{fedele} forza per la lotta e anche aiuto materiale per alimentare i figli. Dove esiste speranza di ricevere qualcosa, aiutano le file di donne povere che sperano di ottenere qualcosa.

d) il lavoro con le donne, oltre essere un appoggio alla lotta degli uomini, ha come conseguenza, il miglioramento, il cambio, dentro la famiglia: migliora l'igiene, la alimentazione, l'educazione dei figli ecc.

e) lavorare le donne, organizzandole a partire da loro stesse, alla luce della fede, in cerca di soluzioni per i loro problemi materiali, modifica la vita delle comunità. Le donne povere, che normalmente sono emarginate anche nelle comunità, ricreano le loro comunità con il lavoro solidale, fatto alla luce della Bibbia. Si vede chiaro con l'andare del tempo.

Partendo dai valori delle donne e cercando di organizzarle immediatamente, attraverso loro, si raggiunge il resto, poiché è la donna che fa l'uomo, la casa, e accompagna i bambini.

ANEXO XVIII – Continuação

d) Il Vangelo letto e meditato dai gruppi deve aiutare le persone a intendere le ragioni di una partecipazione giusta illuminata dal principio: "CIASCUNO DA SECONDO LE SUE POSSIBILITÀ E RICEVE SECONDO LE SUE NECESSITÀ".

e) La materia prima: farina, lana, verdure, indumenti, legna ecc. devono essere procurate dalle stesse persone del gruppo "Pane", "confezioni", ecc. Non si dà niente gratuitamente salvo in caso di emergenza.

f) L'esercizio fisico di impastare il pane, cercar legna, cucire, è considerato altamente educativo. Cominciare dalle mani...

g) Tutto si decide in gruppo, nelle assemblee di gruppo e nelle riunioni delle cordinatrici scelte dai gruppi.

h) Ciò che non è accettato dai gruppi, nessuno lo fa al posto degli stessi gruppi, le persone devono essere agenti diretti in qualunque attività.

6 - IL FORNO COMUNITARIO COME INIZIO DEL CAMBIAMENTO DI METODO. Si partì dal forno comunitario per riformulare il Club delle madri di famiglia. Si fecero dei passi in avanti a cominciare dal marzo del 85:

a) Con l'assistenza di una dietista si convocarono nuovamente le madri povere, interessate a un forno comunitario. Con loro si fecero diverse riunioni previe nelle quali tutte avevano il diritto di discutere e prendere decisioni.

b) Si crearono gruppi interessati al pane comunitario. Questi gruppi di cinque persone scelsero un giorno per ogni gruppo di fare il pane e scelsero la cordinatrice di ogni gruppo.

c) Prima attività: cercare la farina. Con il furgoncino al servizio della parrocchia, gruppi scelti dalle donne del forno, si misero alla ricerca di donatori periodici di farina. Ottennero un buon risultato per poter ribassare il costo del pane.

d) Seconda iniziativa: cercare la legna... e questo fu deciso e realizzato in equipe. Questo impegno deve essere rinnovato ogni 15 o 20 giorni perché la legna si consuma presto.

e) terzo lavoro: fare il pane, preparare il forno e fare una riflessione biblica mentre il pane si cuoce nel forno.

ALCUNI PRINCIPI BASICI DECISI IM GRUPPO

a) il gruppo deve essere di cinque persone. Con meno di quattro persone non si può fare il pane. Tutte le persone devono lavorare unite e il più possibile MANUALMENTE. In tutti i casi si devono distribuire i compiti.

b) Il gruppo non fa il pane per una persona che non partecipa al lavoro a meno che non sia per un motivo di malattia o per un problema grave.

c) Quando una donna non può partecipare indichi un'altra che prenda il suo posto. Altra persona di famiglia può sostituire la madre assente.

d) Quando una delle madri di famiglia si ritira, il gruppo deve cercare la sostituta. Quando vi sono più "madri" che vogliono partecipare, si crea un nuovo gruppo con una cordinatrice eletta dallo stesso gruppo.

ANEXO XVIII – Continuação

e) Quando si cerca la farina deve essere fatta anche la distribuzione in comune della quota mensile per ogni gruppo.

f) Ogni gruppo cura la pulizia pensando al gruppo seguente. Lascia annotati in un quaderno gli avvisi necessari per gli altri gruppi.

g) Errori, scambi, furti, mancanza di igiene, litigi ecc. devono essere discussi e risolti nelle riunioni generali o delle cordinatrici.

h) Nei momenti opportuni: conferenze di orientazione sull'igiene, la salute, gli alimenti, come curare il bambini educazione in generale, corsi di Bíblia.

*

7 - ALCUNI DATI E RISULTATI: In poco tempo si notò un rinnovamento di vita fra le "madri" povere:

a) i gruppi di cinque persone arrivarono a otto. Queste frequentavano con costanza e erano scarsi gli assenteismi.

b) I gruppi migliorarono nel loro comportamento e superarono poco a poco i litigi, gli egoismi, le maldicenze e i sospetti. Anche uomini cominciarono a interessarsi all'iniziativa. Avvennero miglioramenti nelle case.

c) Alcune "madri" del forno partecipavano piú regolarmente alle valutazione e riunioni delle altre comunitã, come vila Santo Operãrio di Canoas. Queste alla loro volta, partecipavano alle riunioni di Vila Campina (Rio dos Sinos).

d) A partire de luglio/85 sorsero tre gruppi del forno comunitario, in Vila Brãs, ancora nella parrocchia di Rio dos Sinos. Non avendo un forno comune approfittarono dei piccoli forni delle famiglie.

e) L'intercambio fra le due comunitã fu molto fecondo e stimolante. Nelle riunioni comuni si chiese un corso di orientazione biblica in un linguaggio molto semplice (si cominciò con disegni perché la maggioranza è analfabeta).

f) Fino a Novembre già avevamo stabilito contatti con altre comunitã della parrocchia dove le madri desideravano un forno comunitario.

g) Poco a poco si nota che va sorgendo un movimento di donne povere, a partire dal club di madri di famiglia e dal forno comunitario. Questo movimento già è regionale e nazionale. Due madri dei nostri forni parteciparono all'incontro nazionale delle donne povere ed emarginate a Campinas (San Paolo) in novembre 85.

8 - NUOVA FISIONOMIA DEL "CLUB DELLE MADRI" - Il club delle madri di famiglia oggi si sta trasformando in una associazione delle madri povere, madri del forno, madri delle confezioni, madri della refezione comunitaria, di una comunitã. Dopo gli esperimenti del 1985 in Campina e Vila Brãs non si può immaginare un club di madri dove alcune abbiano piú potere delle altre, dove alcune decidano al posto di altre e vanno per aiutare le piú bisognose senza voler sapere piú in là.

Il nuovo criterio è: tutte aiutano e sono aiutate: "Nessuno è tanto povero o debole che non possa aiutare e nessuno è tanto ricco o forte da non aver bisogno di aiuto". Lo spirito di condivisione e la ricerca di uguaglianza nei diritti e nei doveri sono fondamentali per la nuova fisionomia dei "club di madri". (Vedere i precetti della condivisione).

ANEXO XVIII – Continuação

oltre quella di Campina e Vila Brás. Lo sforzo di creare un centro cumunitário in ogni bairro ha creato poco a poco condizioni per rilanciare la "PASTORALE DELLA DONNA POVERA" in tutte le comunità a partire dal marzo 1986. Poco a poco questo movimento creerà una articolazione di "club di madri" dentro la parrocchia e una articolazione con le altre periferie della grande Porto Alegre e dello stato di Rio Grande do Sul.

Alcune comunità non hanno spazio né mezzi sufficienti. Altre già sono capaci di organizzarsi con i mezzi di cui dispongono, per lo meno per le prime tappe.

9 - FARINA, LEGNA E I "RESTI" DELLA SOCIETÀ DI CONSUMO

Nella produzione di qualunque genere è necessaria la materia prima oltre gli strumenti di lavoro. In questa esperienza educativa le persone entrano solamente con le loro mani, cioè la manodopera, punto di partenza per la rieducazione. Al massimo si può partire da un po' di farina, di lievito e di condimenti. Niente più. "IL FORNO COMUNITARIO" non è difficile a farsi, anche i tavoli per lavorare si ottengono facilmente nelle comunità. Ma esistono cose che esigono spese permanenti e che le persone non sono in grado di assumere. Per questo la fame si trasforma in "MALATTIA ENDEMICA" e la mancanza di roba porta la conseguenza del freddo, delle influenze, polmoniti e altre malattie aggravate dalla fame. Per avviare questo lavoro è necessario garantire la materia prima:

- 1) Farina di vari tipi per fare il pane
- 2) La legna per il forno e la zuppa comunitaria
- 3) Verdure, ossi, condimenti, fagioli, riso, etc. per la zuppa comunitaria dei bambini.
- 4) Indumenti usati per essere rifatti o rammendati.
- 5) stoffe e scampoli di lana o plastipuma per imbottiti e cuscini.
- 6) Scarti di fazendas di fabbriche, avanzi... avanzi... avanzi...

È necessario garantire determinate quantità mensili di farina di grano o farina integrale (semolino) o farina di riso. Ogni tipo di farina ha le sue caratteristiche nella alimentazione del popolo. Procurare farina è lavoro dei gruppi o "club di madri" aiutate dal furgoncino della parrocchia. In commissione le madri trovano persone che danno un contributo mensile di farina.

Quando alle verdure, ossi, ecc. bisogna andare ai mercati liberi o ai supermercati (a CEASA) o alle macellerie. Quello che avanza nella giornata e non si può vendere si può trasformare in alimento per i poveri. In caso di frutta (banane in particolare) si possono fare varietà di "marmellate". Le verdure sono oggetto di orientamento dato dalla dietista. Le "madri" imparano non solamente come cucinare o presentare i piatti, ma anche il valore nutritivo delle varie specie di verdure.

Quanto ai resti (indumenti usati, avanzi di stoffa, cuoio, lana e plastipluma, è opportuno notare che i poveri imparano a fare molte cose artigianamente con quello che la società di consumo getta come spazzatura. Dalla spazzatura della società di consumo i poveri fanno coperte abiti per i bambini, tappeti, imbottiti, cuscini ascugatoi, oltre la zuppa con i resti delle verdure e gli ossi.

ANEXO XVIII – Continuação

Per questo sono necessari mezzi di trasporto, nel caso il furgoncino della parrocchia che funziona in continuazione, per condurre le "madri" a raccogliere i resti di verdure e di frutta, di stoffe e di scampoli. Queste attività sono sempre accompagnate dalle madri che decidono quello e quando fare.

Per chiudere, una riflessione sopra le mani. Nelle nostre esperienze scopriamo che il lavoro manuale è un gran fattore educativo. "DALLE MANI ALLA TESTA", slogan diffuso. Questo slogan ha senso:

- 1) lo sforzo fisico, impastare il pane, oltre a mettere a fianco le persone, rende dinamico il gruppo e sveglia la riflessione e lo scambio di idee.
- 2) Le persone scoprono quello che sanno fare e le capacità assopite.
- 3) si rendono conto dell'importanza dell'igiene, delle mani, del tavolo dove si impasta il pane, delle suppellettili, delle forme, ecc. Educano i figli all'igiene in casa con i bambini, con gli indumenti, ecc.
- 4) Il lavorare insieme induce a mettere in comune i problemi personali, a scambiare idee, ad aiutarsi mutuamente con le esperienze fatte da altri, ecc.

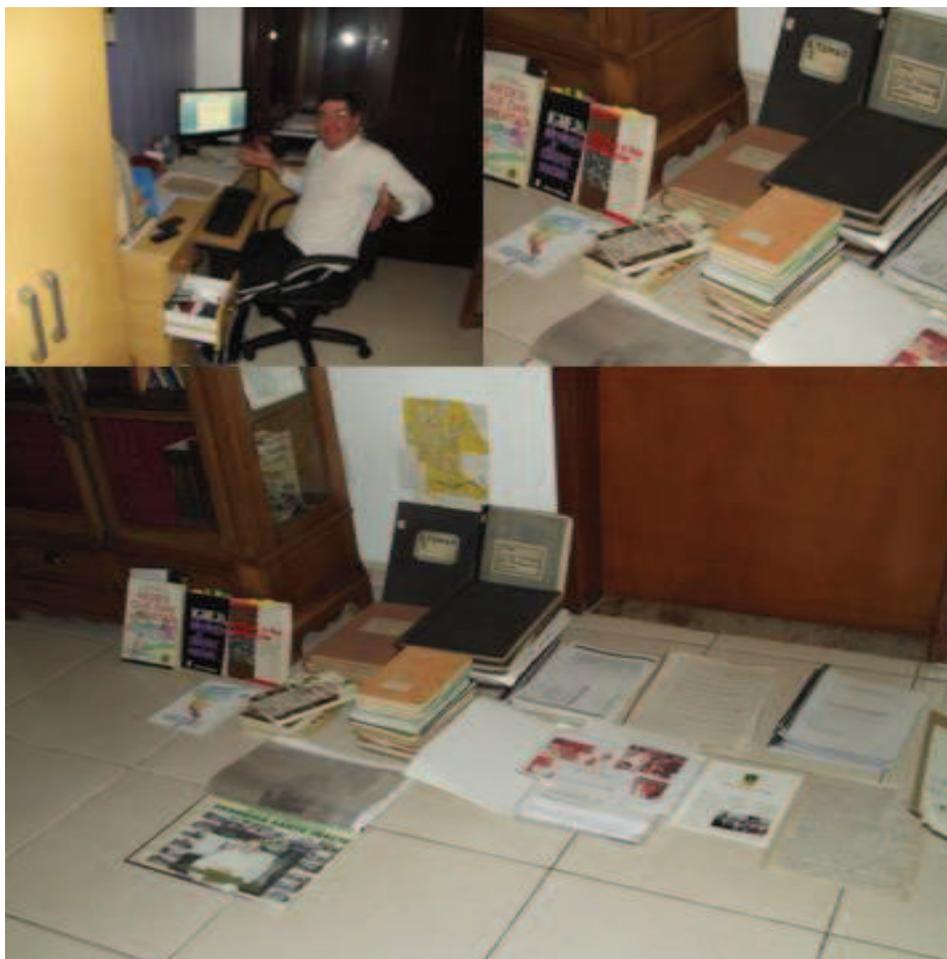
Ci si chiede perché non usiamo una impastatrice meccanica. In primo luogo non l'abbiamo, ma nemmeno la vogliamo. È l'esercizio fisico, il lavorare con le mani che è il punto di partenza di un processo di cambio e di liberazione della donna. E questo poco a poco si proietta nella famiglia e nella comunità e... nel mondo.

Siamo consci che questo lavoro è lento, difficile e molto esigente. Sappiamo anche ^{che} è appena una parte del processo globale di liberazione. D'altra parte siamo convinti che è qualcosa di molto importante e decisivo per i cambi che devono succedere nella parrocchia e nelle comunità. Per questo la "PASTORALE DELLA DONNA POVERA" è una scelta "prioritaria" per i prossimi anni e vogliamo marciare uniti con le altre comunità e luoghi che già hanno fatto questa scelta, in San Leopoldo, nella grande Porto Alegre, in Rio Grande do Sul.

"LAVORO PANE E VANGELO" sono il principio del cambio e la materia prima per il rinnovamento della chiesa, in mezzo al nostro popolo abbandonato, e in esodo da molti anni alla ricerca della TERRA PROMESSA.

OSSERVAZIONE FINALE: Quando parliamo di "PASTORALE DELLA DONNA POVERA" ci riferiamo particolarmente a persone che vivono in una situazione subumana. Ciò significa: molta sofferenza, fame, mancanza di salute e di igiene, legami familiari rotti, analfabetismo, mancanza di responsabilità verso la famiglia ecc. Vuol dire: porcizia nelle case o tuguri, bambini per la strada, con fame, assenti dalle scuole, uomini e donne disoccupati, spesso ubriachi e senza speranza. Vuol dire inoltre: incapacità di riflettere, di stabilire relazioni, paura, vergogna di parlare e di presentarsi in pubblico, e... molte altre cose. E per questo si deve cominciare da quello che è più semplice e fondamentale, usare un metodo progressivo, lento, che parte dalle cose più elementari, dalle necessità primordiali e cominciare di lì il lungo processo di liberazione.

ANEXO XIX – Fotos do acervo pesquisado



ANEXO XX – Organização da II Assembleia da paróquia Santo Inácio

IIª ASSEMBLÉIA DAS COMUNIDADES DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO

DATA DA ASSEMBLÉIA: 14/10/87

Para Lembrar: Na ASSEMBLÉIA de 22/09/1985, foi decidido que todos deveriam empenhar-se no encaminhamento das seguintes PRIORIDADES (Coisas mais importantes):

MELHORAR A VIDA DO POVO

- 1- DIQUE - Criar um comitê de mobilização.
- 2- CRECHES e postos de saúde
- 3- CONSTITUINTE e REFORMA AGRÁRIA
Fazer crescer a consciência e a participação política
- 4- REIVINDICAÇÕES: água e Esgoto/
iluminação/Telefone/onibus/saneamento básico.

FAZER CRESCER AS COMUNIDADES CRISTAS

- 1- DESCENTRALIZAÇÃO, desenvolver mais as comunidades
 - Distribuir tarefas
 - Catequese nas Comunidades
 - Consultar mais o povo
 - Preparar melhor as lideranças
 - Intercâmbio dentro das comunidades e entre as comunidades
- 2- FORMAÇÃO INTEGRAL
 - Escolas do Evangelho
 - Lideranças e Jovens
 - Grupos de Catequistas
 - Educação Política
- 3- JOVENS e PASTORAL DA MULHER POBRE

RELATÓRIO DAS ASSEMBLÉIAS DAS COMUNIDADES

PARA MELHORAR A VIDA DO POVO

- 1- *Pessoas de sua Comunidade participaram das atividades do Comitê Prô-Dique? Muitas ou poucas pessoas? As mobilizações do Prô-Dique mexeram com a consciência dos Cristãos? Por que?*
 - V. Brás - Sim. Muitas. Era de seu interesse, porque sofriam com as cheias e viram a necessidade da conclusão para outras vilas.
 - B. Fim - Sim - Bastante
 - R. Sinos - Aproximadamente 20% especialmente da Marechal Rondon, comunidade mais pobre. Mexeu com a Consciência porque é interesse da Comunidade em geral.
 - Campina - Sim, muitas pessoas participaram e mexeu muito com a consciência do povo, porque em 1º lugar prejudica muito a saúde dos adultos e crianças, as pessoas perdem seus bens, tem estragos nas moradias e por isso a comunidade luta por seus direitos, por vida mais tranquila, justa e digna.
Um breve Histórico das atividades do Comitê Prô-Dique:
 - Duas vezes nos encontramos com o Governador Jair Soares - Várias vezes com a Secretaria de Obras públicas do Estado. Inúmeras vezes com o DNOS. Houve mobilização para acelerar as desapropriações das áreas onde irá passar o Dique. 08 de Março de 1985 a 1ª Romaria do Dique, com pouca participação do povo e muita mobilização do Comitê.

Após a 1.^a Romaria foram feitas conversas com vereadores e deputados e se formou a Comissão de Vereadores e Deputados do Prô-Dique, e se conseguiu maior acesso aos órgãos Competentes. - Assembléia com mais de 600 pessoas na Igreja São Jorge com a presença de Vereadores, Deputados estaduais e Federais em Preparação para a caminhada do dia 31/05/87. - Caminhada e invasão da BR 116 com mais de 4.000 pessoas dia 31/05/87. Posteriormente foi feita uma missa no dique com pouca divulgação e pouca participação. Após, foi pensado e concretizado um acampamento com 3 barracas no dique com ameaça de Greve de fome caso não fossem liberadas verbas para a continuidade das obras. No momento as forças estão concentradas em Porto Alegre no sentido de agilizar a liberação das verbas. O povo acordou e participa inclusive ficando no acampamento por duas semanas sem interrupção.

- Brasilia - Duas pessoas participaram. A mobilização mexeu com a consciência do Povo e deu prova de que é se organizando e lutando que se consegue as coisas.
- V. Elza - Sim, porque não podemos parar, temos que continuar protestando, para ajudar aqueles que sofrem em todas as Cheias.
- Berger - Sim, poucas. Foi importante, valeu a pena.
- P. Mauá - Sim. Rasoavel. Sim. Pela consciência evangélica e humana e pela necessidade de de uma comunidade ser solidária com a outra.
- Campestre - Um das atividades feitas para melhorar a vida de grande parte do pessoal da nossa paróquia foi a mobilização do Prô-Dique do qual poucas pessoas, da nossa comunidade participaram e que não atingiu tanto a consciência por não ser uma necessidade local. Mesmo assim, muitos perceberam o que é uma força comunitária.
- N.Sinos - Diversas pessoas participaram, porque o povo percebeu que é através da organização e da união que eremos conquistar espaço dentro da sociedade.

2- Houve mobilização para a Creche? Quando começou? Quais os passos dados? O que se conseguiu até agora?

- V. Brás - Sim. Setembro de 1984. Visitas nas famílias, levantamento das crianças de 0 a 6 anos, inúmeras reuniões, estudo e planejamento da Comunidade com Associação de bairro, representação da Vila na SEMSAB e COMLEO. Conseguimos o Projeto Barracão atendendo 40 crianças com 4 atendentes e 1 voluntária.
- B. Fim - Não houve.
- R.Sinos - No Rio dos Sinos a Associação de Bairros começou a mobilização mas não deu continuidade.
- Campina - Houve uma reunião com políticos, mas a comunidade ficou em dúvida se cedia o salão por traz disso podia ser politicagem. Depois disso não houve mais nada. Se deu apoio aos lares vizinhos que ainda hoje tem dificuldades por não haver repasse do dinheiro que precisam.
- Brasília - Por enquanto não há mobilização, por não termos condições ou prédios.
- V. Elza - Sim. Foram feita primeiro o pavilhão após foi feito o levantamento das crianças, visitamos o pavilhão da Brás, fizemos reuniões contando com vereadores, Prefeitura, reuniões uma vez por mês, visitas em outras comunidades e no COMLEO.
- Berger - Sim, foi mais em 87, fez-se reuniões na Vila Elza, depois fomos no Centro de São Leopoldo para outras reuniões. Até agora nada se conseguiu.
- P. Mauá - Está avendo. Durante a Campanha da Fraternidade nos grupos de novena. Levantamento das crianças. Assembléia. Escolha da Comissão, um grupo foi no COMLEO (SEMSAB, reuniões na Comunidade com assistente social, planejamento do prédio, conscientização dos pais, pleitiando doações.
- Campestre - Tentou-se fazer uma mobilização para a creche no ano passado (13/11/86), porém sentiu-se como prioridade um posto de saúde. Abandonou-se, então, a luta da Creche. Questiona-se onde foi parar o dinheiro da C. Fraternidade 87 que foi destinado para este fim.
- N.Sinos - Muito pouco

5- Houve campanha de assinaturas para propostas da Constituinte? Falou-se disso nas reuniões e na Igreja? O povo acredita? Por que?

V. Brás - Sim. Sim. Não. Pr achar que quem faz são os grandes e escolhidos e por não saber o que é a tal constituição.

B. Fim -

R.Sinos - Esperança em Deus mas não acreditam. Foi pequena, alguns grupos procuraram as assinaturas outros ignoram a grande maioria não acreditam nos políticos e na esperam dos Constituintes.

Campina - Houve, falou-se em reuniões, na igreja, com palestras e debates. O povo não acredita, está em dúvida com tanto sofrimento, pois já não tem mais condições de alimentar seus filhos porque o salário cada vez baixo está, enquanto que os alimentos sobem a cada dia. Porque o poder está nas mãos dos grandes e eles jamais irão se preocupar com os pobres. Ninguém mais acredita nos políticos porque todos são mentirosos

Brasília- Foram feitas assinaturas na comunidade, mas o povo não acredita muito. Existem muitas propostas, mas nada de concreto, e ainda a maioria dos constituintes são empresários ou fazendeiros.

V. Elza - Sim, houve reuniões, propostas feitas pela juventude, Diretas Já para 88. Esperamos que as nossas propostas na constituinte seja atendido e o povo acredita é na união.

Berger -

Mauá - Algumas pessoas ligadas a comunidade assinaram propostas.

Campestre - Em relação à constituinte, houve a coleta de assinaturas principalmente pelo grupo de jovens (80%) onde foi percebido certo medo de assinar, falta de esclarecimento. Refletiu-se sobre este assunto nas reuniões e celebrações e o pessoal se mostrou confiante por que está cansado da situação.

N.Sinos - ouve lista de assinatura para a constituinte

6- O que foi reivindicado para o bem das nossas vilas? Quem fez a reivindicação? O que foi conseguido até agora?

V. Brás - Saibro, Água, luz, esgoto, telefone, posto de saúde, pavimentação das ruas, creche, aterro - Associação de moradores e Comunidade Católica.

B. Fim - Melhor iluminação, melhorias das ruas, limpeza de bueros, houve o término do asfalto graças a pressão da Comunidade.

R. Sinos- Dique, creche, reforma agrária, casa própria, posto de saúde, esgoto, água, iluminação, calçamento de ruas, lixo, professores para escolas, sindicato, Forno Comunitário. Reivindicados pelas mulheres dos bairros das respectivas comunidades, Pe. Orestes e alguns agentes de Pastoral junto a Prefeitura, vereadores, deputados estaduais e federais, governador, DNOS, INCRA.

Campina - Dique foi o comitê e a comunidade, foi conseguido uma parte. Colégio não se conseguiu nada embora as mães fizessem o levantamento das crianças que estavam se vaga nas escolas. Melhoras nas ruas, asfalto e esgotos. Vila leite luta pela creche - posto de saúde, escola. Campanha do Não feita também pela comunidade.

Brasília-

V. Elza - Foram reivindicados creche, Posto de saúde já em andamento, água, luz em várias ruas.

Berger -

Mauá - Asfalto, luz, posto de saúde, posto de polícia, telefone público, limpeza urbana. Reivindicados pelo conselho administrativo, pastoral, com apoio fundamental do povo.

Campestre - Houve várias reivindicações para melhorar a nossa comunidade: escola, posto de saúde e área de lazer. Até agora foi conseguido o funcionamento de 2 prês (escola) em situações precárias. Participaram da luta a AMPC, jovens, mães, e setor pastoral. Questiona-se a omissão (ausência) da diretoria.

N. Sinos- foi reivindicado caminhão de lixo e foi conseguido. O pré-escolar e foi conseguido por um grupo de senhoras, mas não cumprimento da parte do prefeito. obrigou que este pré fosse suspenso.

3

3- O que se fez para conseguir um "posto de saúde"? O que já está funcionando?

- V. Brás - Por intermédio do Projeto Barracão foi solicitado para a vila um posto de saúde- conseguimos 4 enfermeiras que vem todas as quartas feiras a tarde atender as crianças e aos moradores da vila.
- B. Fim - Sim é necessário, mas ainda não se fez nada.
- R. Sinos-
Campina - Já temos um posto de saúde. Não fizemos esforços sobre isso. Embora tenhamos necessidade que este seja ampliado e melhorado para atender mais gente.
- Brasília-
V. Elza - Foi conseguido com apoio dos vereadores, Padre Orestes, Ir. Virginita e a união e da força dos membros da Comunidade. Está em funcionamento por 3 dias por semana com Médico - Clínico geral.
- Berger -
Mauá -
Campestre - Iniciou-se no ano passado a luta pelo posto de saúde. Foram feitas várias reuniões com o pessoal e com a Comissão de saúde de S. Leopoldo. Reforçou-se a luta com abaixo assinado. Começou-se um trabalho na comunidade, pelo clube de Mães, com pesagem das crianças, incentivo da medicina caseira (Chá, xaropes, fortificantes, pomadas...) O Clube de mães adquiriu um aparelho de pressão. Houve desânimo por causa da irresponsabilidade do médico. Deu-xe um tempo para recomeçar a luta com o apoio da AMPC que estava se formando.
- N. Sinos-

4- Qual a ajuda que sua comunidade deu à "Romaria Conquistadora da Terra Prometida"? Que apoio deu aos colonos sem-terra depois da Romaria? Atividades realizadas na Comunidade?

- V. Brás - Alimentação, caminhada com os colonos. Participação no Comitê pró Reforma Agrária, Manifestação em P. Alegre, pão comunitário, participação no Jejum Discussões nos grupos.
- B. Fim - Teve apoio total; depois da romaria as outras comunidades participaram.
- R. Sinos - Deu apoio completo tanto moral, espiritual e financeiro, acolhida em nosso Salão, celebração em nossa Igreja e ajuda com alimentos no tempo que estiveram aqui e mesmo na Assembléia em POA. Roupas, remédios e Pão durante muitas semanas.
- Campina - Fizemos excursão num onibus para acompanhar a procissão e levar o apoio da comunidade, foi recebido os colonos em nossa comunidade, os quais explicaram a situação em que se encontravam. As mães do forno deram seu apoio fazendo pães para levar a Porto Alegre. A comunidade ajudou também outros alimentos e roupas. Os colonos eram lembrados nas celebrações nas Missas e grupos de orações. Na missa no Rio dos Sinos as mães da Campina lavaram os pés com chás para curar os pés feridos da caminhada. Participação na Romaria da Terra.
- Brasília- ajudou-se com alimentos, pão comunitário e apoio com visitas, orações e comparecimento ao INCRA.
- V. Elza - Foram doados muitos alimentos, excursão, visita e fizemos mutirão de pão. Alimentos eram levados 2 vezes por semana, muitos remédios como xaropes, plantas Mediciniais.
- Berger - Fomos em POA receber os colonos - passeata em S. Leopoldo - ajudou-se na alimentação quando passaram em S. Leopoldo e depois quando estavam em POA - Fizemos novenas de natal sobre isto.
- Mauá - Doações de alimentos arrecadados pelos jovens com apoio da comunidade, clube de mães, se fez pães e mandamos a eles.
- Campestre - Houve participação de algumas pessoas na Romaria da Terra. Lamentou-se não ter havido um incentivo maior da comunidade para as pessoas entusiasmas em participar e impedidas por questões financeiras. Sentiu muito apoio, até na alimentação. Houve consciência da necessidade da reforma agrária.
- N. Sinos- pessoas que foram pedir donativos nas casas como feijão, arroz e outros